



ACADEMIA MILITAR

A Doutrina Sobre o Adversário em Distúrbios Cívicos. Caraterização, Organização e Modos de Atuação.

**Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Diogo Mário Torres Barbosa de
Oliveira**

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria C. Romão L. Bandeira

Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Pedro Miguel F. da Silva Nogueira

Relatório Científico do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2015



ACADEMIA MILITAR

A Doutrina Sobre o Adversário em Distúrbios Cívicos. Caraterização, Organização e Modos de Atuação.

**Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Diogo Mário Torres Barbosa de
Oliveira**

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria C. Romão L. Bandeira

Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Pedro Miguel F. da Silva Nogueira

Relatório Científico do Trabalho de Investigação Aplicado

Lisboa, julho de 2015

Dedicatória

À minha família, namorada e amigos pelo apoio incondicional.

Agradecimentos

O presente trabalho de investigação resulta da vontade de vários intervenientes cujas disponibilidades, conhecimentos e experiências partilhados permitiram a concretização deste trabalho de investigação. Neste sentido, gostaria de agradecer:

À orientadora, Professora Doutora Ana Romão, pela imensurável orientação, dedicação, paciência e disponibilidade, atributos estes indissociáveis do seu grande profissionalismo e qualidade.

Ao coorientador Capitão Pedro Nogueira, pelo manifesto apoio, dedicação, disponibilidade e acessibilidade sempre presentes que em muito contribuíram para a realização deste trabalho de investigação.

A todos os entrevistados pelo seu pronto contributo profissional, disponibilidade e acessibilidade, sem os quais este estudo não seria possível.

À Joana Azevedo pela dedicação, compreensão e apoio inigualáveis, em todos os momentos.

A todos aqueles que informalmente contribuíram com a sua experiência e conhecimento para melhorar a qualidade do presente trabalho.

Aos meus camaradas de curso e amigos por todos os momentos que marcaram a concretização deste percurso.

À minha família pela paciência, compreensão, apoio e por comigo partilhar mais um marco na minha vida pessoal e profissional.

A todos Vós, o meu sincero obrigado.

Resumo

Nos últimos anos temos vindo a assistir a um crescente número de distúrbios civis, causando graves prejuízos materiais e no âmbito do direito à segurança e liberdade do cidadão. A necessidade de compreender esta tipologia de fenómenos, as suas causas e intervenientes reveste-se de especial importância, conscientes da necessidade das forças de segurança, na obtenção de informação e no conhecimento de potenciais ameaças à segurança, ordem e tranquilidade públicas. Assim, o trabalho tem como objetivo averiguar se, na perspetiva da Guarda Nacional Republicana, existe doutrina do adversário com princípios estabelecidos contra as forças de ordem pública, no contexto de distúrbios civis. Para o efeito, importará explorar como se caracteriza o adversário, identificando princípios de organização e modos de atuação, com base na informação disponível em fontes abertas e na experiência de especialistas na área.

O presente estudo adota uma metodologia de tipo qualitativo. Combina a análise de documentação existente em fontes de acesso livre com entrevistas aprofundadas aos oficiais da Guarda Nacional Republicana com experiência na manutenção da ordem pública. Os resultados revelam que o comportamento do adversário genérico, comporta cinco tipologias, com as seguintes modalidades: não violento, violento, incitador/agitador, manifestação não violenta e violenta. Os aspetos organizacionais reportam ao uso da hora do dia e local, partilha de modos de atuação pela internet, estrutura de liderança que prepara e coordena a ação, identificação por intermédio de sinais, uso das redes sociais e novas tecnologias para comunicar nos distúrbios e no plano da desinformação bem como na capacidade de sustentação. Os modos de atuação identificados abarcam a resistência, barricadas, ação de simulação e flanqueamento, linguagem agressiva, uso de veículos e outros objetos, incêndios, armamento e projéteis, adversário não violento, vestuário e material de proteção, dissimulação, vitimização, novas tecnologias e comunicação.

Existe um conjunto de procedimentos comuns partilhados em fontes abertas com princípios identificados do adversário, em distúrbios civis, cujas aplicações práticas são suscetíveis de adaptação, tendo em conta vários fatores contextuais como a cultura, legislação, formas de atuação das forças de segurança, política e motivação do adversário.

Palavras-chave: Adversário; Distúrbios Civis; Organização; Modos de Atuação.

Abstract

In recent years we have been witnessing an increasing number of civil disturbances, causing serious material damages and under mining the right to security and liberty of the citizen. The need to understand this type of incidents, its causes and actors is of particular importance, conscious of the need of the security forces in obtaining information and knowledge of potential threats to public security, order and tranquillity. Thus, the study aims to determine if there is an adversary doctrine with principles set against the public order forces in the context of civil disturbances, in the perspective of the Republican National Guard, characterizing the adversary, identifying principles of organization and operation modes, based on information available in open sources and the experience of experts in the research field.

This study adopts a qualitative methodology. It combines the analysis of existing documentation in open sources with detailed interviews with officers of the Republican National Guard with experience in maintaining public order. The results show that the generic adversary behaviour comprises five types: non-violent, violent, instigator/agitator, non-violent and violent demonstration. Organizational aspects relate to the use of time of day and location, sharing of operation modes online, leadership structure that prepares and coordinates the action, identification through signs, use of social networks and new technologies to communicate disorders and in the plain of disinformation and sustainability capacity. The identified performance modes cover the resistance, barricades, simulation and flanking action, aggressive language, use of vehicles and other objects, fire, weapons and projectiles, non-violent adversary, clothing and protective material, concealment, victimization, new technologies and communication.

There is a common set of procedures of the adversary shared in open sources with identified principles in civil disturbances whose practical applications are likely to go through adaptations, taking into account various contextual factors such as culture, laws, security forces procedures, politics and adversary motivation.

Keywords: Adversary; Civil Disturbances; Organization; Action Modes.

Índice geral

Capítulo 1 – Apresentação do Trabalho de Investigação	1
1.1. Enquadramento do trabalho	1
1.2. Contextualização da Investigação	1
1.3. Importância e justificação do tema	2
1.4. Definição dos Objetivos.....	3
1.5. Questões e Hipóteses de Investigação	4
1.6. Metodologia	5
1.7. Estrutura do trabalho	6
Capítulo 2 – Ordem Pública	7
2.1. Conceito de Ordem Pública	7
2.1.1. A perspetiva doutrinária	7
2.1.2. A perspetiva da legislação nacional e internacional	8
2.1.3. Síntese conclusiva.....	9
Capítulo 3 – Guarda Nacional Republicana	10
3.1. Enquadramento no sistema de forças.....	10
3.2. Missão, Atribuições e Valências.....	10
3.3. A valência de Ordem Pública.....	11
Capítulo 4 – Princípios da atividade operacional da GNR	13
4.1. Introdução	13
4.2. Caracterização da ameaça	14
Capítulo 5 – Distúrbios Cíveis	16
5.1. Definição.....	16
5.2. Causas dos Distúrbios Cíveis.....	16
5.3. A manifestação.....	17
5.4. O Adversário.....	18
5.4.1.Caraterização	18
5.4.2.Organização	19
5.4.3.Modos de Atuação	20
Capítulo 6 – Metodologias e Procedimentos	22
6.1. Introdução	22

6.2.	Procedimentos e técnicas	23
6.2.1	Entrevistas	23
6.2.2	Análise documental em fontes abertas	24
6.3.	Caraterização da amostra	25
Capítulo 7 – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados		27
7.1.	Análise e discussão do resultado das entrevistas	27
7.2.	Análise documental em fontes abertas	38
7.2.1	Guia do manifestante no Egito	39
7.2.2	Guia do manifestante do Reino Unido	40
7.2.3	Guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>	43
7.3.	Síntese conclusiva	45
Capítulo 8 – Conclusões e Recomendações		48
8.1.	Verificação das hipóteses	48
8.2.	Reflexões finais	52
8.3.	Limitações da investigação	53
8.4.	Recomendações e futuras investigações	53
Referências Bibliográficas		54
Apêndices.....		A-1
Apêndice A – Montagem fotográfica de manifestantes violentos na Assembleia da República na manifestação de 14 de novembro de 2012		A-2
Apêndice B – Montagem fotográfica do panorama junto à Assembleia da República na manifestação de 14 de novembro de 2012		A-3
Apêndice C – Guião de Entrevista		A-5
Apêndice D – Codificação alfanumérica das respostas dos entrevistados		A-9
Apêndice E – Quadro análise de conteúdo de entrevistas.....		A-12
Apêndice F – Guia do manifestante no Egito		A-30
Apêndice G – Guia do manifestante no Reino Unido.....		A-35
Apêndice H – Guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>		A-43
Anexos.....		B-1

Anexo A – Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012.	B-2
Anexo B – Sequência simplificada das ações de comando	B-3
Anexo C – Enquadramento da GNR no Sistema de Forças Nacional.....	B-4

Índice de Ilustrações

Ilustração n.º 1 – Manifestantes violentos fotografados em frente à Assembleia da República, a 14 de novembro de 2012.	A-2
Ilustração n.º 2 – Consequências resultantes da manifestação de 12 de novembro de 2012, junto à Assembleia da República.....	A-3
Ilustração n.º 3 – Consequências resultantes da manifestação de 12 de novembro de 2012, nas ruas de acesso à Assembleia da República.	A-4
Ilustração 4- Classificação alfanumérica das questões da entrevista.	A-8
Ilustração n.º 5 – Guia do manifestante no Egito.	A-30
Ilustração n.º 6 – Guia do manifestante no Egito.	A-31
Ilustração n.º 7 – Guia do manifestante no Egito.	A-32
Ilustração n.º 8 – Guia do manifestante no Egito.	A-33
Ilustração n.º 9 – Guia do manifestante no Egito.	A-34
Ilustração n.º 10 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-35
Ilustração n.º 11 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-36
Ilustração n.º 12 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-37
Ilustração n.º 13 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-38
Ilustração n.º 14 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-39
Ilustração n.º 15 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-40
Ilustração n.º 16 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-41
Ilustração n.º 17 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.	A-42

Ilustração n.º 18 – Excerto do guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>	A-43
Ilustração n.º 19 – Excerto do guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>	A-44
Ilustração n.º 20 – Excerto do guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>	A-45
Ilustração n.º 21 – Excerto do guia do manifestante dos <i>Anonymous</i>	A-46
Ilustração n.º 22 – Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012.	B-2
Ilustração n.º 23 - Sequência simplificada das ações de comando.....	B-3
Ilustração n.º 24 – Enquadramento da GNR no Sistema de Forças Nacional.	B-4

Índice de Quadros

Quadro n.º 1 – Síntese dos princípios fundamentais da atividade operacional da GNR.....	13
Quadro n.º 2 – Tipologia dos modos de atuação do Adv em Distúrbios civis	20
Quadro n.º 3 – Caraterização dos entrevistados	26
Quadro n.º 4 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas QA1	28
Quadro n.º 5 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas QA2	29
Quadro n.º 6 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas QB1	29

Quadro n.º 7 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas QB2	30
Quadro n.º 8 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas QB3	30
Quadro n.º 9 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QC1.....	31
Quadro n.º 10 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QC2.....	32
Quadro n.º 11 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.1	32
Quadro n.º 12 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.2	33
Quadro n.º 13 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.3	33
Quadro n.º 14 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.4	34
Quadro n.º 15 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.5	34
Quadro n.º 16 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.6	35
Quadro n.º 17 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.7	36
Quadro n.º 18 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.8	36
Quadro n.º 19 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.9	37
Quadro n.º 20 – Análise quantitativa dos segmentos das respostas QD1.10	38
Quadro n.º 21 – Análise do conteúdo do guia do manifestante no Egito ao módulo C, “Organização”	39
Quadro n.º 22 – Análise de conteúdo do guia do manifestante no Egito ao módulo D, “Modos de Atuação”	40
Quadro n.º 23 – Análise de conteúdo do guia do manifestante do Reino Unido ao módulo C, “Organização”	41

Quadro n.º 24 – Análise de conteúdo do guia do manifestante do Reino Unido ao módulo D, “Modos de Atuação”	42
Quadro n.º 25 – Análise de conteúdo do guia do manifestante dos <i>Anonymous</i> aos módulos C “Organização” e D “Modos de Atuação”	44
Quadro n.º 26 – Síntese das características organizacionais do Adv em Distúrbios Cívicos	47
Quadro n.º 27 – Síntese dos modos de atuação do Adv em Distúrbios Cívicos	46
Quadro n.º 28 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QA1.....	A-12
Quadro n.º 29 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QA2.....	A-13
Quadro n.º 30 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QB1.....	A-15
Quadro n.º 31 – Quadro de análise de conteúdo das respostas às QB2.	A-15
Quadro n.º 32 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QB3.....	A-17
Quadro n.º 33 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QC1.....	A-18
Quadro n.º 34 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QC2.....	A-20
Quadro n.º 35 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QD1.....	A-21
Quadro n.º 36 – Codificação alfanumérica dos segmentos de respostas dos entrevistados	A-9

Lista de apêndices

Apêndice A – Montagem fotográfica de manifestantes violentos na Assembleia da República na manifestação de 14 de Novembro de 2012

Apêndice B – Montagem fotográfica do panorama junto à Assembleia da República na manifestação de 14 de Novembro de 2012

Apêndice C – Guião de Entrevista

Apêndice D – Quadro análise de conteúdo de entrevistas

Apêndice E – Codificação alfanumérica das respostas dos entrevistados

Apêndice F – Guia do manifestante no Egito

Apêndice G – Guia do manifestante no Reino Unido

Apêndice H – Guia do manifestante dos *Anonymous*

Lista de anexos

Anexo A – Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012

Anexo B – Sequência simplificada das ações de comando

Anexo C – Enquadramento da GNR no Sistema de Forças Nacional

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

Adv	Adversário
AM	Academia Militar
APA	<i>American Psychological Association</i>
AR	Assembleia da República
CC	Código Civil
CEE	Comunidade Económica Europeia
CRP	Constituição da República Portuguesa
DI	Direção de Informações
DUDH	Declaração Universal dos Direitos do Homem
EISEOP	Equipas de Intervenção em Situações Especiais de Ordem Pública
ERMOP	Esquadrão Restabelecimento e Ordem Pública
FS	Forças de Segurança
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnica
GIOP	Grupo de Intervenção e Ordem Pública
GNR	Guarda Nacional Republicana
ISCPSI	Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna
LOGNR	Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana
LOPSP	Lei Orgânica da Polícia de Segurança Pública
LSI	Lei de Segurança Interna
MAI	Ministério da Administração Interna
MDN	Ministério da Defesa Nacional
NEP	Norma de Execução Permanente
NIC	Núcleo de Investigação Criminal
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PDM	Processo de Decisão Militar
PI	Pelotão de Intervenção
PIOP	Pelotão de Intervenção e Ordem Pública
RCFTIA	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicado
SIS	Serviço de Informações Segurança
TN	Território Nacional
TPO	Tirocínio Para Oficiais

UI	Unidade de Intervenção
US	<i>United States of America</i>
USHE	Unidade de Segurança e Honras de Estado

“Aquele que conhece o inimigo e se conhece a si mesmo, sairá vitorioso de cem batalhas; aquele se conhece a si mesmo mas não ao inimigo por cada vitória conquistada conhecerá uma derrota. Aquele que não se conhece a si mesmo nem o inimigo será derrotado em todas as batalhas.”

(Sun Tzu, 2009, p.24)

Capítulo 1

Apresentação do Trabalho de Investigação

1.1. Enquadramento do trabalho

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) constitui-se como um dos objetivos do Tirocínio Para Oficiais (TPO) inserido no plano curricular para a formação de oficiais da Guarda Nacional Republicana (GNR) na Academia Militar (AM), conducente à obtenção do grau de mestre em Ciências Militares na especialidade de Segurança. Este trabalho comporta uma investigação realizada na área científica da Organização, Tática e Logística (M1 - OTL) e intitula-se por “A Doutrina Sobre o Adversário em Distúrbios Civis. Caracterização, Organização e Modos de Atuação”.

1.2. Contextualização da Investigação

Os distúrbios civis são um fenómeno com incidências em todas as regiões do mundo e em todos os séculos fruto de várias causas que se verificaram isoladamente ou em simultâneo como a pobreza, a fome, desemprego, greves, desporto, origem política, económica, religiosa ou étnica (Hunsicker, 2011, p.49, tradução própria).

Este tipo de incidentes deve ser alvo de análise cuidada, em particular quando está em causa o respeito pelo sistema normativo do Estado de Direito Democrático que sustenta a ordem pública. Sem esse “conjunto de regras necessárias à vida em sociedade”, estaríamos perante “a anarquia e o completo atropelo às mais elementares regras de convivência entre os Homens” (Oliveira, 2000, p.5).

Para dar cumprimento a este pilar social, as forças de segurança devem, para além de toda a preparação técnica e tática, dar resposta a este tipo de incidentes, ter o conhecimento de potenciais ameaças que possam enfrentar, particularmente no conhecimento dos grupos de indivíduos que pratiquem ações contra a ordem, segurança e tranquilidade públicas. As novas tecnologias possibilitam uma partilha de informação rápida e em grandes quantidades constituindo-se como um enorme acervo de

conhecimento das mais diversas temáticas, incluindo o assunto de que trata nesta investigação.

1.3. Importância e justificação do tema

Nos últimos anos temos vindo a assistir a um crescente número de distúrbios civis causando graves prejuízos a vários níveis. Para referir apenas alguns exemplos, recordamos as ocorrências em França, em 2009, associadas a conjunto de fatores étnicos, desemprego e instabilidade social (Duprez, 2009, p.753, tradução própria). Também a Grécia, em 2008 e posteriormente, foi palco de vários distúrbios civis derivados da crise económica e demais implicações no quotidiano social. (Economides e Monastiriotis, 2008, p.5, tradução própria). Na Inglaterra, em 2011, ocorreram 4 dias de graves distúrbios civis, que tiveram origem num protesto pacífico contra uma ação policial isolada ocorrida dias antes (Metropolitan Police Service, 2012, p.14, tradução própria).

Especificamente no caso português, relativamente à ocorrência de distúrbios civis, importa destacar que no ano de 2012, na Assembleia da República, ocorreram 96 incidentes de alteração da ordem pública, 30 dos quais violentos, e destes 7 muito violentos,¹ tendo sido apontada a presença de grupos organizados para fomentar a desordem, em vários momentos dos distúrbios.²

A necessidade de compreender esta tipologia de fenómenos, as suas causas e intervenientes reveste-se de especial importância, pelo sentimento de insegurança que gera junto dos cidadãos, numa atualidade em que o número de incidentes que envolvem distúrbios civis aumenta a cada minuto que passa (Hunsicker, 2011, tradução própria).

Neste sentido, conscientes da necessidade das forças de segurança na obtenção de informação e, em particular, no conhecimento de potenciais ameaças ao bem estar da população, importa caracterizar o Adversário (Adv) em distúrbios civis, averiguar a sua organização e modos de atuação que adota neste contexto, tendo em conta o papel das novas tecnologias, nomeadamente, da internet enquanto fonte aberta de partilha de informação.

¹ Cfr. Anexo A – Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012.

² Cfr. Apêndice A – Montagem fotográfica de manifestantes violentos na Assembleia da República em 14 de novembro de 2012 e Apêndice B – Montagem fotográfica do panorama junto à Assembleia da República na manifestação de 14 de novembro de 2012.

A sociedade global em que vivemos “assenta em dois pilares novos: a Internet e a sociedade em rede (...). A Internet é o mundo tornado globo, a acção tornada possível global e instantânea, é a equivalência entre a realidade e a própria rede. A sociedade em rede, seguindo a argumentação de Manuel Castells é o novo modelo organizacional, social e cultural da contemporaneidade” (Ilharco, 2009, p.155). O facto de o Adv poder aceder a conhecimento sobre formas de fazer face à acção das forças de segurança, causar distúrbios civis com efeitos negativos consideráveis, a par da existência de grupos organizados que desafiam a autoridade do Estado e, em alguns casos, até se pode deslocar e concentrar em qualquer ponto do globo, relevam para a importância da presente investigação.

O facto da sociedade em rede poder ser definida como “uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas (...) que geram, processam e distribuem informação a partir do conhecimento acumulado” (Castells, 2005, p.20) permite compreender, numa análise um pouco mais detalhada, que o conhecimento do Adv, disponível em fontes abertas, parece encontrar sustentação tanto em experiências de confrontação com as FS de vários países como no estudo das próprias formas de atuação policial, o que aponta para a necessidade de reforçar a fundamentação e relação deste conhecimento, em termos de viabilidade de aplicação prática.

A possibilidade de existir um Adversário preparado que aproveita o direito de reunião e manifestação,³ como pretexto para provocar distúrbios, danificar mobiliário urbano e desafiar não só a acção das forças de segurança como, em última análise, a própria autoridade do Estado, é suscetível de gerar um forte sentimento de insegurança.⁴

1.4. Definição dos Objetivos

No sentido de definir as linhas orientadoras da presente investigação, estabeleceram-se objetivos gerais e específicos. Assim, o objetivo geral é averiguar se

³ De acordo com o n.º1, do artigo 45.º, da CRP, “Os cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas, mesmo em lugares abertos ao público, sem necessidade de qualquer autorização.” A este propósito salienta-se ainda que a regulamentação do direito de reunião e manifestação vem consagrada no Decreto Lei n.º 406/74, de 29 de agosto.

⁴ Numa análise sucinta ao Relatório Anual de Segurança Interna (RASI), na última década, o sentimento de insegurança surge como uma preocupação constante, diretamente relacionada com análise da criminalidade estatística e as repercussões que esta influi no bem estar social. Esta preocupação conduziu, no ano de 2008, à realização de um estudo, sobre a avaliação dos processos de mudança social em Portugal referindo que a percepção da criminalidade dos cidadãos afeta diretamente a sua confiança no Sistema de Segurança Interna (RASI, 2008, p. 42).

existe uma doutrina do adversário em distúrbios civis com princípios estabelecidos contra as forças de ordem pública, na perspetiva da Guarda Nacional Republicana.

Os objetivos específicos concorrem mutuamente para a concretização do objetivo geral do trabalho de investigação. A sua subordinação deve, portanto, ser fiel ao objetivo geral de modo a não criar desvios na investigação. Neste sentido, prosseguimos os seguintes objetivos específicos:

- Reconhecer o adversário em distúrbios civis;
- Identificar princípios de organização do adversário;
- Identificar modos de atuação do Adversário, com base na informação disponível em fontes abertas e na experiência de especialistas na área.

1.5. Questões e Hipóteses de Investigação

No trabalho de investigação, “a melhor forma de começar (...) consiste em esforçar-se por enunciar o projeto sob a forma de pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar e compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.44). Deste modo, a questão central da presente investigação é: “Existe uma doutrina do Adversário em distúrbios civis com princípios estabelecidos contra as forças de ordem pública, na perspetiva da Guarda Nacional Republicana?”

Para alcançar a resposta à questão de partida e delimitar a abrangência do estudo, foram elaboradas as seguintes questões derivadas (QD):

QD1: Como se caracteriza o Adversário em distúrbios civis?

QD2: Que aspetos/parâmetros (in)formam sobre a organização que o Adversário possui neste âmbito?

QD3: O Adversário tem capacidade para executar ações concertadas contra as FS?

Após ser feito um estudo aprofundado do tema, devem ser elaboradas hipóteses, que são “sugestões, conjeturas de resposta às perguntas de partida e às perguntas derivadas” (Sarmiento, 2013, p. 130). Para este trabalho de investigação, de acordo com as questões derivadas, foram formuladas as seguintes hipóteses (H):

H1 – A recolha de informação permite compreender o tipo de ameaça que o Adversário constitui e informar sobre a sua caracterização, organização e modos de atuação.

H2 – Existe uma doutrina generalizada do Adversário para distúrbios civis com princípios e modos de atuação estabelecidos.

H3 – O Adversário é caracterizável de uma forma geral quanto ao comportamento que adota no decorrer dos distúrbios civis.

H4 – A existência de organização é facto indiciador de um Adversário profissional em distúrbios civis.

H5 – O Adversário utiliza as redes sociais como meio para preparar e executar distúrbios civis.

H6 – O Adversário tem modos de atuação generalizados contra a ação das FS que são partilhados em fontes abertas.

1.6. Metodologia

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido de acordo com as orientações preceituadas na Norma de Execução Permanente (NEP) n.º 520/2ª/01JUN13/AM, sendo que nas situações omitidas por esta foram seguidas as normas da *American Psychological Association* (APA).

A primeira fase da investigação comportou uma pesquisa documental exaustiva que teve lugar na Biblioteca da Academia Militar (AM), Biblioteca Nacional, Biblioteca da Guarda Nacional Republicana (GNR), Biblioteca do Instituto Superior Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), Biblioteca da Escola da Guarda (EG). A pesquisa de informação englobou vários documentos disponíveis em fontes abertas. Foram ainda realizadas entrevistas exploratórias a especialistas para uma definição e conceptualização mais apurada da problemática em estudo.

O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas aprofundadas aos oficiais da GNR que estejam a desempenhar (ou tenham desempenhado) funções relevantes para este estudo, concretamente, oficiais com experiência na manutenção da ordem pública e/ou oficiais com conhecimento de grupos identificados na sequência de comportamentos contra a autoridade do Estado. No sentido de aproximar o suporte teórico da investigação com os dados recolhidos e analisados das entrevistas, foi conduzida uma análise de documentos existentes em fontes abertas que exemplificam vários aspetos do assunto em estudo, no que diz respeito à organização e modos de atuação do Adv em distúrbios civis.

1.7. Estrutura do trabalho

O presente RCFTIA encontra-se estruturado em 4 partes essenciais que se subdividem em capítulos, nomeadamente, a parte introdutória (capítulo 1), a parte teórica (capítulos 2, 3, 4 e 5), a parte prática (capítulos 6 e 7) e a parte conclusiva (capítulo 8).

O capítulo 2 reporta ao conceito de ordem pública, tendo em conta a perspetiva doutrinária, da legislação nacional e internacional sendo que no final é apresentada uma breve síntese conclusiva para destacar os aspetos mais importantes do capítulo.

O capítulo 3 contempla o enquadramento da GNR no sistema de forças nacional, referindo quais as missões que esta força de segurança cumpre bem como as suas atribuições e valências, com uma análise mais profunda da valência de ordem pública pela sua importância para o assunto em estudo.

O capítulo 4 trata os princípios fundamentais da atividade operacional na GNR, destacando os que se relacionam com o conceito da ameaça, definido neste capítulo.

O capítulo 5 refere-se aos distúrbios civis, conceito, causas que lhe estão inerentes, o que se entende por manifestação e aborda o Adv quanto à sua caracterização, organização e modos de atuação.

O capítulo 6 reporta às metodologias utilizadas na presente investigação, especificando os procedimentos e técnicas, relativamente, às entrevistas e respetiva caracterização da amostra, assim como da análise documental em fontes abertas.

O capítulo 7 relaciona-se com a apresentação, análise e discussão dos resultados, das entrevistas realizadas e análise de guias do manifestante no Egito, Reino Unido e do Grupo *Anonymous*, disponíveis em fontes abertas, sendo apresentada uma síntese conclusiva, contendo os principais aspetos do trabalho de campo efetuado.

Por último, o capítulo 8 engloba as conclusões e recomendações do presente RCFTIA, apresentando a verificação das hipóteses elaboradas inicialmente, respondendo às questões derivadas e questão central, limitações do estudo e recomendações para futuras investigações.

Capítulo 2

Ordem Pública

2.1. Conceito de Ordem Pública

Com base na análise bibliográfica, foi possível constatar que o conceito de ordem pública é bastante amplo e dotado de uma certa “ambiguidade conceptual que se traduz, sobretudo, ao significar para uns os parâmetros basilares do comportamento social, para outros, a paz pública efetiva nas ruas” (Alves, citado por Farinha, 2011, p. 8). Torna-se necessário, clarificar a definição de ordem pública que tem como referência os factos, sendo “vista como a ausência de toda a perturbação material ou ausência de desordem”, bem como as leis, visando a competência das forças de segurança para garantir a “segurança, tranquilidade e a salubridade públicas”.⁵

2.1.1. A perspetiva doutrinária

A ordem pública surge como um pilar essencial no normal funcionamento do Estado de Direito Democrático podendo ser entendida como um “conjunto de princípios fundamentais à vida em sociedade” (Oliveira, 2000, p. 5). Outras definições podem ser avançadas para o conceito em questão como, “o conjunto de princípios fundamentais subjacentes ao sistema jurídico, que o estado e a sociedade estão substancialmente interessados em que prevaleçam” (Mota Pinto, citado por Oliveira, 2000, p. 10) ou, “consideram-se de um modo geral, normas de ordem pública as que visam direta e fundamentalmente tutelar os interesses superiores da coletividade” (Almeida e Costa, citado por Oliveira, 2000, p. 10).

Neste sentido, importa destacar que o conceito reveste-se de grande flexibilidade e adaptação, dado que se constitui um “ideal aceite pela coletividade” cujo “exato alcance da ordem pública depende do conjunto de valores sociais” (António Sousa, citado por Silva,

⁵ A tranquilidade pública engloba a luta contra as rixas, os tumultos, os ruídos de vizinhança e ajuntamentos noturnos que perturbam o sossego dos habitantes. A segurança pública implica tudo o que diz respeito à comodidade do trânsito nas ruas, praças e vias públicas. A salubridade pública, de uma forma geral, diz respeito a medidas tendo em vista a saúde pública como, por exemplo, a remoção de cadáveres da via pública (Dominique Turpin, citado por Oliveira, 2000, p. 18).

2014, p. 6). Na esfera dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, a ordem pública reporta a um “Conjunto de condições externas necessárias ao regular funcionamento das instituições e ao pleno exercício dos direitos individuais” (Jorge Miranda, citado por Farinha, 2011, p. 9).

2.1.2. A perspetiva da legislação nacional e internacional

Sobre o conceito de ordem pública, é possível constatar que “Quase todos os ramos do Direito evocam a noção de ordem pública, mas sem nunca a definirem” (Oliveira, 2000, p. 7).

No caso da Constituição da República Portuguesa (CRP), o valor constitucional da expressão, “ordem pública” surge de forma indireta, através da Declaração Universal dos Direitos do Homem (DUDH).⁶ Neste documento, destaca-se que “No exercício destes direitos e gozo destas liberdades ninguém está sujeito às limitações estabelecidas pela lei com vista exclusivamente a promover o reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos outros a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar numa sociedade democrática” (n.º2, do artigo 29º, da DUDH).⁷

O Código Civil (CC) estabelece que “não são aplicáveis os preceitos da lei estrangeira indicados pela norma de conflitos, quando essa aplicação envolva ofensa dos princípios fundamentais da ordem pública internacional do Estado Português” (n.º1, do artigo 22º, do CC).

No que respeita ao direito penal, o conceito de ordem pública surge “como um bem jurídico fundamental que deve ser protegido pelas suas normas” (Oliveira, 2000, p. 8), referido no título do capítulo V, “Dos crimes contra a ordem e a tranquilidade públicas.”

No ramo do direito administrativo, a ordem pública é referida como o fim da polícia administrativa geral, decompondo-se na clássica trilogia de segurança, tranquilidade e salubridade públicas (Oliveira, 2000, p. 11).

Para o direito comunitário, a questão do conceito de ordem pública remete para o entendimento de cada Estado Membro e a aplicação de um quadro de medidas para

⁶ A propósito do artigo 8º, da CRP (Direito internacional) estipula a integração do direito internacional no ordenamento jurídico português.

⁷ Existem ainda outras expressões afins da ordem pública, embora não coincidentes, tais como: legalidade democrática, ordem constitucional democrática e segurança interna (Jorge Miranda, citado por Oliveira, 2000, p. 9).

impedir a entrada e permanência de um cidadão comunitário, atendendo ao comportamento pessoal do mesmo (n.º1, do artigo 3.º, da Diretiva do conselho n.º 64/221/CEE).

Relativamente à Lei de Segurança Interna (LSI), a mesma estabelece “A segurança interna é a actividade desenvolvida pelo Estado para garantir a ordem, a segurança e a tranquilidade públicas” (n.º1, do artigo 1.º, da LSI).

2.1.3. Síntese conclusiva

Face às várias definições apresentadas, podemos verificar que o conceito de ordem pública não é facilmente definido pelo que assistimos a uma dualidade do conceito. Por um lado, a ordem pública surge como a ausência de desordem envolvendo, de uma forma mais alargada, o conjunto de requisitos para assegurar o funcionamento das instituições e efetivo cumprimento dos direitos, liberdades e garantias. Por outro lado, a ordem pública é vista em função das exigências da sociedade sendo que as medidas que daí decorrem são destinadas a garantir a segurança, tranquilidade e salubridade públicas (Oliveira, 2000, p. 21).⁸

⁸ Cabe às forças de segurança, nomeadamente, à Guarda Nacional Republicana (GNR) e à Polícia de Segurança Pública (PSP), a competência de manutenção da ordem pública. (artigo 4.º, da LOGNR conjugado com o mesmo artigo, da LOPSP).

Capítulo 3

Guarda Nacional Republicana

3.1. Enquadramento no sistema de forças

A Guarda Nacional Republicana é “uma força de segurança de natureza militar, constituída por militares organizados num corpo especial de tropas e dotada de autonomia administrativa” (n.º 1, do artigo 1.º, da Lei nº 63/ 2007, de 6 de novembro - LOGNR).

Dada a sua natureza militar, a GNR encontra-se sujeita a uma dupla dependência, encontrando-se sob a tutela do Ministério da Administração Interna (MAI) e do Ministério da Defesa Nacional (MDN).⁹

Importa referir que a “sua natureza e polivalência, a Guarda encontra o seu posicionamento institucional no conjunto das forças militares e das forças e serviços de segurança, sendo a única força de segurança com natureza e organização militar. A Guarda constitui-se assim como uma Instituição numa posição de charneira, entre as Forças Armadas e as Forças e Serviços de Segurança” (Guarda Nacional Republicana, 2013, p. 20). Neste sentido, acrescenta-se o facto da GNR se constituir como “uma força especialmente apta a cobrir, em permanência, todo o espectro da conflitualidade, em quaisquer das modalidades de intervenção das Forças Nacionais e nas mais diversas situações, desde o tempo de paz e de normalidade institucional ao de guerra, passando pelas situações de crise, quer a nível interno, quer externo (Guarda Nacional Republicana, 2013, p. 21).

3.2. Missão, Atribuições e Valências

A GNR tem como missão “assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, bem como colaborar na execução da política de defesa

⁹ A GNR encontra-se na dependência do membro do Governo responsável pela área da administração interna e do membro do Governo responsável pela área da defesa nacional, no que respeita à uniformização, normalização da doutrina militar, do armamento e do equipamento, na medida que as suas forças são colocadas na dependência operacional do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, através do seu Comandante-Geral, nos casos e termos previstos nas Leis de Defesa Nacional e das Forças Armadas e do regime do estado de sítio e do estado de emergência (artigo 2.º, da LOGNR).

nacional, nos termos da Constituição e da Lei” (Guarda Nacional Republicana, 2013, p. 21).

Das várias atribuições que estão cometidas à GNR destacamos no âmbito do presente trabalho de investigação as seguintes:

- “Garantir a ordem e a tranquilidade públicas e a segurança e a protecção das pessoas e dos bens;”
- “Prevenir a prática dos demais actos contrários à lei e aos regulamentos;”
- “Garantir a execução dos actos administrativos emanados da autoridade competente que visem impedir o incumprimento da lei ou a sua violação continuada;”
- “Proteger, socorrer e auxiliar os cidadãos e defender e preservar os bens que se encontrem em situações de perigo, por causas provenientes da acção humana ou da natureza.”¹⁰

3.3. A valência de Ordem Pública

A GNR compreende um vasto conjunto de valências, das quais se destaca a ordem pública.¹¹ A Guarda possui uma unidade especialmente vocacionada para as missões de manutenção e restabelecimento da ordem pública,” a Unidade de Intervenção (UI) (n.º1, do artigo 44.º, da LOGNR).

De acordo com o Despacho n.º 77/08-OG, o Grupo de Intervenção de Ordem Pública (GIOP) é “responsável pelo cumprimento de missões de manutenção e restabelecimento da ordem pública.” Esta subunidade pode ser apoiada/reforçada pelo Grupo de Intervenção Cinotécnica (GIC) que “é responsável por efectuar o emprego operacional dos meios cinotécnicos em missões atribuídas e em reforço às unidades” e pela Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE) que mantém disponível, em permanência, um esquadrão a cavalo, para reforço da Unidade de Intervenção” (art.º 8.º, da Portaria n.º 1450/2008, de 16 de Dezembro, e no ponto 6, do Despacho n.º 57/09-OG).

Em termos de efetivos, o GIOP é composto por quatro Companhias de Intervenção de Ordem Pública (CIOP), estando cada uma composta por três Pelotões de Intervenção de

¹⁰ Cfr. Alíneas b), d), g) e i), do n.º 1, do artigo 3.º, da LOGNR.

¹¹ A missão da Guarda abrange diversas áreas, nomeadamente: polícia criminal; Polícia administrativa; Segurança e ordem pública; Fiscalização e regulação da circulação rodoviária; Polícia Fiscal – Aduaneira; Proteção da natureza e ambiente; Proteção e socorro; Missões Militares; Missões Internacionais (Branco, 2010, p. 244 a 257).

Ordem Pública (PIOP). O GIC é composto por uma Companhia de Intervenção Cinotécnica (CIC), organizada em dois Pelotões de Intervenção (PI), cada um com três secções de binómios de guarda patrulha e uma secção de binómios de intervenção táctica. No caso do Esquadrão de Restabelecimento de Ordem Pública (ERMOP), este é constituído por três Pelotões de Restabelecimento e Manutenção da Ordem Pública (PRMOP).

Capítulo 4

Princípios da atividade operacional da GNR

4.1. Introdução

No que respeita às operações desenvolvidas pela GNR estas requerem “um planeamento tanto quanto possível minucioso, efectuado sobre informações correctas e, quando necessário, em reconhecimentos pormenorizados. Os Princípios da Actividade Operacional são normas gerais de acção que devem ser respeitadas na conduta das operações para permitir e facilitar o êxito na prossecução das mesmas. A sua adequada aplicação é essencial ao exercício do comando e à condução, com sucesso, das operações da Guarda Nacional Republicana” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-1).

Os princípios fundamentais da atividade operacional da GNR são: Legalidade, Objectivo, Iniciativa, Concentração de Meios, Economia de Forças, Mínima Força, Capacidade de Manobra, Unidade de Comando, Segurança, Surpresa, Simplicidade (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-1).¹² Vamos agora analisar a importância da caracterização da ameaça ou Adv, nos princípios em questão.

Quadro n.º 1 – Síntese dos princípios fundamentais da atividade operacional da GNR

Princípios	Conteúdo
Iniciativa	“as Forças da GNR devem reconhecer as oportunidades, analisar as modalidades de acção, decidir o que fazer e actuar mais rápido do que o Adversário. É essencial uma manobra eficaz que explore os pontos fracos e os erros do Adversário para manter a iniciativa (...). A aplicação deste Princípio exige o uso da imaginação de modo a evitar procedimentos rotineiros e repetitivos que cedo revelarão ao Adversário a nossa intenção, reduzindo drasticamente ou mesmo anulando os resultados que se pretendiam alcançar” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-2).
Capacidade da Manobra	“A finalidade da Manobra consiste em dispor uma força de forma tal que o Adversário fique colocado numa situação desvantajosa, obtendo-se assim, resultados que, de outra forma, exigiriam um maior dispêndio de meios” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-3).
Segurança	“Através da segurança garante-se a conservação da liberdade de acção, a integridade física dos efectivos e de terceiros e a preservação dos meios materiais, nega-se ao Adversário a possibilidade de obter informações sobre as nossas forças e evita-se ser surpreendido por ele. (...) consegue-se pelas

¹² Ainda que estes princípios sejam abordados e analisados separadamente tal facto não invalida a sua interligação em situações no âmbito operacional. Neste ponto, apenas vão ser abordados os princípios que ilustrem de forma clara a importância do conhecimento da ameaça ou Adv.

	medidas (...) que cubram a nossa movimentação (ou iludam o Adversário). O segredo permitirá chegar com surpresa à zona de actuação. Pode conseguir-se (...) com a concentração de pessoal em locais afastados dos quartéis da Guarda Nacional Republicana, pois estes, normalmente, estão vigiados pelo Adversário” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-4).
Surpresa	“consiste em criar uma situação inesperada, para a qual o Adversário não esteja em condições de reagir eficazmente em tempo oportuno. Visa retirar ou limitar a liberdade de acção do Adversário, impedindo-o de tomar e/ou manter a iniciativa e colocando-o, sempre que possível, em posição de desvantagem” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. V-4).

De uma forma transversal destaca-se a necessidade de conhecer o Adv na sua forma de atuar e capacidade, por um lado para prevenir o sucesso em ações que este desenvolva e lhe permita ganhar vantagem sobre as forças da GNR; por outro lado, para não colocar as forças da GNR vulneráveis ao Adv nas ações que essas desencadeiam.

Dos princípios analisados destaca-se que a importância da segurança das forças da GNR que estão a atuar bem como dos cidadãos que se encontrem no local, sendo essencial para o sucesso da atuação. O facto de não revelar informações ao Adv ou transmitir informações falsas que não coloquem em causa os militares da Guarda ou terceiros contribui para a sua segurança. Ainda, a capacidade que as forças da GNR têm para surpreender o Adv para garantir o cumprimento das finalidades da manobra, a iniciativa e a segurança. Por último, sublinha-se o trabalho do Adv na análise da capacidade de resposta da GNR em muito similar a uma contra caracterização da ameaça.

4.2. Caracterização da ameaça

A diversidade das ameaças advém das seguintes variáveis de planeamento a ter em conta numa operação, nomeadamente: Missão, Meios/terreno, Adversário, Nossas forças, Tempo disponível (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-17).

Atentando especificamente no fator de decisão, Adversário, importa recolher informação sobre a sua composição, localização, atividade recente e capacidades, identificando e avaliando a sua modalidade de ação mais provável. A recolha de informação engloba-se no estudo da situação decorrente das ações de comando¹³ e trata-se de “um processo contínuo, em função de novas ordens, de informações adicionais e de

¹³ As ações de comando resultam de uma forma simplificada do Processo de Decisão Militar (PDM) cuja sequência completa se encontra no Anexo B – Sequência simplificada das ações de comando.

outras circunstâncias que surgem com o decorrer da operação” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-11). Sobre o planeamento,¹⁴ enquanto elemento essencial à tomada de decisão e no acompanhamento de qualquer ação, “é de extrema importância a análise da situação para obter resposta (...) Qual o Adversário (homens, meios)?” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-15).

Face à diversidade de situações com que a GNR se depara no cabal desempenho da sua atividade no quotidiano, o militar da GNR deve preceder a sua atuação com uma “apreciação serena e equilibrada situação tendo em conta que a sua presença o pode transformar num preferencial e potencial alvo” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-17). Neste sentido, importa agora definir o conceito de ameaça¹⁵ enquanto “toda a possibilidade da ocorrência de um comportamento agressivo ou violento ou da existência de armas ou objectos susceptíveis de por em perigo a integridade de pessoas e bens” (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-17).¹⁶

Por vezes, parece verificar-se uma tendência para se confundir o conceito de ameaça com perigo que reporta a “qualquer condição, actual ou potencial, que pode causar danos ou perdas no equipamento, no pessoal e causar degradação no cumprimento da missão” (Exército Português, 2007, p. E-18). Por sua vez, o conceito de perigo pode se confundir com um outro conceito, o risco que consiste na “possibilidade de perigo ou acontecimento indesejado” (Exército Português, 2007, p. E-18).

Estes conceitos são importantes não só para esclarecer a definição de ameaça e, portanto, do Adv como um dos fatores de decisão, em operações policiais, como para compreender que o conhecimento do Adv não elimina o risco de uma ação se concretizar, mas pode reduzir a dimensão das consequências que dela possam advir, funcionando, sobretudo, no plano preventivo.

¹⁴ O planeamento existe em qualquer intervenção e distingue-se: operações/situações inopinadas, em que a fase de planeamento é reduzida mínimo e o incidente acontece quando menos se espera; Operações planeadas, onde praticamente está tudo previsto (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-15).

¹⁵ A caracterização do grau de ameaça contempla 3 situações: Normal, quando não existe ameaça aparente; Suspeita, quando há indícios de uma ameaça latente podendo evoluir para uma situação de elevada perigosidade; Elevada perigosidade, quando há risco iminente (Guarda Nacional Republicana, 1996, p. VI-17).

¹⁶ No planeamento de operações de maior envergadura, ao nível da execução pretende-se identificar opções e possibilidades da ameaça, especificando, vários fatores como composição do potencial adversário (identificação, organização), localização, movimentos e *modus operandi* (princípios e formas de emprego, (Exército Português, 2010, p. 2-44-45).

Capítulo 5

Distúrbios Civis

5.1. Definição

O conceito de distúrbio civil engloba atos de violência praticados por grupos de três ou mais pessoas que causam perigo imediato, danos em propriedades ou ferimentos a terceiros (Hunsicker, 2011, p.39, tradução própria). Outra possível definição, considera “Toda a ação na qual um ajuntamento de vários indivíduos com fins reivindicativos provoca ferimentos corporais e/ou prejuízos materiais no domínio público ou privado (Pierre Favre, citado por Oliveira, 2000, p. 204). Numa perspectiva mais alargada, “Entende-se por Distúrbio Civil toda a alteração do estado de normalidade da vida social” (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 1) ou um evento contrário à lei e que envolve uma ruptura da ordem pública (*Comission on Peace Officers Standards and Training*, 2012, p. 47, tradução própria).

5.2. Causas dos Distúrbios Civis

Os distúrbios civis são uma realidade que se verifica por uma variedade de razões, quase todos os dias, pelo mundo fora (Hunsicker, 2011, p. 39, tradução própria). De uma forma geral, as causas que se encontram na origem destes fenómenos podem ser:

- Sociais e Psicológicas, resultando de contradições e antagonismos existentes entre grupos ou exaltação provocada por quaisquer acontecimentos extraordinários que possam funcionar como agentes aglutinadores de massa;
- Económicas, envolvendo litígios salariais, greves ou privações e que obriguem certos grupos sociais, a recorrerem à violência para obter algo;
- Políticas, no caso de grupos com o intuito de alcançar o poder político por vias não legais ou provocar a destabilização política através de manifestações de rua;
- Desastres ou calamidades, tendo em conta a grande instabilidade e situações caóticas que lhes são precedidas, traduzindo-se na falta de bens necessários como roupa, alimentos, medicamentos, entre outros;

- Falta ou quebra de autoridade, resultante da anarquia, egoísmo e indisciplina desenvolvidas no homem comum, traduzidas num sentimento de impunidade violando continuamente as leis que regem a sociedade.¹⁷

5.3. A manifestação

Quando associadas a distúrbios cíveis, a manifestação pode constituir o Adv para as Forças de Segurança (FS).

O conceito de manifestação pode ser entendida como um “aglomerado de pessoas que em certas circunstâncias possuem características novas e fortes, diferentes daquelas que sentiam se estivessem numa situação isolada” cujas “emoções, convicções e as ações dos indivíduos são unânimes” (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 321).

Noutra perspetiva não discordante da anterior, trata-se de um ajuntamento temporário, num determinado local, de um conjunto de pessoas e pequenos grupos que englobam amigos, membros da mesma família ou conhecidos que partilham uma crença comum (Hunsicker, 2011, p. 41, tradução própria).

De uma forma mais simplista, o conceito pode ser entendido como um conjunto de pessoas reunidas no mesmo local (*Commission on Peace Officers Standards and Training*, 2012, p. 47, tradução própria). Como elementos comuns da definição do conceito de manifestação são considerados como denominadores comuns os seguintes aspetos: número considerável de pessoas; reunião num local específico ou partilha do mesmo espaço físico; união por um período razoável de tempo; partilha de objetivos ou interesses comuns; Adoção de comportamentos semelhantes ou prática de atos comum um grupo único; interação entre os vários indivíduos que constituem o grupo (Challenger, Clegg e Robison, 2009a, p. 60, tradução própria).

Importa referir que as manifestações podem ser categorizadas de acordo com o seu comportamento e características,¹⁸ podendo, por vezes, adotar comportamentos violentos.

¹⁷ (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 1), (Hunsicker, 2011, p. 39, tradução própria) e (Kenny et al., 2001, p. 6 e 7, tradução própria).

¹⁸ (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 323), (Hunsicker, 2011, p. 44-45, tradução própria) e (Challenger, Clegg e Robison, 2009a, p. 72-74, tradução própria).

5.4. O Adversário

5.4.1. Caracterização

De acordo com o Princípio do Conhecimento Consciente das Ameaças,¹⁹ “o emprego rentável das FS depende, principalmente, de uma informação atualizada e correta (...) baseada na organização, intenções e actividades dos desordeiros” (Guarda Nacional Republicana, p. 3). Mais uma vez, verificamos a importância do conhecimento do Adv, agora e mais especificamente, em distúrbios cíveis.

Assim, tendo como base para o critério de classificação, o tipo de comportamento adotado em distúrbios cíveis, o Adv pode reportar-se de uma forma geral a três tipos: não violento, violento e incitador/agitador.²⁰

O Adv não violento, não adota comportamentos violentos contra as FS ou terceiros. O Adv violento pode causar alguns danos em propriedades e impedimento temporário de circulação na via pública, incluindo, por exemplo, barrar a entrada de uma empresa. Ou comportamentos altamente destrutivos sem qualquer consideração pela lei ou pelos direitos de terceiros, cujos limites dependem da sua imaginação, treino dos seus líderes e materiais à disposição.

Quanto ao Adv incitador/agitador, reporta a indivíduos ou pequenos grupos dentro duma manifestação não violenta que utilizam uma combinação variada de modos de atuação para resistir à autoridade, destabilizar ou romper com a normalidade social, no sentido de cumprir os seus objetivos. Estes indivíduos ou pequenos grupos podem assumir o papel de incitadores ou agitadores, procurando influenciar a multidão a adotar comportamentos violentos contra as forças de segurança presentes no local, que utilizam uma manifestação como pretexto para provocar a desordem. Seja por afirmações verbais repetidas consecutivamente ou pela prática de atos ilícitos, a presença contínua destes indivíduos vai potenciar o perigo para o agravamento da situação e escalada da violência.

É de salientar que o comportamento que Adv adota em determinado momento vai

¹⁹ São princípios do controlo de distúrbios cíveis: Conhecimento Consciente das Ameaças; Imagem de Brio e Eficiência; Preparação Coordenada; Unidade Operacional; Atuação Funcional; Objetividade e Neutralidade; Mínima Força (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 3-5).

²⁰ (Guarda Nacional Republicana, 2010, p. 325), (Hunsicker, 2011, p. 45 e 177, tradução própria), (*US Army*, 2014, p. 1-1) e (Challenger, Clegg e Robison, 2009b, p. 44 e 45, tradução própria).

definir a tipologia em que este se insere, podendo oscilar entre as três tipologias identificadas no decorrer do mesmo distúrbio cívico.

5.4.2. Organização

As FS devem estar alerta para o facto de grupos altamente organizados que constituem o Adv em distúrbios cívicos desenvolverem procedimentos para perturbar as operações de controlo de distúrbios e partilhá-las com o público em geral e outros grupos de manifestantes. Estes procedimentos estão disponíveis, em vários formatos, como manuais, folhetos, *posters*, ficheiros para *download* em *sites* da internet, vídeos (Hunsicker, 2011, p.45, tradução própria).

As redes sociais, salas de *chat* e *sites* não são apenas locais de reunião para organizadores de manifestações, ativistas, portanto do Adv, mas são, também, uma excelente fonte de informação sobre as suas atividades, procedimentos e projetos bem como dos seus seguidores (Hunsicker, 2011, p. 181, tradução própria). A partilha de informação do Adv, para além de poder dar conhecimento sobre o local e hora das suas ações, transmite informações sobre a atividade, movimentações e ocorrências das forças de segurança (US Army, 2014, p. 1-2, tradução própria).

Na ocorrência do distúrbio cívico, o Adv recorre ao uso extensivo de novas tecnologias, como o sistema instantâneo de mensagens ou as redes sociais em telemóveis, pois estas constituem um meio eficaz para a rápida disseminação de informação e coordenação das suas ações.²¹ A par da facilidade de comunicação de informação do Adv, estas tecnologias operam ainda no plano da contra informação, uma vez que são reportados falsos incidentes para induzir as autoridades em erro na disposição de meios no terreno. As redes sociais permitem, ainda, a alteração dos planos do Adv ao último minuto.²²

²¹ A este propósito destaca-se, a título de exemplo, das redes sociais utilizadas, o *Twitter*, o *Facebook* e o *Myspace* bem como outras aplicações como é o caso do *Youtube* que constituem ferramentas inestimáveis das quais o Adv pode retirar inúmeras vantagens (*Office Of The Independent Police Review Director*, 2012, p. 12, tradução própria).

²² (Calvo, 2011, p. 6 e 7) e (*Office Of The Independent Police Review Director*, 2012, p. 12, tradução própria).

No caso de eventos de longa duração, alguns grupos organizados²³ têm a capacidade de providenciar apoio logístico como transporte, comida e água aos participantes (*US Army*, 2014, p. 1-3, tradução própria).

Grupos organizados recorrem ao recrutamento de outros grupos ou indivíduos com intenções pacíficas para praticarem atos violentos ou mesmo que esses elementos recrutados não queiram praticar atos violentos são utilizados como “escudos humanos”, formando um perímetro exterior, para o Adv se resguardar das FS (*Office Of The Independent Police Review Director*, 2012, p. 13, tradução própria).

5.4.3. Modos de Atuação

Os grupos organizados com o intuito de provocar distúrbios da ordem pública visam sempre confrontar as forças de segurança que estão no local. Neste sentido, recorrem a vários modos de atuação que envolvem um grau de violência variável. São exemplos de modos de atuação do Adv violento ou incitador/agitador, a resistência, construção de barricadas, utilização de armas e projéteis, ações de simulação e envolvimento, linguagem agressiva, uso de veículos e outros objetos, incêndios e o uso de espetadores não violentos. O Quadro n.º 2 permite compreender de forma mais clara em que consiste cada uma destas ações.²⁴

Quadro n.º 2 – Tipologia dos modos de atuação do Adv em Distúrbios civis

Tática	Possibilidades de emprego
Resistência	<ul style="list-style-type: none"> • Provocações ligeiras, demonstrações, gritos, cantos e danças. • Alguns danos de propriedade; • Cordões com os braços entrelaçados, podendo sentar-se em frente ou à volta de um edifício/área que as FS tentam desimpedir.
Barricadas	<ul style="list-style-type: none"> • O Adv tenta proteger-se do ataque das FS. • Pode funcionar como meio para dividir as FS, se estas avançarem em direção à barricada, deixando-as vulneráveis às ações da multidão; • As barricadas são feitas de materiais de grandes dimensões, pesado o suficiente ou que impeça a possibilidade de movimento das FS tais como: árvores, veículos, contentores do lixo, barris a arder, mobília, postes de eletricidade caídos e materiais utilizados para vedações.

²³ São exemplos de grupos organizados, anarquistas, grupos anti globalização, grupos que representam etnias e religiões. (*US Army*, 2014, p. 1-2, tradução própria).

²⁴ (Hunsicker, 2011, p. 46-49, tradução própria), (*US Army*, 2014, p. 1-7-9, tradução própria) e (*Office Of The Independent Police Review Director*, 2012, p. 11, tradução própria).

Simulação e envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • O Adv, enquanto grupo organizado, pode tentar perturbar os movimentos das FS e simular um ataque. No momento em que as FS avançam, o Adv usa os flancos, numa tentativa de as dividir e envolver uma das partes na totalidade.
Linguagem agressiva	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizada em qualquer fase de um distúrbio cívico. Envolve linguagem obscena, comentários racistas, provocações; • Visa provocar raiva, desmoralizar e, eventualmente incapacitar uma resposta física das FS.
Veículos e outros objetos	<ul style="list-style-type: none"> • Podem ser colocados em terreno elevado para perturbar as operações das FS; • Um veículo ou um pneu podem ser incendiados e empurrados em descidas bem como carrinhos de mão, barris cheios de materiais perigosos ou inflamáveis; • Móvel a arder ou <i>cocktails molotov</i> podem ser atirados de edifícios altos ou telhados contra as FS.
Incêndios	<ul style="list-style-type: none"> • O Adv pode incendiar edifícios, veículos e outras estruturas com o intuito de bloquear ou desviar quaisquer avanços das FS bem como criar confusão. • O dano de propriedade pode ser um objetivo do Adv; • Outra possibilidade consiste em disseminar líquidos inflamáveis junto de estruturas (como máquinas de multibanco, entradas de bancos e montras das lojas) e acendê-los num momento oportuno.
Armas e projéteis	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização de armas de vários tipos tais como machados, bastões de madeira facas, canos de metal; • Utilização de armas de fogo dentro de uma manifestação, edifícios ou outras posições cobertas podem ser ferramentas eficazes contra as FS. Podem ser utilizadas para criar pânico e confusão; • Frequentemente o Adv arremessa quaisquer objetos que tiver disponíveis desde fruta/vegetais apodrecidos, pedras, tijolos, garrafas, paus, pedaços de madeira e pavimento; • Os objetos arremessados mais sofisticados envolvem <i>cocktails molotov</i>, bolas de ténis com pregos espetados, a apontar para fora; • À medida que a situação se agrava podem ser utilizadas outras armas como físgas e apontadores laser verdes para atacar as FS; • Possibilidade de utilização de explosivos como granadas de uso militar ou caseiras para criar diversões, bloquear o avanço das FS ou permitir a fuga do Adv. Para encobrir os movimentos, o Adv pode recorrer a granadas de fumo caseiras; • O pior uso dos explosivos é matar, ferir e/ou desmoralizar as FS que estão a garantir a segurança de todos os presentes.
Espetadores não violentos	<ul style="list-style-type: none"> • Mulheres, crianças e idosos podem ser movimentados pelo Adv para a frente da manifestação e usados como barreira; • Neste contexto, os inocentes vão deparar-se diretamente com as FS, sendo que o Adv fica livre para provocar; • Esta ação é, também, empregue no sentido de explorar a situação na perspectiva dos <i>media</i>, possuindo um forte valor de propaganda; • Apesar da presunção de inocência que geram as mulheres, crianças e idosos, podem estar tão empenhados na causa dos distúrbios como o Adv.
Vestuário	<ul style="list-style-type: none"> • O Adv utiliza vários materiais para ocultar a face, passa montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos; • Utiliza frequentemente mochilas para transportar material extra como roupa, projéteis, armas, máscaras de gás, <i>kits</i> de primeiros socorros; • Recorrem ao uso de material de proteção como cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, casacos, camisolas e calças com enchimento.

Capítulo 6

Metodologias e Procedimentos

6.1. Introdução

No âmbito da investigação científica, em Ciências Sociais, destacamos, desde logo, que “ Importa acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho. Este nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas (...) mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.15).

No primeiro momento do presente trabalho de investigação, recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica da temática em questão, no sentido de aferir a viabilidade e pertinência da mesma, com vista à formulação do projeto que estabelece as linhas orientadoras da investigação. O levantamento e análise de documentação existente em fontes de acesso livre, combinados com contactos exploratórios a especialistas, contribuíram para uma definição e conceptualização mais apurada da problemática em estudo.

Relativamente ao método científico, no âmbito das Ciências Sociais, este pode ser visto como um “conjunto de abordagens, técnicas e processos para formular e resolver problemas na aquisição objetiva do conhecimento” (Freixo, 2011, p.76). O mesmo autor considera que existem três tipos de métodos: o método indutivo, o método dedutivo e o método hipotético dedutivo. Para o efeito da investigação a que nos propusemos, adotou-se o método hipotético dedutivo que permite através da teoria, extrair-se a realidade e com base nesta, completar-se ou reformular-se a teoria.

No que respeita à natureza do problema de investigação, esta determina o tipo de método a utilizar, tendo em conta as variáveis e a sua operacionalização (Fortin, 2009, p.5). Neste sentido, o presente estudo assume uma natureza exploratória e adota uma metodologia de tipo qualitativo.

No que respeita à conceptualização e exploração de um assunto numa investigação qualitativa, “As questões colocadas reportam-se com frequência ao funcionamento dos sistemas sociais, às percepções dos indivíduos e à maneira como estes interpretam o seu

próprio comportamento ou o dos outros” sendo igualmente importante referir que “O investigador (...) visa uma compreensão global e alargada do fenómeno em estudo” (Fortin, 2009, p. 32). Neste ponto, o carácter global do objeto de estudo a par do estudo pouco aprofundado do assunto em investigação, relacionam-se diretamente com a metodologia mencionada.

6.2. Procedimentos e técnicas

Dentro das várias técnicas e procedimentos possíveis para concretizar as operações conceptuais fundamentais à presente investigação, optou-se por uma dupla abordagem com vista ao cruzamento dos instrumentos de recolha de informação, nomeadamente, as entrevistas e a análise documental de documentos disponíveis em fontes abertas.

6.2.1 Entrevistas

Nas investigações qualitativas, “A entrevista é o principal método de colheita de dados” (Fortin, 2009, p. 375). As entrevistas enquanto instrumento de recolha de informação “permitem ao investigador retirar (...) informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” e “caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p. 192).

Discriminando, agora, as formas de condução de uma entrevista, estas reportam a três tipos: a entrevista não dirigida, a entrevista dirigida e a entrevista semidirigida (Fortin, 2009, p. 375). Para a realização das entrevistas necessárias à compreensão do fenómeno em estudo, em toda a sua amplitude e profundidade, foram realizadas entrevistas semidirigidas.

A entrevista semidirigida “é certamente a mais utilizada em investigação social” e a sua natureza derivada do facto de não ser “inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas.” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p. 192). Neste sentido, o investigador deve “permanecer continuamente atento, de modo que as suas intervenções tragam elementos de análise tão fecundos quanto o possível” para além de direcionar o seu esforço para reencaminhar a entrevista para os objetivos (...) e colocar as

perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto o possível” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p. 192 e 193).

A entrevista resulta numa ferramenta especialmente adequada sempre que os objetivos reportem à “análise de um problema específico: dados do problema, os pontos de vista presentes, o que está em jogo, os sistemas de relações, o funcionamento de uma organização” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p. 193).

O processo de análise de dados recolhidos dividiu-se em três fases: a classificação dos dados, agrupando as respostas dos entrevistados por módulos, no sentido de facilitar a extração de aspetos comuns; a codificação das respostas em segmentos alfanuméricos e respetiva tabulação; e, por último, procedeu-se à análise de cada bloco de categorias com base na fundamentação teórica (Freixo, 2011, p.216).²⁵ Para a análise dos dados recolhidos, recorreu-se ao *Microsoft Office Word* 2010.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um guião contendo as questões que visam dar resposta às hipóteses de investigação. O guião de entrevista²⁶ foi previamente entregue aos entrevistados com o intuito de dar conhecimento do objetivo da entrevista e do seu enquadramento sendo que só após a compreensão destes aspetos, se procedeu à gravação da entrevista propriamente dita, mediante autorização dos correspondentes. As entrevistas foram gravadas com recurso ao gravador de voz, do aparelho da marca *Samsung*, modelo *S4 Mini*.

6.2.2 Análise documental em fontes abertas

A recolha de documentos pelo investigador pode derivar da intenção deste analisar os documentos por si próprio delimitando o campo de análise face ao objeto de estudo (Quivy e Campenhoudt, 2008, p. 193). Os documentos analisados na presente investigação reportam a dados existentes em fontes abertas e, portanto, facilmente acessível, de cariz público, na *world wide web*. Torna-se relevante, neste ponto, esclarecer sobre a forma como a informação se encontra organizada, disponível e de que formas pode ser acedida *on-line*.

As ferramentas para a pesquisa e recursos de informação na *web* enquadram-se em: diretórios, podendo estes ser profissionais, académicos e/ou comerciais; motores de

²⁵ Cfr. Apêndice D – Codificação alfanumérica das respostas dos entrevistados.

²⁶ Cfr. Apêndice E – Quadros de análise de conteúdo de entrevistas.

pesquisa que abarcam os gerais e os especializados; metamotores de pesquisa ou multimotores (Correia e Mesquita, 2013, p. 132).

O motor de pesquisa pode ser definido como uma “base de dados de ficheiros na internet suscetíveis de serem pesquisados” (Correia e Mesquita, 2013, p. 132). Relativamente à hierarquização dos resultados após a inserção das palavras-chave de pesquisa, estes surgem em primeiro lugar mediante o maior grau de relevância pra a pesquisa em curso e, em segundo lugar, dá-se a conhecer a informação relacionada com o tópico de pesquisa sendo certo que em ambas as situações a informação depende diretamente dos termos utilizados para efetuar a pesquisa (Correia e Mesquita, 2013, p. 134).

No que concerne à tipologia de motores de pesquisa que já foi referida, optou-se pelos motores de pesquisa de carácter geral já que “permitem recuperar informação cobrindo uma ampla variedade temática” (Correia e Mesquita, 2013, p. 136). Para efeito da presente investigação utilizou-se o motor de pesquisa *Google*, pela sua popularidade e facilidade de acesso.

6.3. Caraterização da amostra

Após a concretização da revisão bibliográfica com recurso a vários documentos disponíveis, realizaram-se entrevistas aprofundadas aos oficiais da Guarda Nacional Republicana que estavam a desempenhar (ou tenham desempenhado) funções relevantes para este estudo, concretamente, oficiais com experiência na manutenção da ordem pública e/ou oficiais com conhecimento de grupos identificados na sequência de comportamentos contra a autoridade do Estado.

O Quadro n.º 3 contempla a relação dos entrevistados identificando o género, posto, função e tempo de serviço na Guarda Nacional Republicana.

Quadro n.º 3 – Caracterização dos entrevistados

Entrevistados	Género	Posto	Função	Tempo de serviço
1	Masculino	Tenente-Coronel	CMDT GIOP	19
2	Masculino	Capitão	2º CMDT GIOP	12
3	Masculino	Capitão	CMDT da 1ºComp. GIOP	6
4	Masculino	Capitão	CMDT da 2ºComp. GIOP	15
5	Masculino	Capitão	CMDT da 3ºComp. GIOP	6
6	Masculino	Capitão	CMDT da 4ºComp. GIOP	7
7	Masculino	Coronel	Oficial de Ligação MAI	26
8	Masculino	Major	Chefe do Núcleo de Análise/Direção de Informações	13
9	Masculino	Coronel	Oficial de Segurança AR	28

Capítulo 7

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

No presente capítulo é feita a apresentação, análise e discussão de resultados obtidos por intermédio das entrevistas.

Pretende-se esclarecer e sintetizar os principais aspetos das respostas dadas pelos entrevistados às questões, retratadas no guião de entrevista. As referidas questões foram organizadas por módulos no sentido de permitir um enquadramento da investigação mais objetivo e claro, de acordo com as hipóteses formuladas.

O módulo A reporta à área das “Informações” no âmbito do Adv em distúrbios civis e o módulo B trata a área da “Doutrina”, visando aferir qual o grau de conhecimento e capacidade que o Adv possui em distúrbios civis bem como caracterizar este de uma forma geral. O módulo C diz respeito à “Organização” e visa identificar os traços organizativos que o Adv contempla no contexto de distúrbios civis, enquanto o módulo D, “Modos de Atuação” visa compreender a forma de atuar do Adv nos momentos iniciais e no desenrolar de um distúrbio civil.

7.1. Análise e discussão do resultado das entrevistas

O presente subcapítulo visa a conversão quantitativa das respostas das entrevistas, através do resultado do número de repetição de segmentos, da quantidade de vezes que uma determinada resposta é referida.²⁷ Os Quadros n.º 4 e 5 contêm as respostas às questões pertencentes ao módulo A, “Informações.”

O Quadro n.º 4 apresenta a resposta à questão A1, “Que importância atribui à recolha de informações sobre o Adv em distúrbios civis e de que forma estas podem contribuir na prevenção desta tipologia de incidentes?”

Aproximadamente, (78%) dos entrevistados considera que a recolha de informações permite adequar e melhorar a eficiência da resposta policial nas operações de distúrbios civis.

²⁷ Cfr. Apêndice C – Codificação alfanumérica dos segmentos dos entrevistados.

Cerca de (67%) dos entrevistados considera que a recolha de informação é fundamental no planeamento e execução de operações policiais de distúrbios civis e que estas, permitem identificar o número do Adv, antecedentes e particularidades. Ainda, (55%) afirma que a recolha de informações potencia a racionalização de meios e efetivo bem como permite adequar o material, equipamento e armamento a utilizar.

Quadro n.º 4 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão A1

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão A1											
Segmento A.1.1	X		X	X		X	X		X	6	67%
Segmento A.1.2	X	X	X		X			X	X	6	67%
Segmento A.1.3	X	X	X	X	X		X		X	7	78%
Segmento A.1.4			X	X	X	X			X	5	55%

O Quadro n.º 5 reporta à questão A2, “Como se processa a recolha de informação sobre o Adv no contexto mencionado?”

A totalidade dos entrevistados refere que as informações no âmbito dos distúrbios civis são primariamente recolhidas pela força territorialmente competente, GNR ou PSP.

No entanto, (67%) dos entrevistados afirma que as informações podem ser recolhidas por serviços de segurança nacionais e forças e serviços de segurança internacionais, mas apenas em situações muito específicas, com um maior grau de complexidade e risco.

Cerca de (55%) dos entrevistados considera que os elementos da força de ordem pública são essenciais na recolha de informação e (22%) refere a informação pode ser recolhida junto de civis ou através de filmagens e redes sociais. A mesma percentagem de entrevistados reporta que não existe uma recolha de informações sistemática sobre o Adv em distúrbios civis e (11%) dos entrevistados aponta a possibilidade de recolha de informação junto do grupos de influência que integrem a manifestação.

Quadro n.º 5 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão A2

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão A2											
Segmento A.2.1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	9	100%
Segmento A.2.2	X	X	X	X		X			X	6	67%
Segmento A.2.3	X									1	11%
Segmento A.2.4	X	X	X	X	X		X			6	67%
Segmento A.2.5		X					X			2	22%
Segmento A.2.6		X						X		2	22%
Segmento A.2.7		X		X	X			X	X	5	55%
Segmento A.2.8					X	X				2	22%

Os Quadros n.º 6, 7 e 8 consagram as respostas ao módulo B, “Caraterização.” A tabela n.º 3 corresponde à questão B1, “Considera que existe uma doutrina do Adv em distúrbios civis?”

Aproximadamente (55%) dos entrevistados considera que não existe uma doutrina do Adv, mas sim um conjunto de procedimentos comuns no que respeita à forma de organização e atuação em distúrbios civis. No entanto, (22%) afirma que existe uma doutrina do Adv embora a mesma percentagem de entrevistados aponte para um conjunto de procedimentos comuns com doutrina padronizada ao nível local.

Ainda, (11%) destaca que existe um conjunto de procedimentos comuns embora em termos de aplicação prática se verifiquem diferenças do ambiente urbano para o rural.

Quadro n.º 6 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão B1

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão B1											
Segmento B.1.1	X	X	X					X	X	5	55%
Segmento B.1.2				X			X			2	22%
Segmento B.1.3					X	X				2	22%
Segmento B.1.4							X			1	11%

O Quadro n.º 7 contempla as respostas à questão B2, “Como caracteriza o Adv no contexto de distúrbios civis?”

Cerca de (89%) dos entrevistados concorda com a caraterização do Adv em não violento, violento e incitador/agitador sendo que pode estar englobado numa manifestação não violenta ou violenta. (67%) considera que o comportamento do Adv depende da sua

motivação. No entanto, (11%) dos entrevistados considera que a caracterização em questão não é exequível dada a diversidade de indivíduos que podem constituir-se como Adv.

Quadro n.º 7 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão B2

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão B2											
Segmento B.2.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento B.2.2	X	X		X		X	X	X		6	67%
Segmento B.2.3								X		1	11%

No que concerne ao Quadro n.º 8 com a questão B3, “Considera que existe um Adv profissional em distúrbios civis?”

Aproximadamente (67%) dos entrevistados considera que pelo grau de preparação, coordenação e atuação que o Adv demonstra em distúrbios civis, revelam um comportamento profissional.

Cerca de (44%) considera que este Adv não faz da prática de distúrbios civis um modo de vida, uma profissão, pago para o fazer. Contudo, (22%) dos entrevistados afirma que existe um Adv profissional, pela capacidade técnica e remunerado.

Ainda, (11%) não considera que exista um Adv profissional de todo, considerando que reportam a indivíduos com tendência para a delinquência que aproveitam os distúrbios civis para praticar crimes de oportunidade.

Quadro n.º 8 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão B3

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão B3											
Segmento B.3.1	X	X	X		X		X		X	6	67%
Segmento B.3.2	X	X			X				X	4	44%
Segmento B.3.3				X		X				2	22%
Segmento B.3.4								X		1	11%

Os Quadros n.º 9 e 10 reportam ao módulo C, “Organização.” Especificamente no que respeita ao Quadro n.º 9 que engloba a questão C1, “De que forma se organiza o Adv na preparação e execução de distúrbios civis?”

Aproximadamente (89%) dos entrevistados afirmam que grupos organizados desenvolveram modos de atuação para perturbar operações de controlo de distúrbios civis.

Cerca de (78%) refere que os modos de atuação são partilhados pela internet, estão disponíveis como manuais, apontamentos e vídeos assim como alguns grupos possuem uma estrutura de liderança para preparar e coordenar a sua ação, recorrendo para o efeito às redes sociais e novas tecnologias.

Uma percentagem de (55%) dos entrevistados tem em conta que o Adv sincroniza as suas ações de acordo com a hora do dia e o local em que vão atuar e que têm alguma capacidade de sustentação para distúrbios civis com maior duração. (33%) dos entrevistados faz referência também ao uso de sinais para o Adv comunicar, a estrutura de liderança posiciona-se em locais dissimulados durante os distúrbios e que as redes sociais podem ser usadas no plano da desinformação para induzir as FS em erro na alocação de meios e efetivos.

Ainda, (22%) refere que o Adv treina procedimentos para fazer face às FS e (11%) considera que não existe um Adv organizado mas sim um conjunto de indivíduos que aproveita situações de distúrbios civis para praticarem crimes de oportunidade podendo recorrer a informação disponível em fontes abertas para resistir à ação das FS.

Quadro n.º 9 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão C1

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão C1											
Segmento C.1.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento C.1.2	X		X		X	X	X		X	6	67%
Segmento C.1.3	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento C.1.4		X		X						2	22%
Segmento C.1.5		X	X	X	X	X	X		X	7	78%
Segmento C.1.6					X	X			X	3	33%
Segmento C.1.7			X			X	X			3	33%
Segmento C.1.8	X	X	X	X	X	X			X	7	78%
Segmento C.1.9			X			X	X			3	33%
Segmento C.1.10			X	X	X	X			X	5	55%
Segmento C.1.11								X		1	11%

O Quadro n.º 10 reporta à questão C2, “Quais são os objetivos que o Adv pretende atingir através da ocorrência de distúrbios?”

A totalidade dos entrevistados respondeu que os objetivos do Adv dependem da motivação que leva à causa dos distúrbios civis podendo ter origens de ordem política, social, económica, religiosa entre outras, sendo eu o essencial é chamar a atenção para sua causa.

Uma percentagem de (78%) refere que o objetivo de grupos organizados é provocar instabilidade social e desordem procurando em muitas situações subverter os objetivos de uma manifestação nesse sentido. (22%) considera que o Adv tem como objetivo em situações limite, descredibilizar a ação das FS e até mesmo do desafiar a autoridade do Estado.

Quadro n.º 10 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão C2

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão C2											
Segmento C.2.1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	9	100%
Segmento C.2.2	X	X	X	X	X		X		X	7	78%
Segmento C.2.3			X	X						2	22%
Segmento C.2.4				X		X				2	22%

Os Quadros n.º 11 a 20 dizem respeito ao módulo D, “Modos de atuação.” O Quadro n.º 11 representa a resposta à questão D1.1, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Em relação à ação resistente?”

Uma percentagem de (89%) dos entrevistados considera a resistência como um modo de atuação do Adv que engloba provocações/injúrias ligeiras, demonstrações, cantos e a possibilidade de alguns danos de propriedade reduzidos. Também, (78%) considera que são utilizados “cordões humanos” para fazer face à ação das FS. Apenas (11%) dos entrevistados considera que não é um modo de atuação mas uma ação espontânea no momento por parte do Adv.

Quadro n.º 11 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.1

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.1											
Segmento D.1.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.1.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.1.2	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.1.3	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.1.4								X		1	11%

O Quadro n.º 12 está subordinado à questão D1.2, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Recorrem a barricadas?”

Cerca de (89%) dos entrevistados referem que o Adv utiliza barricadas de várias dimensões e com base no que encontra disponível no terreno, com a finalidade de retardar o avanço das FS ou proteger-se da ação destas.

Uma percentagem de (78%) dos entrevistados aponta a possibilidade das barricadas poderem ser incendiadas. No entanto, (11%) dos entrevistados refere que as barricadas reportam ao efeito que estas vão ter na população ou em terceiros e não são um modo de atuação estipulado pelo Adv.

Quadro n.º 12 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.2

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.2											
Segmento D.1.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.2.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.2.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.2.3	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.2.4	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.2.5								X		1	11%

O Quadro n.º 13 reporta à questão D1.3, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: utilizam ações de simulação e envolvimento?”

Dos entrevistados, (89%) respondeu que é um modo de atuação do Adv que é usado no sentido de dividir as FS sendo que (78%) refere que há a tentativa de criar situações de elementos isolados. Contudo, (11%) considera que grupos pequenos de Adv, não tem a organização, nem capacidade suficiente para efetuar esta situação como modo de atuação.

Quadro n.º 13 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.3

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.3											
Segmento D.1.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.3.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.3.2	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.3.3								X		1	11%

O Quadro n.º 14 responde à questão D1.4, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: utilizam linguagem agressiva?”

Cerca de (89%) dos entrevistados considera que a linguagem agressiva é um modo de atuação do Adv para provocar as FS e motivar a manifestação para a violência. No entanto, (11%) considera que o uso de linguagem agressiva surge naturalmente e não se trata, necessariamente, de um modo de atuação concertado.

Quadro n.º 14 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.4

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Porcentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.4											
Segmento D.1.4	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.4.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.4.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.4.3								X		1	11%

O Quadro n.º 15 responde à questão D1.5, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Recorrem a veículos e outros objetos?”

Dos entrevistados, (89%) refere como modo de atuação que veículos e outros objetos podem ser empurrados contra as FS para provocar danos físicos no efetivo e viaturas.

Aproximadamente (78%) dos entrevistados aponta que o terreno pode funcionar como agravante dos efeitos produzidos contra as FS. Ainda, (11%) não considera este aspeto um modo de atuação referindo que vai depender dos materiais disponíveis no local e da motivação do Adv para os utilizar no momento.

Quadro n.º 15 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.5

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Porcentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.5											
Segmento D.1.5	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.5.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.5.2	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.5.3								X		1	11%

O Quadro n.º 16 responde à questão D1.6, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Utilizam incêndios?”

Uma percentagem de (89%) dos entrevistados respondeu que os incêndios são um modo de atuação do Adv que criam instabilidade e confusão generalizada, podendo ter como finalidade danos de propriedade.

Ainda, (78%) refere que os incêndios podem ser utilizados como forma para retardar ou desviar o avanço das FS e permitir a fuga do Adv e (22%) consideram que os incêndios surgem como crime de oportunidade com possibilidade de outros serem cometidos.

Quadro n.º 16 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.6

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.6											
Segmento D.1.6	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.6.1	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.6.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.6.3	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.6.4	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.6.5							X	X		2	22%

O Quadro n.º 17 contempla os segmentos de respostas dos entrevistados à questão D1.7, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Utilização de armamento e projéteis?”

Verifica-se que (89%) dos entrevistados considera o uso de armamento e projéteis como um modo de atuação do Adv. São utilizadas armas contundentes como machados, bastões de madeira, facas, canos de metal e arremessados vários tipos de objetos que envolvem pedras, tijolos, garrafas, paus, madeira e outros mais sofisticados como, petardos, *cocktails molotov*, granadas de fumo, explosivos, nalguns casos com recurso a físgas.

A finalidade deste modo de atuação é bloquear, retardar ou ferir elementos das FS. Ainda, (78%) dos entrevistados refere o uso da arma de fogo como uma possibilidade e (11%) considera que o uso de armamento e projéteis não constitui um modo de atuação, antes depende da motivação do Adv para violência.

Quadro n.º 17 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.7

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Porcentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.7											
Segmento D.1.7	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.7.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.7.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.7.3	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.7.4	X		X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.7.5	X		X	X	X	X	X		X	7	78%
Segmento D.1.7.6								X		1	11%

O Quadro n.º 18 consagra os segmentos de respostas à questão D1.8, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Utilização de espetadores não violentos?”

Uma percentagem de (89%) dos entrevistados identifica a utilização de espetadores e manifestantes pacíficos pelo Adv que está motivado para a violência, para a prática de atos ilícitos ou para colaborar nos distúrbios sem recorrer à violência. Os manifestantes ou espetadores pacíficos podem funcionar como barreira entre as FS. Contudo, (11%) dos entrevistados respondeu que esta situação é espontânea.

Quadro n.º 18 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.8

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Porcentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.8											
Segmento D.1.8	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.8.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.8.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.8.3								X		1	11%

O Quadro n.º 19 consagra o conjunto de segmentos que respondem à questão D1.9, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: E em relação a vestuário e materiais de proteção utilizados?”

Verifica-se que (89%) dos entrevistados respondeu que o Adv organizado utiliza vestuário e materiais de proteção na provocação dos distúrbios e para resistir à ação coerciva das FS.

O vestuário e materiais utilizados visam ocultar a identidade através de passa montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos, sendo que estes últimos já conferem um grau considerável de proteção de respostas físicas das FS.

As mochilas são um recurso do Adv para transportar material extra como roupa, projéteis, armamento, máscaras de gás e *kits* de primeiros socorros. Mais especificamente no que respeita a material de proteção, (78%) dos entrevistados refere que o Adv recorre a cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, cascos, camisolas e calças com enchimentos bem como a escudos improvisados com tampas de saneamento, madeira e metal.

Contudo, (11%) dos entrevistados considera que o uso de proteções resulta da experiência do contacto com as forças de segurança locais e não se constitui como modo de organização.

Quadro n.º 19 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.9

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Porcentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.9											
Segmento D.1.9	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.9.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.9.2	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.9.3	X	X	X	X	X	X	X			7	78%
Segmento D.1.9.4	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.9.5								X		1	11%

O Quadro n.º 20 reporta ao conjunto de segmentos de respostas à questão D1.10, “Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança: Que outros modos de atuação identifica?”

Uma percentagem de (89%) identificou a dissimulação como um modo de atuação do Adv através do qual este se infiltra na manifestação pacífica para dificultar ser identificado ou aproveitando o movimento de uma manifestação pacífica para cometer atos ilícitos por onde vão passando.

Dos entrevistados (78%) refere que a vitimização é um modo de atuação do Adv, que procura passar a imagem de uma ação policial desadequada ou desproporcional em relação ao uso da força, sendo que (89%) dos entrevistados refere este aspeto.

Uma percentagem de (67%) dos entrevistados identifica como modo de atuação, as novas tecnologias e comunicação, em que o Adv coordena a sua ação nos distúrbios com recurso às redes sociais, aplicações, telemóveis, *tablets*, rádios, sendo este aspeto referido por (89%). Existem meios de recolha de imagens para controlar a ação das FS e, por vezes, como forma de ameaça pessoal ou a terceiros podendo essa mesma recolha funcionar como forma de incentivo para a violência dependendo do seu conteúdo.

Quadro n.º 20 – Análise quantitativa da frequência dos segmentos das respostas à questão D1.10

Segmento das respostas	Entrevistados									Frequência (n)	Percentagem (%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9		
Questão D1.10											
Segmento D.1.10	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.10.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.10.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.11		X	X	X	X	X	X		X	7	78%
Segmento D.1.11.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.12			X	X	X	X	X		X	6	67%
Segmento D.1.12.1	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.12.2	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%
Segmento D.1.12.3	X	X	X	X	X	X	X		X	8	89%

7.2. Análise documental em fontes abertas

O presente subcapítulo visa analisar um conjunto de documentos que o Adv disponibiliza em fontes abertas cujo conteúdo da informação tem como finalidade difundir formas de resistir à ação das forças de segurança face à necessidade de recorrer a meios coercivos no contexto de distúrbios civis.

Neste sentido, como antes se referiu, foi utilizado o motor de pesquisa *Google* pois é um meio amplamente utilizado por quem procura informações ou conhecimento sobre um determinado tema. No que concerne especificamente aos procedimentos do Adv em distúrbios civis, identificados no subcapítulo anterior, foram feitas pesquisas com as seguintes palavras-chave: “*How to fight riot police*” cuja tradução significa como combater as forças de segurança em distúrbios civis e “*Demonstrators guide*” cuja tradução significa o guia dos manifestantes. As informações estão dispersas em várias línguas e para que o conhecimento seja partilhado mais facilmente é utilizada a língua inglesa pela sua característica comunicacional de cariz internacional.

Os indivíduos que compõem os grupos encontrados na internet que partilham estes conhecimentos não são facilmente identificáveis. Por questão de rigor e para facilitar a identificação das fontes de informação, optou-se por manter a auto designação dos grupos bem como pela hiperligação que lhes dá acesso sem qualquer restrição e de caráter totalmente público. Nos casos em que estes indivíduos ou grupos não se identificam, foram designados os países visados para a aplicação dos procedimentos, com base no tratamento

da informação disponível, após a análise documental efetuada. Assim sendo, foram identificados três manuais: o guia do manifestante do Egito, o guia do manifestante do Reino Unido e o guia do manifestante dos *Anonymous*.

7.2.1 Guia do manifestante no Egito

A informação disponível encontra-se vertida num manual mais direcionado para o contexto dos distúrbios civis no Egito, referente ao ano de 2011, foi traduzida para a língua inglesa, por autoria desconhecida.²⁸ Os pontos abordados nesta compilação do Adv abordam: objetivos gerais e específicos dos distúrbios civis, planeamento da ação, vestuário e acessórios necessários para os distúrbios, utilização dos acessórios e equipamento extra bem como a partilha de informação.

O Quadro n.º 21 sintetiza a informação contida no manual em questão relativamente aos aspetos relacionados com o módulo C, “Organização.”

Quadro n.º 21 – Análise do conteúdo do guia do manifestante no Egito relativa ao módulo C, “Organização”

Guia do manifestante no Egito – Organização
Conteúdo
“Reunir com amigos e vizinhos nas áreas residenciais, longe do local onde se localizam as forças de segurança.”
“Sair para as principais ruas em grupos grandes para tentar juntar o máximo número de manifestantes.”
“Usar rosas para demonstrar intenções pacíficas.”
“Tem como finalidade a queda do regime de Hosni Mubarak e dos seus ministros, cessação da lei de emergência, liberdade e justiça, formação de um novo governo não militar que defenda os interesses dos egípcios, a administração construtiva de todos os recursos do Egito.”
“Tem como objetivos ganhar o controlo de edifícios do governo importantes, tentar persuadir os membros da polícia e do exército a passar para o seu lado, proteger os demais egípcios durante a revolução.”
“Por favor não use <i>facebook</i> , <i>twitter</i> ou websites pois estão a ser monitorizados (...) Distribua por <i>e-mail</i> , publicações de rua ou pelo telefone, especialmente se for dono de uma loja ou oficina.”

²⁸ Cfr. Apêndice F – Guia do manifestante no Egito.

O Quadro n.º 22 corresponde aos excertos textuais que permitem identificar segmentos de resposta no que concerne ao módulo D, “Modos de atuação.”

Quadro n.º 22 – Análise de conteúdo do guia do manifestante no Egito relativa ao módulo D, “Modos de Atuação”

Guia no manifestante do Egito – Modos de Atuação
Conteúdo
“Usar vestuário como: t-shirts manga comprida, casaco de cabedal com capucho para ajudar na proteção contra o gás pimenta.”
“Uso de tampas de panela como escudo quando as forças de segurança usam o bastão e recorrem a balas de borracha.”
“Luvas de borracha espessas para proteger as mãos de impactos e gás pimenta.”
“Óculos de proteção que podem ser comprados numa loja qualquer de materiais de construção.”
“Lenços para proteger a boca e os pulmões do gás pimenta.”
“Latas de <i>spray</i> com tinta para, em caso de ataque das forças de segurança, pintar as viseiras dos capacetes e vidros das viaturas blindadas, bloqueando-lhes a visão e dificultando os seus movimentos.”
“Calçado que permita correr facilmente e movimentos rápidos.”
“Procedimento com escudo e <i>spray</i> . Aguentar a posição, bloquear o bastão com o escudo e usar o spray na cara do agente das forças de segurança.”
“Outros usos das latas de <i>spray</i> , nos vidros das viaturas blindadas e câmaras de segurança.”
“Colocar uma toalha molhada no cano de escape das viaturas.”
“Atirar garrafas de plástico, cheias de água ensaboada para debaixo dos pneus das viaturas blindadas para desequilibrar e tonar a condução mais difícil.”

7.2.2 Guia do manifestante do Reino Unido

O guia do manifestante em análise tem como finalidade transmitir informação sobre como organizar e participar em demonstrações e outras atividades semelhantes. Os autores são omissos embora se possa inferir que pertencem ao Reino Unido uma vez que os mesmos afirmam que o presente artigo foi redigido para ser utilizado nesta área geográfica, com a última atualização no ano de 2006.²⁹

O Quadro n.º 23 reporta à organização do Adv, correspondente ao módulo B, referindo a possibilidade dos procedimentos descritos poderem ser utilizados noutros locais, a formação de equipas que atuam sempre em conjunto, incentivando ao treino de

²⁹ Cfr. Apêndice G – Guia do manifestante no Reino Unido.

ações. São também referidos alguns materiais a trazer e descritas sucintamente formas de atuação das FS inglesas.

Quadro n.º 23 – Análise de conteúdo do guia do manifestante do Reino Unido relativa ao módulo C, “Organização”

Guia do manifestante do Reino Unido – Organização
Conteúdo
<p>“Este é um guia sucinto para situações em que manifestações passam a distúrbios civis bem como para prevenir que as forças de segurança consigam controlar a situação quando esta ocorre.”</p>
<p>“O artigo foca-se no Reino Unido mas alguns pontos são universais.”</p>
<p>“O que fazemos para garantir que as nossas ações são eficazes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não procures manter a posição e lutar, vai para locais onde causes distúrbios sem as forças de segurança por perto. - Mantém-te em movimento, como um grupo ou individualmente (...) o caos põe as forças de segurança sem capacidade de resposta. - Não te sintas intimidado. - Faz tudo em equipas pequenas e prepara-te com antecedência. - Pensa defensivamente. Protejam-se uns aos outros e tenham rotas de fuga. - Entrelacem os braços sempre que puderem, formem barreiras, usem o corpo. - Mexam-se rápido e calmamente. Nunca deem tempo às forças de segurança para reagir.”
<p>“Objetivos dos manifestantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ninguém realmente “ganha” mas isso não interessa. O que interessa é que o teu alvo foi atingido de alguma forma e que isso ainda se vai notar depois de estar tudo acabado. - Encontra um local onde possas causar distúrbios e danos económicos ao teu verdadeiro alvo, em vez de lutar. - Ajuda outros com problemas administrando primeiros socorros e desalgema-os em vez de lutar.”
<p>“Tenta encontrar grupos de afinidade (...) que basicamente são um conjunto de pessoas que trabalha como uma unidade.”</p>
<p>“Os grupos podem-se encontrar atempadamente para discutir ideias e reações bem como para praticar cenários. Quanto mais se encontram os teus grupos, melhor vão ser os tempos de reação e eficácia (...) desenvolvem a sua própria forma de comunicar e podem dividir tarefas e equipamento.”</p>
<p>“Este guia é um projeto em desenvolvimento contínuo.”</p>
<p>“ Os agentes das forças de segurança, em linha, (...) vão avançar para tentar dividir a manifestação em dois.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bastões, cavalos e gás pimenta vão ser usados para dividir a manifestação e baixar a moral. - As cargas policiais vão empurrar-te lentamente pela rua (Corrida dos elementos das forças de segurança>consolidar a linha>repetir). - Os manifestantes que estiverem a arremessar projéteis vão ser postos em fuga. - Rotações de efetivo (é importante perceber quando estão a ter lugar pois são uma vulnerabilidade).”

“Trazer bastantes garrafas de água para beber e lavar a pele e olhos se necessário. Barras energéticas.”
“Trazer dinheiro suficiente para cabines telefónicas, comida e transportes.”
“Podem dividir tarefas e equipamento entre o grupo como por exemplo água, cadeados, tinta, primeiros socorros, comida, tarjas e roupa extra.”
“Pensar em ameaças atempadamente vai ajudar.”

O Quadro n.º 24 reporta ao módulo D, “Modos de atuação” do Adv no Reino Unido, especificando medidas de proteção contra a vigilância das FS para identificação de meliantes, impactos de bastão, gás pimenta. Refere que a postura defensiva deve ser constante bem como a utilização de barricadas e utilização do Adv não violento. Especifica, também, aspetos sobre o tipo de vestuário, proteção e material extra a transportar.

Quadro n.º 24 – Análise de conteúdo do guia do manifestante do Reino Unido relativa ao módulo D, “Modos de Atuação”

Guia do manifestante do Reino Unido – Modos de Atuação
Conteúdo
- “Vigilância: usar máscaras torna difícil a identificação numa manifestação. A manga comprida de uma t-shirt faz uma boa máscara. Usar casualmente à volta do pescoço. (...). Uma camisola com capucho e um chapéu são uma boa proteção de câmaras estáticas.”
- “Impactos de bastão: um placar é um bom escudo temporário e usar tiras de plástico debaixo da roupa na zona do antebraço, oferece alguma proteção. Um grupo italiano adotou uma postura mais ativa e usou camadas espessas de enchimento debaixo da roupa juntamente com capacetes. Isto permite-lhes manter a linha policial mais à distância e protegerem-se a eles e à manifestação de impactos de bastão. Eles conseguem ultrapassar a linha da força de segurança e libertar manifestantes detidos.”
- “Gás pimenta: a melhor solução é o uso de comprimidos <i>campden</i> (usados para limpar equipamentos de fabrico de cerveja), outros sugerem o uso de água abundante mas a sua eficácia não está confirmada. Não esfregar a pele ou tomar banho de água quente.”
- “Cargas com bastão: se utilizar uma tarja, use tiras compridas de plástico em vez de um lençol. Pode ser usado com uma barreira móvel para parar uma carga policial.”
“Se não estiver a fazer mais nada deve estar sempre à defesa (...) construir barricadas (...).”
“Formem cordões sempre que possível.”
“Alguém tem de vigiar as forças de segurança de um bom ponto de vantagem para conseguir antecipar os movimentos destas.”
“Sentarem-se no chão é uma boa forma de dissuadir as cargas policiais mas tem de ser feito com muita gente e devem estar confiantes.”
“Uma barricada sólida intransponível pode reduzir as opções quando for preciso fugir (...) As melhores

barricadas são feitas de materiais espalhados por todo o lado.”
“A melhor forma de defesa é o caos (...) Mantenham-se sempre em movimento, saiam e entrem na manifestação constantemente (...) sejam imprevisíveis.”
“Se a multidão estiver passiva as forças de segurança vão tentar dividir a manifestação. Esta divisão vai criar dois grupos, os “atores” e “espetadores” (...) Não deixes que aconteça. Não deixes que eles se aproximem com facilidade. Preenche espaços vazios na manifestação. Percebe que espaço é que eles querem e levem o grupo para lá. Protege as hipóteses de fuga. Pega nos “espetadores” e mete-os outra vez na manifestação em movimento.”
“O contra avanço envolve mexer a linha contra as forças de segurança. Entrelacem os braços avancem lentamente. Usem as tarjas longas como um limpa-neve.”
“Continua à procura de formas para aumentar o número de manifestantes. Junta-te a outros grupos e absorve pessoas que andem a vaguear.”
“Vence o uso de equipas de agarro: mantendo a manifestação em movimento, detetar a equipa a preparar-se, se possível avisar o alvo para sair do local, entrelaçar os braços para formar um muro impenetrável, cerca a equipa de agarro quando entrarem na manifestação.”
“Usar roupa confortável e calçado que permita correr (...) que cubra toda a pele para proteger da exposição ao sol e gás pimenta.”
“Proteção ocular resistente ao choque (por exemplo óculos de sol, óculos de natação ou máscaras de gás).”
“Lenço para cobrir o nariz e a boca ensopado em água ou vinagre, que pode ajudar a respirar durante a exposição química.”
“Luvas grossas para manusear granadas de fumo ou gás.”
“Roupa extra num saco de plástico para o caso de estar contaminada com químicos.”
“Transportar um pequeno kit médico com compressas, pensos rápidos e fita adesiva.”

7.2.3 Guia do manifestante dos *Anonymous*

Outro resultado da pesquisa efetuada em fontes abertas foi o livro de bolso dos designados “*Anonymous*.” A data do documento remete para o ano de 2011 e aborda aspetos de organização dos grupos em equipas especificando funções distintas, mas que se complementam, assim como alguns procedimentos contra gás pimenta e binómios da cinotécnica.³⁰

O Quadro n.º 25 sintetiza a informação contida no manual em questão, relativamente aos aspetos relacionados com o módulo C, “Organização” e módulo D, “Modos de atuação.”

³⁰ Cfr. Apêndice H – Guia do manifestante dos *Anonymous*.

Quadro n.º 25 – Análise de conteúdo do guia do manifestante dos *Anonymous* relativa aos módulos C “Organização” e D “Modos de Atuação”

Guia do manifestante dos <i>Anonymous</i> – Organização e modos de atuação	
Equipas	Finalidade
Considerações gerais	<ul style="list-style-type: none"> - “Se possível organizar diferentes líderes.” - “Sejam profissionais.” - “Equipas diferentes, objetivos diferentes.” - “Cada equipa tem de ter uma pessoa com <i>walkie talkies</i>.” - “Usem roupas com cores para distinguir as equipas.”
Corredores (branco)	<ul style="list-style-type: none"> - “Dão informação do quartel-general a outras equipas e voltam.” - “Exige um perfeito conhecimento da zona e preferencialmente ter meios móveis (exemplo bicicleta) caso contrário o corredor mais rápido tem de servir.” - “Pode servir como equipa de apoio.” - “Usado para mensagens secretas que não podem ir via <i>walkie talkie</i>.”
Equipa médica (vermelho)	<ul style="list-style-type: none"> - “Esta equipa precisa de respeito.” - “Em caso de emergência toda a gente deve ajudar.” - “É muito importante que alguém assuma a posição de líder.” - “Devem ter tesouras, antisséptico, gazes, analgésicos, soro fisiológico, muita água e barras de proteína.” - “Devem estar bem sinalizados para que todos percebam quem são.”
Equipa de documentação (verde)	<ul style="list-style-type: none"> - “Tirar fotografias, filmagens e documentar.” - “Usar telemóveis para criar redes <i>wifi</i> e fazer <i>uploads</i> de situações que ocorram no momento.” - “Não precisam de participar nos distúrbios, podendo ficar na retaguarda a organizar dados de comunicações <i>wireless</i> (...) quanto mais informação sair dos distúrbios mais atenção da comunicação social vai chamar.” - “Nalguns casos, os governos podem bloquear os órgãos de comunicação social de comunicar. Quando isto acontece, o cidadão normal torna-se repórter por isso captar imagens e vídeo é muito importante para chamar a atenção para o objetivo que se reivindica e ganhar apoio internacional.” - “Devem atualizar o <i>Google Maps</i> se possível para informar, em tempo real, outros manifestantes dos movimentos da polícia.”
Equipa da linha da frente (preto)	<ul style="list-style-type: none"> - “Normalmente confrontam as autoridades.” - “(...) são onde as notícias e os órgãos de comunicação social vão focar a atenção e devem estar bem preparados para fazer passar a sua mensagem sinais, tarjas, megafones, <i>t-shirts</i>.” - “Protejam-se usando capacetes, óculos ou mesmo máscaras de gás.”
Equipa de observação (cinzento)	<ul style="list-style-type: none"> - “Equipados com <i>walkie talkies</i>, <i>smartphones</i>, etc.” - “Posicionam-se nos topos de edifícios ou pontos altos, dando uma perspetiva geral das ruas.”

	- “Estar posicionado em pontos altos permite perceber onde estão as forças de segurança, quantos manifestantes são esperados e em que direção é que eles vão, etc.”
Equipa da Base	- “Tentam montar o quartel-general com ligação para o exterior e comunicação para as equipas da manifestação.” - “Podem coordenar movimentos através de mapas, seguir equipas e prevenir que estas caiam em armadilhas.”
Todas as equipas	- “Arranjem telemóveis baratos com vários cartões SIM para o caso de serem apanhados pelas forças de segurança conseguirem manter contato com o resto do grupo. Também pode usar o <i>twitter</i> ou <i>facebook</i> .” - “Os grupos não devem ser maiores do que 6 pessoas. Grupos pequenos têm mais mobilidade. Grupos grandes são lentos, especialmente a decidir o que fazer.” - “Falem do que querem fazer antes da manifestação (...) conheçam a área antes de aparecer.”

7.3. Síntese conclusiva

Através da análise qualitativa e quantitativa das entrevistas realizadas a especialistas com conhecimento sobre o Adv, em distúrbios civis, foi possível identificar aspetos transversais de organização e modos de atuação.

Os aspetos identificados foram posteriormente utilizados para efetuar a correlação da análise documental em fontes abertas que continham informações sobre o Adv, especificamente na forma como este procura confrontar a ação das forças de segurança e provocar distúrbios para atingir os fins a que se propõe.

Face a esta situação, foi elaborado o Quadro n.º 26 que contextualiza a tipologia de Adv que é encontrado em distúrbios civis, os seus princípios de organização e atuação. Estes princípios estão sujeitos a adaptações face às realidades particulares de cada país onde se desenrolem os distúrbios civis, nomeadamente, variáveis geográficas, culturais, motivação do Adv para causar distúrbios, variáveis essas que importa considerar, mas que neste estudo, de natureza exploratória, não foi possível contemplar.

Quadro n.º 26 – Síntese dos modos de atuação do Adv em Distúrbios Civis

Modos de Atuação do Adversário em Distúrbios Civis
Resistência
Provocações/injúrias ligeiras, demonstrações, cantos
Cordões humanos
Danos de propriedade reduzidos
Barricadas
Proteção do Adv
Retardar/bloquear avanço das FS
Materiais e dimensões variáveis (árvores, veículos, contentores do lixo, pedras)
Podem ser incendiadas
Simulação e envolvimento
Finalidade de dividir as FS
Procura criar situações de elementos das FS isolados
Linguagem agressiva
Provocações
Destabilizar e motivar à violência
Veículos e outros objetos
Empurrados contra as forças da ordem (veículos, caixotes do lixo, carrinhos de mão, eletrodomésticos, grades)
Terreno elevado para potenciar o efeito
Incêndios
Retardar/desviar avanços das FS
Criar confusão
Danos de propriedade (edifícios, caixas multibanco, bancos, lojas)
Permitir fuga do Adv
Armamento e projéteis
Armas contundentes (machados, bastões de madeira, facas, canos de metal)
Arremesso de objetos (pedras, tijolos, garrafas, madeira)
Arremesso de objetos mais sofisticados (recurso a físgas, petardos, <i>cocktails molotov</i> , granadas de fumo ou explosivos)
Bloquear/Retardar/Ferir as FS
Armas de fogo
Espetadores não violentos
Manifestantes pacíficos ou espetadores usados como barreira entre o Adv e as FS
Motivação para participar/cooperar nos distúrbios
Vestuário e outros materiais
Ocultar identidade (passa montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos)
Material de proteção (cotovelleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, roupa com enchimentos)
Escudos improvisados (tampas de saneamento, madeira, metal)
Mochilas (roupa, projéteis, armamento, máscaras de gás, lanternas, <i>kit</i> de primeiros socorros)
Dissimulação
Adv infiltra-se numa manifestação pacífica
Movimento da manifestação pacífica praticar distúrbios
Vitimização
Passar imagem de ação policial desadequada/desproporcional
Novas tecnologias e comunicação
Coordenar a ação do Adv (redes sociais, aplicações, telemóveis, <i>tablets</i> , rádios)
Meios de recolha de imagens para controlar a ação das FS (<i>drones</i> , telemóveis, câmaras de filmar)
Motivação para a violência (redes sociais e comunicação social)

Quadro n.º 27 – Síntese das características organizacionais do Adv em Distúrbios Cíveis

Organização do Adversário em Distúrbios Cíveis
Uso da hora do dia e local
Partilha de modos de atuação do Adv pela internet (manuais e vídeos)
Estrutura de liderança que prepara e coordena a ação Adv
Identifica-se por intermédio de sinais
A estrutura de liderança posiciona-se em locais dissimulados
Uso das redes sociais e novas tecnologias
Uso das redes sociais no plano da desinformação
Capacidade de sustentação do Adv

Capítulo 8

Conclusões e Recomendações

O presente capítulo constitui a parte final do trabalho de investigação elaborado, tendo como finalidade apresentar os resultados de todo o trabalho teórico e empírico realizado, através da verificação das hipóteses formuladas que dão resposta às questões derivadas e, conseqüentemente, à questão central, cumprindo os objetivos estabelecidos.

São, também, referidas algumas limitações do estudo realizado bem como recomendações para futuras investigações, contribuindo esta reflexão para uma análise crítica do trabalho realizado e identificar aspetos que possam ser melhorados.

As hipóteses levantadas nesta investigação são verificadas através das entrevistas e análise documental efetuadas no capítulo anterior.

8.1. Verificação das hipóteses

A **QD1** – Como se caracteriza o adversário em distúrbios civis? – Está relacionada com a H1 e H2.

A **H1** – A recolha de informação permite compreender o tipo de ameaça que o Adv constitui e informar sobre a sua caracterização, organização e modos de atuação – confirma-se parcialmente. A recolha de informação permite adequar e melhorar a eficiência da resposta policial nas operações de distúrbios civis (78%), é fundamental no planeamento e execução de operações policiais de distúrbios civis e contribui para identificar o número do Adv, antecedentes e particularidades (67%), potenciando a racionalização de meios e do efetivo, bem como adequar o material, equipamento e armamento a utilizar (55%).

As informações são primariamente recolhidas pela força territorialmente competente, GNR ou PSP, embora também possam ser recolhidas por serviços de segurança nacionais e forças e serviços de segurança internacionais em situações muito específicas, com um maior grau de complexidade e risco (67%). Os elementos da força de ordem pública desempenham um papel essencial na recolha de informação tática (55%).

A quantidade e qualidade de informação disponível carecem de rigor, nos momentos da recolha e análise das notícias e verificação, normalmente, através da condução de reconhecimentos por elementos da força de ordem pública. A obtenção de informação atempadamente sobre o tipo de Adv, organização e modos de atuação, nem sempre é possível dada a diversidade das motivações e ampla variedade do tipo de indivíduos que podem constituir o Adv em distúrbios civis. As informações recolhidas e analisadas de forma mais detalhada e aprofundada ocorrem, geralmente, no momento em que a força de ordem pública já está a intervir ou na eminência de o fazer.

A **H2** – Existe uma doutrina generalizada do Adversário para distúrbios civis com princípios e modos de atuação estabelecidos – não se confirma. Não obstante do facto de o Adv possuir organização e realizar ações concertadas contra as FS, não é possível considerar a existência de uma doutrina generalizada. No entanto, é possível considerar um conjunto de procedimentos comuns, relativos à organização e modos de atuação, em distúrbios civis (77%), eventualmente, com possíveis doutrinas estabelecidas ao nível local, na realidade social de um país ou em determinados grupos organizados (22% dos 77%).

A **H3** – O Adversário é caracterizável quanto ao comportamento que adota no decorrer dos distúrbios civis – confirma-se totalmente. Face à ampla variedade do tipo de indivíduos que podem constituir o Adv e inerentes motivações, verifica-se que é possível caracterizar de forma genérica o Adv, através do comportamento que exhibe em, não violento, violento e incitador/agitador sendo que pode estar inserido numa manifestação não violenta ou violenta (89%). Contudo, o mesmo indivíduo pode apresentar os três tipos de comportamento num distúrbio civil e numa manifestação pode variar em violenta ou não violenta, com o fator motivação a desempenhar um papel ativo nesta dinâmica tanto no plano comportamental do indivíduo como no plano de coletivo.

A **QD2** – Que aspetos/parâmetros (in)formam sobre a organização que o Adv possui neste âmbito? – Está relacionada com a H3 e H4.

A **H4** – A existência de organização e a atuação concertada são fatores indiciadores de um Adversário profissional em distúrbios civis – confirma-se parcialmente. Verificou-se que não existe uma Adv profissional propriamente dito embora a eficiência técnica demonstrada por alguns grupos em distúrbios civis em termos de ações concertadas e efeitos que provocaram revelem um comportamento semelhante a profissionais. Neste campo, verifica-se pelas respostas dos entrevistados, que o grau de preparação, coordenação e atuação que o Adv demonstra em distúrbios civis, revelam um

comportamento profissional (67%). Contudo são de destacar alguns aspetos, nomeadamente, o Adv não faz da prática de distúrbios civis um modo de vida, uma profissão, pago para o fazer (44%) e o contrário também é afirmado por parte menos significativa dos entrevistados (22%).

A **H5** – O Adversário utiliza as redes sociais como meio para preparar e executar distúrbios civis – confirma-se totalmente. Ainda que os objetivos que surgem de distúrbios civis dependem da motivação do Adv para a violência ou não, da necessidade de chamar a atenção para a sua causa e, existem alguns grupos que aproveitam estas situações com o fim exclusivo de provocar instabilidade social, confrontar as FS (78%) e em última análise, desafiar a autoridade do Estado (22%). Os distúrbios civis, podendo ter origens de ordem política, social, económica, religiosa entre outras, sendo o essencial chamar a atenção para sua causa e no caso específico de grupos organizados, reportam sobretudo a tentar subverter os objetivos de uma manifestação para a desordem e violência.

Verificou-se que grupos organizados desenvolveram modos de atuação para perturbar operações de controlo de distúrbios civis (89%) e que estes modos de atuação são partilhados pela internet, estão disponíveis como manuais, apontamentos e vídeos (78%). Alguns grupos possuem uma estrutura de liderança para preparar e coordenar a sua ação, recorrendo para o efeito às redes sociais e novas tecnologias. O Adv sincroniza as suas ações de acordo com a hora do dia e o local em que vão atuar e que tem alguma capacidade de sustentação para distúrbios civis com maior duração (55%). Ainda, o Adv usa sinais para comunicar como adereços, rádios, telemóveis com acesso às redes sociais e aplicações para o feito; assim como a estrutura de liderança posiciona-se em locais dissimulados durante os distúrbios e as redes sociais podem ser usadas no plano da desinformação para induzir as FS em erro na alocação de meios e efetivos (33%). O treino de procedimentos pelo Adv para confrontar as FS, foi um aspeto referido nas respostas dos entrevistados (22%) a ter em conta.

Através da análise documental em fontes abertas, do guia do manifestante no Egito, Reino Unido e do grupo *Anonymous*, é possível verificar uma componente considerável de preparação do Adv para atuar em distúrbios civis.

A **QD3** – O Adversário tem capacidade para executar ações concertadas contra as FS? – Está relacionada com a H5.

A **H6** – O Adversário tem modos de atuação generalizados contra a ação das FS que são partilhados em fontes abertas – confirma-se totalmente. Identificaram-se 12 modos de atuação (89%) do Adv violento e incitador/agitador, sendo eles:

- Resistência – Envolvendo provocações/injúrias ligeiras, demonstrações, cantos, a possibilidade de alguns danos de propriedade reduzidos (89%) e “cordões humanos” (78%);
- Barricadas – Várias dimensões e com base no que encontra disponível no terreno, com a finalidade de retardar o avanço das FS ou proteger-se da ação destas (89%) e há a possibilidade de estas serem incendiadas (78%);
- Ação de simulação e envolvimento – Com intuito de dividir as FS e criar situações de elementos isolados (78%);
- Linguagem agressiva – para provocar as FS e motivar a manifestação para violência (78%);
- Veículos e outros objetos – Empurrados contra as FS para provocar danos físicos no efetivo e viaturas no local sendo que o terreno pode funcionar como potenciador dos efeitos (78%);
- Incêndios – Criam instabilidade e confusão generalizada, podendo ter como finalidade danos de propriedade e como forma para retardar ou desviar o avanço das FS e permitir a fuga do Adv (78%);
- Armamento e projéteis – São utilizadas armas contundentes (machados, bastões de madeira, facas, canos de metal), arremesso de vários tipos de objetos (pedras, tijolos, garrafas, paus, madeira, petardos, *cocktails molotov*, granadas de fumo, explosivos, nalguns casos com recurso a fisgas) sendo que a finalidade é bloquear, retardar ou ferir elementos das FS, existindo a possibilidade de recurso a armas de fogo (78%);
- Espetadores não violentos – Espetadores e manifestantes são incentivados para a prática de atos ilícitos ou para colaborar nos distúrbios sem recorrer à violência, podendo funcionar como barreira entre as FS;
- Vestuário e material de proteção – Para ocultar a identidade e como proteção de meios coercivos utilizados pelas FS (passa montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos), mochilas com material extra (roupa, projéteis, armamento, máscaras de gás e *kit* de primeiros socorros) e a utilização adereços de proteção extra (cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, cascos, camisolas e calças com enchimentos bem como a escudos improvisados com tampas de saneamento, madeira e metal) (78%);
- Dissimulação – O Adv infiltra-se na manifestação pacífica e aproveita o movimento desta para cometer atos ilícitos;

- Vitimização (78%) – O Adv procura passar a imagem de atuação policial desadequada e excessiva (89%);
- Novas tecnologias e comunicação (67%) – O Adv coordena a sua ação durante os distúrbios com recurso a redes sociais, aplicações, telemóveis, rádios e, também, efetua a recolha de imagens para incentivar à violência (89%).

É ainda possível verificar os modos de atuação do Adv através da análise dos guias do manifestante no Egito, Reino Unido e do grupo *Anonymous*. Estes documentos disponíveis em fontes abertas contemplam procedimentos detalhados para confrontar as FS, em contextos específicos, suscetíveis de serem utilizados, de forma transversal, em distúrbios civis.

8.2. Reflexões finais

Resumidamente, reportando ao problema do presente trabalho de investigação, é possível responder à questão central – **“Existe uma doutrina do Adversário em distúrbios civis com princípios estabelecidos contra as forças de ordem pública, na perspetiva da Guarda Nacional Republicana?”**

A possibilidade de existir um Adversário preparado para provocar distúrbios, danificar mobiliário urbano e desafiar não só a ação das forças de segurança como, em última análise, a própria autoridade do Estado, é suscetível de gerar um forte sentimento de insegurança junto da população.

Existe um conjunto de procedimentos comuns de organização e atuação do adversário em distúrbios civis que são partilhados em fontes abertas, mas não é possível considerar que estes procedimentos constituem de facto, uma doutrina generalizada. Existem princípios de organização e de atuação comuns do adversário em distúrbios civis, identificados nos pontos 7.2 e 7.3, do capítulo 7 e no ponto 8.1 do presente capítulo.

O adversário em distúrbios civis pode ser caracterizado, de forma geral, quanto ao comportamento que manifesta face à multiplicidade de contextos, motivações, assim como o tipo de indivíduos ou grupos que podem constituir o mesmo.

A possibilidade de existir um adversário profissional para distúrbios civis assume relevância na perspetiva da capacidade de organização e atuação concertada contras as FS,

no contexto de graves alterações de ordem pública, sobretudo, no plano internacional, embora já tenham ocorrido situações pontuais em território nacional.

Os princípios do adversário em distúrbios civis identificados são suscetíveis de adaptações tendo em conta vários fatores contextuais específicos, nomeadamente, cultura, legislação, formas de atuação das FS, política, motivação do adversário e o local onde ocorrem os distúrbios. Ainda que estes fatores não sejam alvo de estudo na presente investigação, possibilitam uma compreensão mais aprofundada das causas, proporções e resultados dos distúrbios civis concretos, na perspetiva de estudos de caso.

8.3. Limitações da investigação

A lacuna documental nesta área de estudo, existente a nível institucional bem como a dispersão dos documentos que serviram de base à investigação, constituíram um obstáculo que teve de ser ultrapassado. A conotação criminal desta tipologia de incidentes, constitui um obstáculo à identificação do adversário com um papel ativo, em distúrbios civis.

O tempo disponível para a realização da investigação foi uma limitação em virtude das atividades envolvidas no plano curricular do tirocínio.

8.4. Recomendações e futuras investigações

O trabalho de investigação desenvolvido é um projeto contínuo que evolui com a dinâmica da sociedade. O limite da atuação do Adv depende da sua motivação e capacidade de imaginação face aos meios que tem disponíveis para potenciar este tipo de incidentes, tendo em conta outros fatores como cultura, política, legislação em vigor e ação das FS. Neste sentido afigura-se pertinente o aprofundamento da pesquisa, através de estudos de casos sobre o Adv, em distúrbios civis, contextualizando os princípios de organização e modos de atuação identificados à realidade de cada país, e atendendo à diversidade das motivações e perfis. Através da análise dos vários distúrbios civis ocorridos, poder-se-ia então caracterizar o Adv típico encontrado, a sua organização e modos de atuação específicos e, se possível, identificar um modelo de ameaça, adaptado à realidade atual de uma determinada região e dos seus contextos.

Referências Bibliográficas

Livros e monografias

Branco, C. (2010). *Guarda Nacional Republicana Contradições e Ambiguidades*. Lisboa: Edições Sílabo.

Correia, A., Mesquita, A. (2013). *Mestrados & Doutoramentos Estratégias para elaboração de trabalhos científicos: o desafio da excelência*. Porto: Vida Económica.

Exército Português (2007). *Planeamento tático e tomada de decisão*. Lisboa: Comando da Instrução e Doutrina.

Exército Português (2010). *Estudo do espaço de batalha pelas informações (IPB)*. Lisboa: Comando da Instrução e Doutrina.

Fortin, M. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusodidacta.

Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica. Fundamentos, Métodos e Técnicas*. (3ª edição). Lisboa: Instituto Piaget.

Guarda Nacional Republicana (1996). *Manual de Operações*, Vol. I e II. Lisboa: Cegraf/GNR.

Guarda Nacional Republicana (2010). *Manual de Manutenção da Ordem Pública*. Lisboa: Unidade de Intervenção.

Hunsicker, A. (2011). *Behind the shield Anti Riot Operations Guide*. Florida: Universal Publishers.

Oliveira, J. (2000). *A manutenção da ordem pública em Portugal*. (1.^a edição). Lisboa: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

Polícia de Segurança Pública (1999). *Manutenção da ordem*. Lisboa: Escola prática da PSP.

Quivy, R., Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.

Sarmiento, M. (2013). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. (3.^a edição). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Tzu, S. (2009). *A Arte da Guerra*. Lisboa: Bertrand Editora.

Artigos

Duprez, D. (2009). Urban Rioting as an Indicator of Crisis in the Integration Model for Ethnic Minority Youth in France. *Routledge*. 753-770

Documentos on-line

American Psychological Association (s.d.). Normas para a elaboração de Bibliografias, Referências Bibliográficas e Citações. Retirado: janeiro, 4, 2015, de http://c3icongresso2013.web.ua.pt/wp-content/uploads/2013/05/Normas_APA6th.Portugues.pdf

Anonymous (2011). *Protestors Guide to Organize Demonstrations Amidst Repression (Handbook)*. Retirado: maio, 8, 2015 de <http://ulrikbrask.dk/Media/Anonymous%20-%20RiotGuide.pdf>

California Commission on Peace Officer Standards and Training (2012). *Crowd Management, Intervention, and Control*. Retirado: fevereiro, 3, 2015, de <http://lib.post.ca.gov/Publications/CrowdMgtGuidelines.pdf>

Calvo, A. (2011). *London Riots: Decentralized Intelligence Collection and Analysis*. Retirado: fevereiro, 3, 2015, de <http://smallwarsjournal.com/printpdf/11184>

Castells, M., Cardoso, G. (2005). *A sociedade em rede do conhecimento à acção política*. Retirado: janeiro, 7, 2015, de http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/-Sociedade_em_Rede_CC.pdf

Challenger, R., Clegg, C., Robison, M. (2009 a). *Understanding Crowd Behaviours: Supporting Evidence*. Retirado: abril, 14, 2015, de https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/62637/guide_forreaders1_0.pdf

Challenger, R., Clegg, C., Robison, M. (2009 b). *Understanding Crowd Behaviours: Guidance and Lessons Identified*. Retirado: abril, 14, 2015, de https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/62638/guidance_lessons1_0.pdf

Demonstration Guide (n.d.). Retirado: maio, 8, 2015, de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

Egyptian Activist Plan (n.d.). Disponível em: <http://www.businessinsider.com/egypt-activist-plan-2011-1?IR=T>

Guarda Nacional Republicana (2013). *Plano de Actividades*. Retirado: janeiro, 10, 2015, de <http://www.gnr.pt/documentos/InstGestao/PAGNR2013.pdf>

Headquarters, Department of the army (2014). *Civil Disturbances*. Retirado: fevereiro, 3, 2015, de http://armypubs.army.mil/doctrine/DR_pubs/dr_a/pdf/atp3_39x33.pdf

Ilharco, F. *A interculturalidade e as novas tecnologias*. Retirado: fevereiro, 5, 2015, de http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap5.pdf

Kenny, J., Mcphail, C., Waddington P., Heal S., Ijames S., ... Odenthal D. (2001). *Crowd Behaviour, Crowd Control, and the Use of Non-Lethal Weapons*. Retirado: abril, 14, 2014, de <https://www.eisf.eu/wp-content/uploads/2014/09/0346-Kenny-et-al-2001-Crowd-behavior-crowd-control-and-the-Use-of-non-leathal-weapons.pdf>

Metropolitan Police Service (2012). *4 Days in August*. Retirado: abril, 14, 2014, de http://www.met.police.uk/foi/pdfs/priorities_and_how_we_are_doing/corporate/4_days_in_august.pdf

Ministério da Administração Interna (2008). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Retirado: janeiro, 15, 2015, de http://www.portugal.gov.pt/media/564308/rasi_2008.pdf

Office of the Independent Police Review Director (2012). *Policing the right to protest*. Retirado: abril, 14, 2014, de https://www.oiprd.on.ca/CMS/getattachment/Publications/ReportsG20_Report_Eng.pdf.aspx

Office of the Independente Police Review Diretor (2012). *G20 Systemic Review Report*. Retirado: fevereiro, 4, 2015, de http://www.oiprd.on.ca/EN/PDFs/G20-Systemic-Review-2012_E.pdf

Spyros Economides & Vassilis Monastiriotis (2009). *The Return of Street Politics? Essays on the December Riots in Greece*. Retirado: fevereiro, 4, 2015, de http://www.lse.ac.uk/europeanInstitute/research/hellenicObservatory/pdf/Various/Greek_Riots_09_FINAL.pdf

Teses, dissertações não editadas

Farinha, J., (2011). *Forças combinadas em ordem pública*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de mestre, Academia Militar, Lisboa.

Silva, T., (2014). *A Influência dos “media” em situações de alterações da ordem pública: Pontos de vista Policiais e dos Jornalistas*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de mestre, Academia Militar, Lisboa.

Sites consultados

GNR (2015). Guarda Nacional Republicana. Acedido em janeiro, 11, 2015 em <http://www.gnr.pt/default.asp?do=t04/14tn0vCnpn1/qrsv0vpn1EE>

Legislação

Declaração Universal dos Direitos do Homem. *Diário da República n.º 57/78 – I Série*. Assembleia República. Lisboa. 489-493

Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de agosto. *Diário da República n.º 155/05 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa. 4642 – 4686

Lei n.º 53/2007 de 31 de agosto. *Diário da República n.º 168/07 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa. 6065 – 6074

Lei n.º 53/2008 de 29 de agosto. *Diário da República n.º 167/08 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa. 6135 – 6141

Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro. *Diário da República n.º 213/07 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa. 8043 – 8051

Decreto Lei n.º 406/74 de 29 de agosto. *Diário da República n.º 201/74 – I Série*. Assembleia da República. Lisboa. 964(2) – 964(3)

Portaria n.º 1450/2008 de 16 de dezembro. *Diário da República n.º 242/08 – I Série*. Ministro da Administração Interna. Lisboa. 8845 – 8854

Outros

Academia Militar – Direção de Ensino (2013). NEP 520/2ª/01JUN13/AM. Lisboa: Academia Militar.

Comando Geral da Guarda Nacional Republicana (2008). Despacho n.º 77/08 – Ordem da Guarda, de 15 de março. Lisboa: Comando Geral da Guarda Nacional Republicana.

Comando Geral da Guarda Nacional Republicana (2009). Despacho n.º 57/09 – Ordem da Guarda, de 15 de março. Lisboa: Comando Geral da Guarda Nacional Republicana.

Apêndices

Apêndice A

Montagem fotográfica de manifestantes violentos na Assembleia da República na manifestação de 14 de novembro de 2012

Ilustração n.º 1 – Manifestantes violentos fotografados em frente à Assembleia da República, a 14 de novembro de 2012.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://fotografar.pt/as-melhores-fotografias-da-manifestacao-de-14-de-novembro-junto-a-assembleia-da-republica-lisboa/>



Apêndice B

Montagem fotográfica do panorama junto à Assembleia da República na manifestação de 14 de novembro de 2012

Ilustração n.º 2 – Consequências resultantes da manifestação de 12 de novembro de 2012, junto à Assembleia da República.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://fotografar.pt/as-melhores-fotografias-da-manifestacao-de-14-de-novembro-junto-a-assembleia-da-republica-lisboa/>

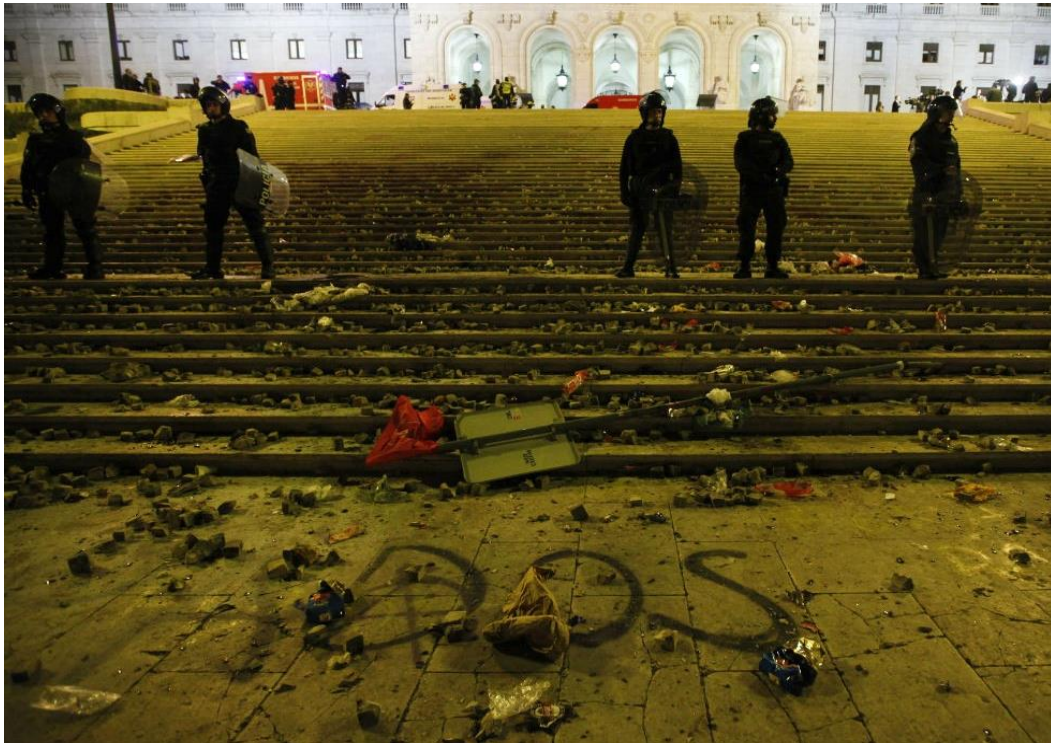


Ilustração n.º 3 – Consequências resultantes da manifestação de 12 de novembro de 2012, nas ruas de acesso à Assembleia da República.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://fotografar.pt/as-melhores-fotografias-da-manifestacao-de-14-de-novembro-junto-a-assembleia-da-republica-lisboa/>



Apêndice C
Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

**A Doutrina Sobre o Adversário em Distúrbios Civis. Caracterização,
organização e Modos de Atuação**

Guião de Entrevista

**Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Diogo Mário Torres Barbosa
Oliveira**

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria C. Romão L. Bandeira
Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Pedro Miguel F. da Silva Nogueira

A presente Entrevista surge no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada subordinado ao tema: “A Doutrina do Adversário em Distúrbios Cíveis: Caracterização, Organização e Modos de Atuação.”

O Trabalho de Investigação Aplicada em causa permite a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares na especialidade de Segurança, e dentro dos vários objetivos a que se propõe, destaca-se a possibilidade de se estudar um assunto de reconhecido interesse para a Guarda Nacional Republicana.

O objetivo da entrevista centra-se na recolha de informações acerca da doutrina sobre o Adversário (Adv), como uma ferramenta de apoio à prevenção das forças de segurança, no âmbito dos distúrbios cíveis. Pretende ainda recolher informação acerca da caracterização do Adv, identificar aspetos/parâmetros que (in)formam a sua organização bem como modos de atuação, na preparação e execução de distúrbios cíveis e que são identificadas pelos elementos das FS especializados, neste contexto. Tendo isto em conta, o contributo de V.Ex.^a configurar-se-ia certamente como um elemento enriquecedor desta investigação, permitindo obter conclusões mais completas e realistas.

Deste modo, solicito a V.Ex.^a que me conceda esta entrevista que estará integrada no Trabalho de Campo do relatório em causa, com vista a atingir os objetivos finais propostos.

É de todo o interesse que as respostas sejam baseadas naquilo que é a realidade do trabalho desenvolvido por V. Ex.^a.

Os resultados obtidos serão estatisticamente tratados, sendo que o anonimato e a confidencialidade dos inquiridos serão sempre garantidos.

Grato pela sua colaboração.

Atenciosamente,

Diogo Mário Torres Barbosa de Oliveira

Aspirante de GNR Infantaria

Dados do Entrevistado

Unidade de Colocação	
Função	
Tempo de Serviço	
Idade	
Género	

Módulos	Questões
Módulo A: Informação	<p>A1 – Que importância atribui à recolha de informações sobre o Adv em distúrbios civis e de que forma estas podem contribuir na prevenção desta tipologia de incidentes?</p> <p>A2 – Como se processa a recolha de informação sobre o Adv no contexto mencionado?</p>
Módulo B: Caraterização	<p>B1 – Considera que existe uma doutrina do Adv em distúrbios civis?</p> <p>B2 – Tendo em conta a caraterização do Adv no contexto de distúrbios civis, este pode ser genericamente caraterizado como não violento, violento e incitador/agitador?</p> <p>B3 – Considera que existe um Adv profissional em distúrbios civis? Se sim, que indícios revelam este facto?</p>
Módulo C: Organização	<p>C1 – De que forma se organiza o Adv na preparação e execução de distúrbios civis?</p> <p>C2 – Quais são os objetivos que o Adv pretende atingir através da ocorrência de distúrbios e possíveis causas?</p>
Módulo D: Modos de atuação	<p>D1 – Considere os modos de atuação que o Adv utiliza para inviabilizar a ação das forças de segurança:</p> <p>D1.1 – Em relação à ação resistente?</p> <p>D1.2 – Recorrem a barricadas?</p> <p>D1.3 – Utilizam ações de simulação e envolvimento?</p> <p>D1.4 – Utilizam linguagem agressiva?</p> <p>D1.5 – Recorrem a veículos e outros objetos?</p>

	<p>D1.6 – Utilizam incêndios?</p> <p>D1.7 – Utilização de armamento e projéteis?</p> <p>D1.8 – Utilização de espetadores não violentos?</p> <p>D1.9 – E em relação a vestuário e materiais de proteção utilizados?</p> <p>D1.10 – Que outros modos de atuação identifica?</p>
--	--

Ilustração 4- Classificação alfanumérica das questões da entrevista.
Fonte: Elaboração própria.

Outras considerações:

Apêndice D

Codificação alfanumérica das respostas dos entrevistados

Quadro n.º 28 – Codificação alfanumérica dos segmentos de respostas dos entrevistados.
Fonte: Elaboração própria.

Questão A1	
Segmento A.1.1	“Fundamental para o planeamento e execução de operações policiais de distúrbios civis”
Segmento A.1.2	“Identificar o número do Adv, antecedentes e particularidades”
Segmento A.1.3	“Melhorar a eficiência da resposta policial”
Segmento A.1.4	“Racionalização de meios e efetivo a empenhar e adequação do material, equipamento e armamento a utilizar”
Questão A2	
Segmento A.2.1	“Forças de segurança territorialmente competentes”
Segmento A.2.2	“Serviços de segurança”
Segmento A.2.3	“Grupos de influência na manifestação”
Segmento A.2.4	“Forças e serviços de segurança internacionais em situações específicas”
Segmento A.2.5	“Ausência de recolha de sistemática de informações sobre o Adv”
Segmento A.2.6	“Outras formas de recolha de informação como filmagens e redes sociais”
Segmento A.2.7	“Elementos da força de ordem pública”
Segmento A.2.8	“Civis”
Questão B1	
Segmento B.1.1	“Não, existe um conjunto de procedimentos comuns do Adv”
Segmento B.1.2	“Sim”
Segmento B.1.3	“Existe um conjunto de procedimentos comuns e doutrina a nível local”
Segmento B.1.4	“Existe um conjunto de procedimentos comuns mas varia em ambiente urbano e rural”
Questão B2	
Segmento B.2.1	“Sim, englobados em manifestações não violentas ou violentas”
Segmento B.2.2	“Motivação do Adv determina o seu comportamento”
Segmento B.2.3	“Não”
Questão B3	
Segmento B.3.1	“Sim, pelo grau de preparação, coordenação e atuação”
Segmento B.3.2	“Não como profissão”
Segmento B.3.3	“Sim, a nível local”
Segmento B.3.4	“Não”
Questão C1	
Segmento C.1.1	“Modos de atuação grupos organizados para provocar distúrbios civis”
Segmento C.1.2	“Uso da hora do dia e local”
Segmento C.1.3	“Partilha de modos de atuação do Adv pela <i>internet</i> (manuais e vídeos)”
Segmento C.1.4	“O Adv treina procedimentos”
Segmento C.1.5	“Estrutura de liderança que prepara e coordena a ação Adv”
Segmento C.1.6	“Identifica-se por intermédio de sinais”
Segmento C.1.7	“A estrutura de liderança posiciona-se locais dissimulados”
Segmento C.1.8	“Uso das redes sociais e novas tecnologias”
Segmento C.1.9	“Uso das redes sociais no plano da desinformação”
Segmento C.1.10	“Capacidade de sustentação do Adv”
Segmento C.1.11	“Não são organizados, apenas pontualmente”
Questão C2	
Segmento C.2.1	“Motivação Adv”
Segmento C.2.2	“Grupos organizados para criar instabilidade social e desordem”
Segmento C.2.3	“Descrédibilização da ação das FS”
Segmento C.2.4	“Quebra da autoridade do Estado”

Questão D1	
Questão D1.1	
Segmento D.1.1	“Resistência”
Segmento D.1.1.1	“Provocações/injúrias ligeiras, demonstrações, cantos”
Segmento D.1.1.2	“Cordões humanos”
Segmento D.1.1.3	“Danos de propriedade reduzidos”
Segmento D.1.1.4	“Não como modo de atuação”
Questão D1.2	
Segmento D.1.2	“Barricadas”
Segmento D.1.2.1	“Proteção do Adv”
Segmento D.1.2.2	“Retardar/bloquear avanço das FS”
Segmento D.1.2.3	“Materiais e dimensões variáveis (árvores, veículos, contentores do lixo, pedras)”
Segmento D.1.2.4	“Podem ser incendiadas”
Segmento D.1.2.5	“Não como modo de atuação”
Questão D1.3	
Segmento D.1.3	“Simulação e flanqueamento”
Segmento D.1.3.1	“Finalidade de dividir as FS”
Segmento D.1.3.2	“Procura criar situações de elementos das FS isolados”
Segmento D.1.3.3	“Não em grupos reduzidos”
Questão D1.4	
Segmento D.1.4	“Linguagem agressiva”
Segmento D.1.4.1	“Provocações”
Segmento D.1.4.2	“Destabilizar e motivar à violência”
Segmento D.1.4.3	“Não como modo de atuação”
Questão D1.5	
Segmento D.1.5	“Veículos e outros objetos”
Segmento D.1.5.1	“Empurrados contra as forças da ordem (veículos, caixotes do lixo, carrinhos de mão, eletrodomésticos, grades)”
Segmento D.1.5.2	“Terreno elevado para potenciar o efeito”
Segmento D.1.5.3	“Não como modo de atuação”
Questão D1.6	
Segmento D.1.6	“Incêndios”
Segmento D.1.6.1	“Retardar/desviar avanços das FS”
Segmento D.1.6.2	“Criar confusão”
Segmento D.1.6.3	“Danos de propriedade (edifícios, caixas multibanco, bancos, lojas)”
Segmento D.1.6.4	“Permitir fuga do Adv”
Segmento D.1.6.4	“Crime de oportunidade”
Questão D1.7	
Segmento D.1.7	Armamento e projéteis
Segmento D.1.7.1	Armas contundentes (machados, bastões de madeira, facas, canos de metal)
Segmento D.1.7.2	Arremesso de objetos (pedras, tijolos, garrafas, madeira)
Segmento D.1.7.3	Arremesso de objetos mais sofisticados (recurso a físgas, petardos, <i>cocktails molotov</i> , granadas de fumo ou explosivos)
Segmento D.1.7.4	Bloquear/Retardar/Ferir as FS
Segmento D.1.7.5	Armas de fogo
Segmento D.1.7.6	Não como modo de atuação
Questão D1.8	
Segmento D.1.8	“Espetadores não violentos”
Segmento D.1.8.1	“Manifestantes pacíficos ou espetadores usados como barreira entre o Adv e as FS”
Segmento D.1.8.2	“Motivação para participar/cooperar nos distúrbios”
Segmento D.1.8.3	“Não como modo de atuação”
Questão D1.9	
Segmento D.1.9	“Vestuário e outros materiais”
Segmento D.1.9.1	“Ocultar identidade (passa montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos)”
Segmento D.1.9.2	“Material de proteção (cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, roupa com enchimentos)”

Segmento D.1.9.3	“Escudos improvisados (tampas de saneamento, madeira, metal)”
Segmento D.1.9.4	“Mochilas (roupa, projéteis, armamento, máscaras de gás, lanternas, <i>kit</i> de primeiros socorros)”
Segmento D.1.9.5	“Não como modo de atuação”
Questão D1.10	
Segmento D.1.10	“Dissimulação”
Segmento D.1.10.1	“Adv infiltra-se numa manifestação pacífica”
Segmento D.1.10.2	“Movimento da manifestação pacífica praticar distúrbios”
Segmento D.1.11	“Vitimização”
Segmento D.1.11.1	“Passar imagem de ação policial desadequada/desproporcional”
Segmento D.1.12	“Novas tecnologias e comunicação”
Segmento D.1.12.1	“Coordenar a ação do Adv (redes sociais, aplicações, telemóveis, <i>tablets</i> , rádios)”
Segmento D.1.12.2	“Meios de recolha de imagens para controlar a ação das FS (<i>drones</i> , telemóveis, câmaras de filmar)”
Segmento D.1.12.3	“Motivação para a violência (redes sociais e comunicação social)”

Apêndice E

Quadro análise de conteúdo de entrevistas

Quadro n.º 29 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QA1.
Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QA1. Que importância atribui à recolha de informações sobre o ADV em distúrbios civis e de que forma estas podem contribuir na prevenção desta tipologia de incidentes?		Segmentos identificados
E1	- “Como em qualquer intervenção policial ou militar, a recolha de informações é vital . A nível da ordem pública propriamente dita tanto na parte preventiva como no decorrer de um distúrbio civil .”	A.1.1
	- “A recolha de informações sobre o Adversário pode permitir compreender as suas motivações, antecedentes relativos a incidentes anteriores e o tipo de intervenção que foi necessária, o número, faixa etária, características técnicas .”	A.1.2
	- “Sempre que for possível a recolha de informação sobre o Adversário e quanto mais detalhada for esta informação melhor será a resposta das forças da ordem no caso de ocorrências de distúrbios civis.”	A.1.3
E2	- “Durante a ocorrência do distúrbio, todos os comandantes de forças de ordem pública possuem ferramentas e experiências que permitem identificar um Adv mais preparado .”	A.1.2
	- “A experiência e conhecimento acumulados dos elementos das FS permitem uma resposta policial mais assertiva face a um incidente.”	A.1.3
E3	- “Atribuo uma grande importância à recolha de informações pois reporta á capacidade de uma força dar uma resposta de forma correta e eficiente ou não.”	A.1.3
	- “O tipo de informação que procuramos em distúrbios civis reportam ao número de elementos que constituem o Adv, motivação e antecedentes deste, tipologia do terreno, o que lá existe que pode ser utilizado contra força, tipo de materiais equipamentos e armamento que podem ser utilizados para fazer face às forças da ordem .”	A.1.2
	- “ Quanto maior for o grau de conhecimento sobre o Adv mais adequada será a resposta policial para fazer face a eventuais distúrbios e maior probabilidade de sucesso terá a atuação das FS.”	A.1.3
	- “A recolha de informações permite o pré posicionamento correto das FS, adequação do equipamento face à ameaça, e melhorar a capacidade de reação ”	A.1.1 A.1.3
	- “Para mim, em distúrbios civis, é de todo importante a recolha de informações precisa e exata para poder rentabilizar os meios e efetivo empenhados.”	A.1.4
E4	- “No contexto de distúrbios civis a recolha de informação funciona mais para a prevenção deste tipo de incidentes .”	A.1.1 A.1.3
	- “Na primeira fase a recolha de informações pode definir a articulação da força policial, quantidade, tipologia, valências a empenhar .”	A.1.4
	- “Na segunda fase já durante a manifestação ou distúrbio civil tem mais a ver com a manobra das forças no terreno e no controlo das ações do Adv .”	A.1.1
E5	- “ Procuramos saber quem é o Adv e como é que ele é, tipo de materiais que pode usar contra as nossas forças, antecedentes desse mesmo Adv, relatos anteriores de modos de operação, quem é o cabecilha (principal instigador) .”	A.1.2
	- “Neste quadro específico dos distúrbios civis, julgo que sem dúvida alguma, é crucial fazermos uma recolha de informações, para saber-mos com o que podemos contar no terreno .”	A.1.3
	- “A recolha de informação permite distribuir efetivo, constituir reserva de pessoal, escolher tipo de equipamento e armamento a utilizar, colocação das forças, adequar o uso da força .”	A.1.4 A.1.3
	- “ A recolha de informação melhora sem dúvida a resposta policial .”	
E6	- “ A recolha de informação é muito importante para todas as operações policiais e naturalmente no contexto de distúrbios civis .”	A.1.1

	-“A recolha de informação vai permitir a racionalização de meios e efetivo bem como a adequação do material, equipamento e armamento a utilizar.”	A.1.4
	-“Em primeiro lugar importa saber o que move a manifestação e que tipos de pessoas a compõem. ”	A.1.2
	-“A acessibilidade ao local e a hora do dia são importantíssimas.”	A.1.1
E7	- “Ainda é uma lacuna muito grande, que importa suprir, porque em muitas circunstâncias pode ser fundamental para o sucesso das operações de controlo de distúrbios civis e resposta policial. ”	A.1.1 A.1.3
E8	- “A recolha de informações sobre o Adv é imprescindível para saber-mos quem é o Adv e de que forma é que ele atua. ”	A.1.2
E9	- “Se nós conhecermos quem é o Adv e se tivermos previamente conhecimento de quais são as intenções do mesmo, melhor nos permite preparar o dispositivo que vamos ter, para evitar ao máximo que uma simples manifestação, se torne em desordem.”	A.1.1 A.1.2 A.1.4
	- “Cada vez mais isto vai implicar com as medidas de polícia que são tomadas e depois do emprego dos meios considerados necessários. ”	A.1.3
	- “Se tivermos o conhecimento prévio podemos ter uma ação proativa em vez de reativa. ”	A.1.3

Quadro n.º 30 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QA2.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QA2.		Segmentos identificados
Como se processa a recolha de informação sobre o Adv no contexto mencionado?		
E1	- “Quando vamos em apoio dos comandos territoriais o que acontece é que nós pedimos as informações sobre determinados aspetos que são retirados pelos serviços de informações locais , a Guarda neste caso.”	A.2.1
	- “No entanto existem outros serviços em que nos podemos apoiar , tais como o SIS, a PSP, a PJ. ”	A.2.1 A.2.2
	- “Existe a possibilidade de recorreremos ainda a grupos de influência que venham a fazer parte das manifestações e através dos quais podemos recolher dados. ”	A.2.3
	- “A colaboração e partilha de informação entre forças de segurança de diferentes países é uma realidade e funciona também neste plano da recolha de informações.”	A.2.4
E2	- “Existem duas fases distintas, uma é a preparação e outra a ação. Na primeira fase enquadram-se especialistas na área da recolha de informações sobre o Adv em distúrbios civis que não existem no panorama nacional , embora tenhamos elementos que pela experiência acumulada podem ser destacados para monitorizar uma determinada ocorrência ou evento atempadamente.”	A.2.5 A.2.7
	- “A troca de experiências com outras forças e serviços de segurança tanto nacionais como europeias constituem a base da recolha de informação no âmbito dos distúrbios civis.”	A.2.1 A.2.2 A.2.4
	- “No entanto, esta recolha de informações também pode ser realizada com os núcleos de investigação criminal dos comandos territoriais, os comandantes de destacamento territoriais, os comandantes das forças de ordem pública, oficiais de ligação de forças policiais europeias em eventos específicos. ”	A.2.1 A.2.7
	- “ Não existe uma célula de informação especificamente dedicada á recolha de informações sobre o Adv, em distúrbios civis, em território nacional (TN). ”	A.2.4
	- “ Existem muitas formas de recolher informação durante a ocorrência de distúrbios como a monitorização pela polícia inglesa das redes sociais durante os incidentes em Londres.”	A.2.5 A.2.6
E3	- “ Normalmente recolhe-se informações junto das forças locais. ”	A.2.1
	- “Resumindo, podemos ter os seguintes órgãos de recolha de informação em distúrbios civis: a força territorial competente (NIC, patrulha territorial), elementos de outras forças de segurança nacionais e internacionais, serviços de informações nacionais e estrangeiros sendo que estes últimos se verificam apenas em situações muito específicas.”	A.2.1 A.2.2 A.2.4

E4	<p>- “Neste contexto, numa primeira fase os serviços de informação e numa segunda fase os agentes das forças e serviços de segurança com valência da investigação criminal.”</p> <p>- “As patrulhas territoriais podem ser utilizadas como órgão de recolha de notícias pelo contato mais próximo que tem com a população.”</p> <p>- “No caso específico da nossa doutrina de ordem pública prevemos a constituição de uma equipa de vigilância que pode estar projetada numa fase muito inicial da manifestação ou distúrbio civil que serve para controlar movimentos do Adv.”</p> <p>- “É importante que todo o efetivo empenhado numa operação de distúrbio civil funcione como célula de informação ao seu nível, isto é, no local em que se encontra.”</p> <p>- “Serviços de informação de outros países, no EURO 2004, foram importantes para reconhecer indivíduos suspeitos com antecedentes na provocação de distúrbios e que permitiram tirar uma maior eficiência na recolha e utilização da informação.”</p>	<p>A.2.1 A.2.2</p> <p>A.2.1</p> <p>A.2.7</p> <p>A.2.1 A.2.7</p> <p>A.2.4</p>
E5	<p>- “Costuma ser feita pelo GIOP.”</p> <p>- “Quando somos ativados entramos em contato com o comandante local, tentando recolher o máximo de informação possível, com as patrulhas que estão na territorial, ou com pessoas que conhecem a zona para classificar a zona e perceber a situação que vamos encontrar.”</p> <p>- “Outras forças/equipas de segurança nacionais ou internacionais.”</p> <p>- “Equipas Intervenção Situações Especiais Ordem Pública (ISEOP) à civil podem avançar para fazer o reconhecimento e recolha de informações para o comandante.”</p>	<p>A.2.7</p> <p>A.2.1 A.2.8</p> <p>A.2.4</p> <p>A.2.7</p>
E6	<p>- “O policciamento de proximidade e os elementos das FS com a valência da investigação criminal podem recolher a informação necessária no âmbito de distúrbios civis.”</p> <p>- “A recolha de informação também se pode realizar junto de outras forças e serviços de segurança internacionais.”</p> <p>- “Mesmo entidades civis podem fornecer dados para determinar informação relativa ao número de manifestantes e origem destes, por exemplo.”</p>	<p>A.2.1</p> <p>A.2.2</p> <p>A.2.8</p>
E7	<p>- “Tirando os relatórios de operações, não existe uma recolha sistemática de informação sobre o Adv.”</p> <p>- “Recolha da informação junto do comando territorial competente.”</p> <p>- “Outras forças de segurança e entidades exteriores.”</p>	<p>A.2.5</p> <p>A.2.1 A.2.4</p>
E8	<p>- “A recolha de informações, na área da intervenção, que é uma área fechada, pequena e de pessoal especializado, faz-se através da partilha de experiências. A nível do dispositivo nacional a recolha faz-se através dos relatórios das operações sobre determinado incidente.”</p> <p>- “No local pode haver pessoal só responsável pela recolha de informação.”</p> <p>- “Filmagens de manifestações são muito importantes para a recolha de informação.”</p>	<p>A.2.7</p> <p>A.2.1</p> <p>A.2.6</p>
E9	<p>- “As informações vêm de relatórios ou quando se conhece que vamos ter uma manifestação, normalmente, o responsável pela intervenção ou pela segurança do local onde ela vai ocorrer, vai pesquisar o que se passa.”</p> <p>- “No caso da Assembleia da República (AR) existem relatórios de informações que chegam à Guarda e à AR, emanados pelo serviço de informações e segurança (SIS) e a repartição direção de informações (DI) também consegue transmitir alguma informação.”</p> <p>- “No entanto a zona é da competência da PSP e por isso, maioritariamente, temos informações via PSP.”</p>	<p>A.2.1 A.2.7</p> <p>A.2.1 A.2.2</p>

Quadro n.º 31 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QB1.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QB1.		Segmentos identificados
Considera que existe uma doutrina do Adv em distúrbios civis?		
E1	- “Não considero que existe uma doutrina do Adversário.” - “Existem sim alguns grupos que utilizam um conjunto de procedimentos comuns contra as forças de segurança.”	B.1.1
E2	- “Considero que existe um conjunto de procedimentos comum mas não afirmo que existe uma doutrina.”	B.1.1
E3	- “Não considero que existe uma doutrina do Adv mas sim um conjunto de procedimentos comuns utilizados por certos grupos que procuram criar instabilidade social, sentimento de insegurança e dificultar e descredibilizar a ação das forças da segurança.”	B.1.1
E4	- “Doutrina do Adv, existe sem dúvida.” - “Para além de existirem manuais com um nível de pormenor preocupante para as FS pois ensinam procedimentos para fazer face a uma multiplicidade de ações da força policial.” - “Em certos países considero que existe um Adv especializado para fazer face às forças da ordem.”	B.1.2
E5	- “Nalguns países existe uma doutrina, de modo geral existe um conjunto de procedimentos padronizados ou modos de atuação comuns.” - “Existe o manual prático de manifestante, em que descreve as técnicas policiais e como usarem isso a seu favor, por isso não tenho duvida nenhuma que existe uma doutrina por parte do Adv.”	B.1.3
E6	- “Não considero que existe uma doutrina generalizada do Adv pois o modo de atuação destes, varia mediante as táticas e procedimentos das forças de segurança que se deparam em cada país que são necessariamente diferentes por várias razões desde legislação, à política e cultura de cada povo.” - “Existem procedimentos comuns com padronizações e pontuais ao nível da realidade de cada país. - “Se não consegues padronizar a nível europeu uma força de ordem pública, dificilmente consegues padronizar o Adv.”	B.1.3
E7	- “Existe doutrina genérica e até escrita, com 4 ou 5 princípios dos doutrinários que são aceites por todo o Adv organizado.” - “O guia prático do manifestante é um exemplo onde o Adv obtém indicações sobre como confrontar as FS.” - “Os Black Bloc têm um nível de organização, e esse tipo de organização só se consegue com doutrina.” - “Alguns comportamentos são transversais, mas há outros muito diferentes em relação a distúrbios civis urbanos e ambientes rurais.”	B.1.2 B.1.4
E8	- “Não considero que existe mas há um padrão e as forças de segurança têm conhecimento sobre ele.”	B.1.1
E9	- “Existem formas que grupos organizados usam, em manuais na internet.” - “Existe um <i>modus operandi</i> , um conjunto de técnicas e de pontos que os manifestantes utilizam contra as FS.”	B.1.1

Quadro n.º 32 – Quadro de análise de conteúdo das respostas às QB2.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas às QB2.		Segmentos identificados
Tendo em conta a caracterização do Adv no contexto de distúrbios civis, este pode ser genericamente caracterizado como não violento, violento e incitador/agitador?		
E1	- “Considero que o critério utilizado sobre o comportamento do Adv em não violento, violento e agitador/incitador está correto.” - “Relativamente ao indivíduo é possível categorizar o Adv em violento, não	B.2.1

	<p>violento e agitador/incitador sendo que ao nível coletivo deve-se caracterizar uma manifestação como violenta ou não violenta.”</p> <p>- “Esta diferenciação é importante porque numa manifestação não violenta podemos ter presentes no local os três tipos de Adv e o mesmo acontece na manifestação violenta.”</p> <p>- “É sempre importante ter em atenção as motivações pois o Adv pode passar pelos três tipos de comportamentos.”</p>	B.2.2
E2	<p>- “É difícil ser objetivo face à variedade de situações e diferentes origens das pessoas de provocam esses distúrbios. No entanto, de uma forma genérica é possível caracterizar o Adv nas categorias de não violento, violento e agitador/incitador no plano individual e no plano coletivo caracterizar a manifestação como não violenta ou violenta.”</p> <p>- “O Adv pode adotar vários tipos de comportamento e não apenas um.”</p>	B.2.1 B.2.2
E3	<p>- “De uma forma geral caracterizo o Adv como não violento no panorama nacional, são indivíduos que não estão motivados pela violência mas procuram demonstrar o seu descontentamento sobre alguma situação.”</p> <p>- “Por vezes surgem determinados grupos para causar distúrbios sendo que aqui encontramos um Adv violento e um Adv incitador/agitador.”</p> <p>- “O Adv incitador/agitador vai tentar trazer as pessoas para a sua causa, passando esses indivíduos numa segunda fase para violentos e procura aproveitar as manifestações para as direcionar para os seus objetivos e motivar à violência e desordem.”</p> <p>- “As manifestações podem ser violentas ou não violentas dependendo das motivações dos manifestantes, da ação de grupos organizados para a desordem e até mesmo da resposta policial.”</p>	B.2.1
E4	<p>- “A caracterização com base no critério do comportamento violento e não violento faz sentido face a abrangência e variedade do tipo de Adv que se encontram em distúrbios civis.”</p> <p>- “O Adv não violento, violento e agitador/incitador pode estar inserido numa manifestação não violenta ou violenta.”</p> <p>- “A separação nesta tipologia de Adv é muito ténue pelo que facto de manifestar um comportamento não violento não impede que se venha a tornar violento, vai depender da motivação de cada indivíduo.”</p>	B.2.1 B.2.2
E5	<p>- “Concordo com a caracterização sobre o comportamento do Adv.”</p> <p>- “Mas numa manifestação podemos apenas ter dois tipos, as multidões violentas e as não violentas. Pode haver grupos de pessoas pontuais nas manifestações incitadores/agitadores, mas nunca uma multidão inteira.”</p>	B.2.1
E6	<p>- “Esta caracterização é possível mas a manifestação em si pode ser violenta ou não violenta se bem que o comportamento pode-se alterar consoante a motivação do Adv.”</p>	B.2.1 B.2.2
E7	<p>- “É uma caracterização com um critério válido.”</p> <p>- “Pode numa manifestação não violenta, existir um grupo violento que a tornam a manifestação violenta, mesmo que a maior parte dos indivíduos não o saibam, revelando-se um pouco no papel de incitador.”</p> <p>- “O comportamento do grupo é sempre diferente do comportamento do indivíduo.”</p>	B.2.1 B.2.2
E8	<p>- “Não, pois há muita diversidade no tipo de indivíduos que se pode constituir como Adv com motivações muito diferentes. Temos sempre que o contextualizar no tipo de distúrbio.”</p>	B.2.3 B.2.2
E9	<p>- “Existem 3 tipos de manifestantes: os que até vêm com a família e os filhos, mas sem desacatos, sem provocações e sem violência, contra os bens e contra pessoas; depois podemos ter manifestações que já vêm com o objetivo de se tornarem violentas, ou que alguma situação altere o comportamento das pessoas. E aí, existem ações violentas contras as FS, bens e obrigam a intervenção das FS. Depois temos um terceiro grupo que se junta às manifestações só para criar desacatos.”</p> <p>- “Pode haver indivíduos agitadores/incitadores que são controlados pela investigação criminal, que controlam os manifestantes e estes são mais radicais e vão provocar os desacatos. Depois de identificados, podíamos saber se a manifestação se iria tornar violenta em determinado sitio através da sua movimentação.”</p>	B.2.1

	<ul style="list-style-type: none"> - “Não podemos dizer que temos manifestações incitadoras/agitadoras na totalidade, apenas grupos dentro de uma manifestação.” - “Podemos ter manifestações não violentas que depois se tornam violentas, após introdução de um grupo violento.” 	
--	--	--

Quadro n.º 33 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QB3.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QB3		Segmentos identificados
Considera que existe um ADV profissional em distúrbios civis?		
E1	<ul style="list-style-type: none"> - “Não está muito claro. Existem grupos que são organizados e que já têm uma capacidade logística considerável, têm um manual de procedimentos que utilizam contra as FS e que possuem um grau de violência considerável com um grau de intervenção a nível técnico acima da média e grande capacidade destrutiva. Mas se são profissionais, tenho dúvidas.” - “Têm uma grande capacidade de deslocamento e mobilização logística.” - “Se fazem disto um modo de vida, com um ordenado, duvido. Agora, se nos focarmos exclusivamente na capacidade técnica e logística considero o Adv profissional.” 	B.3.1 B.3.2
E2	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu diria que existe algum grau de profissionalismo mas duvido que sejam remunerados para participar em distúrbios civis.” - “Do ponto de vista do conhecimento considero que sim são profissionais face às ocorrências que se têm verificado em eventos internacionais com por exemplo a Cimeira do G20 em Toronto.” - “Quanto a indícios considero que seja a existência de um manual de procedimentos que se for levada com rigor indicam que estamos perante uma Adv profissional no sentido técnico.” - “Outros indícios serão os exemplos do passado e ver o Adv a atuar de forma organizada e concertada como no Canadá, França, Espanha, Londres e os elementos das forças de segurança desses países reconhecerem em relatórios que este Adv existe.” 	B.3.2 B.3.1
E3	<ul style="list-style-type: none"> - “Não considero que existe um Adv profissional mas sim certos grupos organizados, pequenas minorias, que aproveitam as redes sociais para disseminar procedimentos, como o manual do manifestante, explorando formas de dificultar a ação das FS, causar instabilidade.” 	B.3.1
E4	<ul style="list-style-type: none"> - “A residir em Portugal não considero que exista um Adv profissional mas sim com algum grau de especialização.” - “Noutros países sim, caso da Ucrânia em que o Adv tem treinos em distúrbios civis e em vídeos na internet é possível vê-los. Em Espanha, no contato que realizei com as FS, eles consideram que sim.” 	B.3.3
E5	<ul style="list-style-type: none"> - “Não considero que haja um Adv profissional. Podem ter um conjunto de procedimentos mais ou menos organizado, mas não considero que sejam profissionais.” 	B.3.1 B.3.2
E6	<ul style="list-style-type: none"> - “Considero que existe um Adv profissional especializado em distúrbios civis em alguns casos até mesmo pagos mas não de uma forma generalizada.” - “Em situações limite existem organizações e forças militares em contextos específicos que fornecem treino, armamento, equipamento e mesmo um salário para indivíduos funcionarem como Adv no contexto de distúrbios civis.” - “No Brasil consegue-se perceber que existe um Adv preparado que causa distúrbios em locais distintos e que se apresentam equipados, com roupas e instrumentos de resistência à força policial iguais. Isto demonstra dois aspetos, preparação e especialização que são indícios de um Adv profissional pelo menos ao nível técnico.” 	B.3.3
E7	<ul style="list-style-type: none"> - “Não digo que haja um Adv de ordem pública pago, mas não tenho dúvidas que existe Adv de ordem pública com um comportamento quase como profissional.” 	B.3.1
E8	<ul style="list-style-type: none"> - “Não considero, especialmente em Portugal e internacionalmente tenho muitas dúvidas.” 	

	- “Existe sim, grupos de indivíduos com tendência para a delinquência , que se calhar vivem de rendimentos sociais, com tempo livre, e quando há algum tipo de manifestação ou confronto com as autoridades, aproveitam para se envolverem, cometendo todo o tipo de crimes de oportunidade .”	B.3.4
E9	- “ Profissionais não, porque não recebem por isso, mas temos indivíduos que são profissionais em arranjar desacatos contra as FS , na tentativa do uso da força por parte das mesmas contra o Adv.”	B.3.1 B.3.2

Quadro n.º 34 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QC1.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QC1.		Segmentos identificados
De que forma se organiza o Adv na preparação e execução de distúrbios civis?		
E1	<p>- “A própria hora do dia é importante, geralmente o horário nobre é o mais escolhido para passar uma determinada mensagem.”</p> <p>- “Existem manifestações que não envolvem qualquer tipo de preparação e execução da parte do Adv, sendo aproveitadas por certos grupos para causar distúrbios.”</p> <p>- “Alguns grupos organizados têm procedimentos para perturbar as operações de controlo de distúrbios.”</p> <p>- “Estes procedimentos estão disponíveis como manuais, apontamentos e vídeos, em <i>sites da internet</i>.”</p> <p>- “Utilizam as redes sociais e os telemóveis para contactarem entre si.”</p> <p>- “Nos casos em que as FS estão a monitorizar as redes sociais surgem muitas movimentações do Adv que depois não se vêm a verificar.”</p> <p>- “Quanto à capacidade de sustentação de um determinado grupo em termos de alojamento e alimentação não considero muito evidente. O mesmo se pode dizer em relação a instrução e treino de elementos para combater as forças da ordem que não é claro.”</p>	C.1.2 C.1.1 C.1.3 C.1.8
E2	<p>- “Ao nível da execução existem sinais que fazem transparecer algum grau de organização e preparação.”</p> <p>- “A utilização das novas tecnologias nos dias de hoje é o veículo para se organizarem.”</p> <p>- “Relativamente ao nível da execução alguns grupos demonstram alguma capacidade de organização pelo efeito que conseguem obter na provocação de distúrbios que sem coordenação ou mínimo treino não era possível.”</p> <p>- “Se há organização logicamente deve haver algum tipo de estrutura hierárquica para coordenar as ações.”</p> <p>- “Em última linha tem de haver um líder do movimento que não se dá a conhecer facilmente, sempre calmo e subtil na sua ação, controla o efeito do grupo nos distúrbios.”</p>	C.1.1 C.1.3 C.1.8 C.1.4 C.1.5
E3	<p>- “Nestes pequenos grupos, existem sempre indivíduos, líderes que coordenam ação que um determinado grupo vai tomar a cada momento, geralmente não se envolvendo diretamente nas ações desordeiras.”</p> <p>- “Em termos de posicionamento, os líderes destes grupos procuram agir como Adv incitador/agitador e ocupam uma posição mais resguardada. São indivíduos que com algum conhecimento para dificultar a ação policial.”</p> <p>- “Estes grupos organizados desenvolveram modos de atuação para provocar desordem e isso encontra-se na internet, como o guia do manifestante, vídeos.”</p> <p>- “A utilização dos telemóveis e redes sociais nos distúrbios é uma realidade.”</p> <p>- “O Adv tem em conta o local e hora em que as suas ações vão ter lugar e, muitas vezes transmite informações sobre a atividade, movimentações e ocorrências das forças de segurança.”</p> <p>- “A informação que circula nas redes sociais nem sempre se verifica nas ações que o Adv depois efetua.”</p> <p>- “Em distúrbios de maior duração, alguns grupos tem capacidade de</p>	C.1.5 C.1.7 C.1.1 C.1.3 C.1.8 C.1.2 C.1.9 C.1.10

	sustentação. No caso dos mineiros, em Espanha, é possível constatar esta situação.”	
E4	<ul style="list-style-type: none"> - “Existem grupos altamente organizados como no caso da Ucrânia que desenvolveram modos de atuação para perturbar as operações de controlo de distúrbios.” - “São indivíduos comandados que treinam para causar distúrbios como verifiquei em contato com as forças de segurança espanholas.” - “Na Ucrânia, chegaram ao ponto de terem um espécie de posto de coordenação das ações do Adv com capacidade de sustentação dos seus elementos em termos de zona de descanso, água, alimentação, entre outros.” - “A determinada altura foi possível verificar uma ação concertada do Adv com neutralização da ação das forças de segurança locais devido aos vários ataques a edifícios estatais em simultâneo que provocam a divisão das FS.” - “Os procedimentos estão disponíveis como manuais e vídeos na internet.” - “As redes sociais, são uma ferramenta de comando e controlo do Adv que dificulta bastante a recolha de informação no âmbito de distúrbios civis numa fase inicial. Em Espanha isso aconteceu.” - “No caso de Londres, o Adv utilizava as redes sociais como forma de desinformação para deslocar FS para os locais onde não estavam a ocorrer distúrbios e estes vinham depois a ter lugar noutros pontos.” - “Pelo tempo que estiveram a operar e pela eficiência com que atuava o Adv tanto na Ucrânia como por exemplo na Espanha revela não só organização como algum grau de sustentação logística.” 	<p>C.1.1</p> <p>C.1.4 C.1.5</p> <p>C.1.10</p> <p>C.1.5 C.1.3</p> <p>C.1.8</p> <p>C.1.10</p>
E5	<ul style="list-style-type: none"> - “Alguns grupos organizados desenvolveram procedimentos para perturbar as operações de controlo de distúrbios e partilham essa informação.” - “Existe uma certa estrutura de liderança e identificam-se por através de sinais, geralmente, adereços ou cores.” - “Há manuais, folhetos, vídeos na internet sobre os modos de atuação.” - “O Adv combina, em muitos casos, o local e hora em que vão causar distúrbios para fazer passar a sua mensagem.” - “O uso das redes sociais e outras aplicações é uma realidade no decorrer de distúrbios civis para coordenar ações.” - “No caso de distúrbios no Brasil, por exemplo, algum nível de sustentação tem de haver.” - “O Adv aproveita a hora do dia, normalmente o horário nobre para chamar a atenção para a causa que defende.” 	<p>C.1.1</p> <p>C.1.5 C.1.6</p> <p>C.1.3</p> <p>C.1.8</p> <p>C.1.10</p> <p>C.1.2</p>
E6	<ul style="list-style-type: none"> - “Existem grupos organizados que desenvolveram modos de atuação ou procedimentos para causar distúrbios e estes são partilhados com terceiros, principalmente através da internet.” - “Nestes grupos existe algum nível de comando ou indivíduos que coordenam as ações.” - “Tendo em conta que certos grupos se podem deslocar de países de origem diferentes para um destino comum, onde pretendem causar distúrbios, utilizam sinais para se identificarem.” - “Os elementos que fazem parte destes grupos organizados que estão a direcionar a ação do Adv procuram, geralmente, uma posição mais resguardada e não se envolvem diretamente nos confrontos.” - “O Adv define um local e hora para se manifestar, podendo até controlar os movimentos das forças de segurança.” - “A sincronização das ações do Adv não só é feita através das redes sociais como também através de aplicações, por exemplo o whatsapp.” - “Nos distúrbios que ocorreram em Londres, o Adv utilizou as redes sociais, no plano da desinformação, porque sabia que a polícia inglesa estava a controlar a informação que circulava.” - “Em situações de maior duração, alguns grupos organizados tem a capacidade de fornecer alimentação e água aos manifestantes como se constatou em Espanha.” 	<p>C.1.1 C.1.3 C.1.5</p> <p>C.1.6</p> <p>C.1.7</p> <p>C.1.2</p> <p>C.1.8</p> <p>C.1.9</p> <p>C.1.10</p>
E7	<ul style="list-style-type: none"> - “Certos grupos organizados têm modos de atuação para provocar distúrbios civis e disponibilizam essa informação como guias.” - “Há uma organização entre os diferentes elementos do grupo de Adv, sendo ela melhor ou pior estruturada, segundo o conflito em si. Quanto quanto mais vezes enfrentarem, juntos, as forças de segurança, mais organizados se tornam.” 	<p>C.1.1</p> <p>C.1.5</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - “Os elementos que fazem parte destes grupos organizados raramente se deixam apanhar e os indivíduos que estão a direcionar a ação do Adv procuram geralmente uma posição mais resguardada (agitadores) e não se envolvem diretamente nos confrontos.” - “Existem manuais na internet sobre procedimentos para confrontar as FS.” - “O Adv procura definir o local e hora em que vai atuar.” - “A recolha de informação seja nas redes sociais ou de outras origens deve ser complementada, verificada, monitorizada, no terreno, sob pena de empenharmos meios e efetivo desnecessariamente.” 	<p>C.1.7</p> <p>C.1.3</p> <p>C.1.2</p> <p>C.1.9</p>
E8	<ul style="list-style-type: none"> - “Temos sempre que enquadrar o tipo de distúrbio civil.” - “A organização vai depender se os indivíduos se conhecem entre si ou não.” - “Para falarmos de estruturas organizadas temos sempre que associar fontes de financiamento, doutrina centralizada, planos de treino, líderes, estrutura estratificada e isso não me parece existir.” - “Não há grupos organizados, há é um conjunto de indivíduos que se identificam com uma causa, que vêm em fontes abertas modos de atuação e que se unificam para um objetivo comum.” - “Podemos ter organizações momentâneas de indivíduos em que a dado momento um indivíduo mais violento se destaca, mas não considero uma organização.” - “O nosso Adv não é organizado, não é estruturado e que atua de forma inopinada perante situações de oportunidade.” 	C.1.11
E9	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando os grupos chegam, à AR as FS já sabem porque eles atuam sempre da mesma forma, com uma estrutura de coordenação visível.” - “Trocaram de roupa, máscaras e visual para evitar ser identificados.” - “Houve situações em que havia lojas a vender vasilhame vazio, para depois atirar.” - “Outra situação onde tinham meios informáticos num carro, para tirarem fotografias aos agentes para colocarem no Facebook da organização e a nível internacional. Esse carro trazia também comida e água.” - “Nas mochilas trazem roupas para mudar, comida, água, máscaras, dinheiro, tendo por isso alguma logística.” - “Há comunicação através de sinais, telemóveis, rádios de banda pequena, Facebook, estando por isso organizados.” - “10 minutos antes dos telejornais as manifestações tornam-se violentas. Houve uma situação em que houve retirada das FS e como não houve cobertura televisiva não foram bem sucedidos.” 	<p>C.1.1</p> <p>C.1.5</p> <p>C.1.8</p> <p>C.1.10</p> <p>C.1.6</p> <p>C.1.2</p>

Quadro n.º 35 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QC2.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QC2.		Segmentos identificados
Na sua opinião, que objetivo pretende o Adv atingir, através da ocorrência de distúrbios?		
E1	<ul style="list-style-type: none"> - “Os objetivos são variados e podem ser de origem política, social, económica, religiosa entre outras.” - “Por norma o Adv procura causar distúrbios na manifestação para chamar a atenção para a sua causa explorando muitas vezes o efeito da comunicação social para ampliar a transmissão da mensagem que querem passar.” - “No caso da cimeira da Nato em que surgem grupos como os <i>Black Bloc</i> que nada têm a ver com o objetivo da manifestação e cuja ação vem depois a causar graves repercussões na ordem e tranquilidade públicas.” 	<p>C.2.1</p> <p>C.2.2</p>
E2	<ul style="list-style-type: none"> - “O essencial é obter o protagonismo da causa.” - “Acredito que nalgumas situações o sentimento de impunidade derivado da ação do grupo causador de distúrbios influencia outros indivíduos à desordem não requerendo necessariamente de possuir um objetivo definido.” 	<p>C.2.1</p> <p>C.2.2</p>
E3	<ul style="list-style-type: none"> - “Sem dúvida que os objetivos visam criar a instabilidade social, o sentimento de insegurança, o caos generalizado e a descredibilização ao máximo das FS nota-se claramente.” 	C.2.2

	- “Os objetivos da manifestação em si podem não estar diretamente relacionados com os anteriores, mais com descontentamento social, reivindicação de salários por exemplo, embora possam ser direcionados para esses fins como resultado da ação do Adv incitador/agitador.”	C.2.1 C.2.3
E4	- “ Depende da motivação do Adv. ” - “ Quebra da autoridade do Estado no limite, instabilidade social, sentimento de insegurança, descredibilização do Estado através das FS.” - “ Chamar a atenção para as suas causas que podem derivar da situação política, social, económica, religiosa entre outras. ”	C.2.1 C.2.2 C.2.3 C.2.4
E5	- “Podem ser causas de ordem política, religiosa, socioeconómica. ” - “ Chamar atenção da opinião pública para o que estão a defender. ” - “ Grupos violentos tendem a criar distúrbios civis para tentar destabilizar as forças de segurança. ”	C.2.1 C.2.2
E6	- “ Depende da razão pela qual se pretende causar o distúrbio que são variadas podem derivar de problemas políticos, económicos, sociais. ” - “A provocação de distúrbios civis visa sempre chamar atenção para uma determinada causa podendo conduzir em situações limite à quebra de autoridade do Estado. ”	C.2.1 C.2.4
E7	- “Os objetivos são variados, com motivações diferentes e finalidades diferentes.” - “Tentam chamar à atenção para a causa que estão a reivindicar.” - “ Grupos organizados podem aproveitar as manifestações mais pacíficas, com fim exclusivo de causar instabilidade social. ”	C.2.1 C.2.2
E8	- “Depende da motivação dos manifestantes. É muito vago.” - “ Origem pode ser política, social, económica. ”	C.2.1
E9	- “Os <i>Anonymous</i> e os Indignados ao juntarem-se a outra causa, tendo pouca capacidade de mobilidade, vão apelar à sua causa inicial provocando desacatos. ” - “A manifestação pode ter cocktails, petardos, caixotes ardidados, quanto mais instabilidade causarem, para ver se conseguem que as FS usem a força contra eles, para se vitimarem e chamarem à atenção às suas causas , que já não são as da manifestação.”	C.2.2 C.2.1

Quadro n.º 36 – Quadro de análise de conteúdo das respostas à QD1.

Fonte: Elaboração própria.

Respostas à QD1.		Segmentos identificados
Considerando os modos de atuação que o Adv utiliza, no sentido de inviabilizar a ação das forças de segurança:		
D1.1 – Em relação à ação resistente?		
E1	- “ Provocações ligeiras, demonstrações, sim ” - “ Alguns danos de propriedade menores ” - “ Cordões humanos de pé ou sentados, sim ”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.2 D.1.1.3
E2	- “ Provocações pouco ofensivas, cordões humanos, danos de propriedade reduzidos são frequentes.”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.2 D.1.1.3
E3	- “São frequentes provocações ligeiras ou injúrias, demonstrações.” - “Possibilidade de alguns danos de propriedade e formação de cordões em frente ou à volta de um edifício ou uma área que as FS tentam desimpedir.”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.2 D.1.1.3
E4	- “O Adv não violento recorre geralmente a provocações ligeiras/injúrias, demonstrações, gritos, cantos, danças.” - “ Alguns danos de propriedade menores, vidros partidos, caixotes virados são suscetíveis de ocorrer bem como a formação de cordões humanos. ”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.2 D.1.1.3
E5	- “ Pequenas provocações , algumas demonstrações são normais.” - “ Alguns danos de propriedade, vidros partidos ou caixotes do lixo virados e cordões, sim. ”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.2 D.1.1.3
E6	- “É frequente usar pequenas provocações, injúrias, demonstrações, cantos e ainda	D.1.1

	alguns danos de propriedade reduzidos , como carros amolgados, vidros partidos e caixotes do lixo virados. - “Houve situações em que os manifestantes algemaram-se e utilizaram manilhas de betão para cobrir as algemas. ”	D.1.1.1 D.1.1.3 D.1.1.2
E7	- “ Provocações ou injúrias, demonstrações, gritos, cantos são correntes. ” - “ Danos de propriedade mas não muito expressos.” - “A utilização de cordões humanos mesmo a algemarem-se ou acorrentarem-se, verifica-se.” - “É uma situação intermédia entre aqueles indivíduos que são de facto violentos, aqueles que o são apenas em determinados momentos , condicionado muito a atuação das FS.”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.3 D.1.1.2
E8	- “ Provocações e cordões humanos surgem do momento.”	D.1.2.5
E9	- “ Slogans mais ou menos provocatórios sempre ” - “No caso da AR tentam retirar o gradeamento colocado para a manifestação e usá-lo para fazer fogueiras juntamente com caixotes. ”	D.1.1 D.1.1.1 D.1.1.3
D1.2 – Recorrem a barricadas?		
E1	- “ Sim , com o que se encontre no local , sejam árvores, contentores do lixo. ” - “Podem ser incendiadas.” - “São uma tentativa de retardar o avanço das FS e momentaneamente podem deixa-los vulneráveis à ação da multidão. ” - “Como forma de se protegerem da ação das FS , também.”	D.1.2 D.1.2.4 D.1.2.3 D.1.2.2 D.1.2.1
E2	- “Sim, com tudo o que estiver disponível, árvores, contentores do lixo, carros. ” - “Servem para retardar ou bloquear o avanço das FS.” - “Forma de se protegerem das forças da ordem. ” - “Incendiadas, é possível.”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.2 D.1.2.1 D.1.2.4
E3	- “Sim, feitas dos mais variados materiais . Normalmente são usadas árvores, veículos, contentores do lixo . Vai depender do local. ” - “Podem funcionar como meio para retardar o movimento das FS se estas avançarem em direção à barricada.” - “ Medida de proteção da ação das FS.” - “ Incendiadas é uma possibilidade. ”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.2 D.1.2.1 D.1.2.4
E4	- “Podem ser utilizadas barricadas feitas de vários materiais essencialmente os que se encontrem disponíveis. ” - “Para se protegerem do contato com as FS. ” - “Existem situações em que são incendiadas. ” - “São utilizadas para retardar os movimentos das FS e mesmo bloquear o seu avanço. ”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.1 D.1.2.4 D.1.2.2
E5	- “Podem ser utilizadas barricadas feitas de vários materiais essencialmente os que se encontrem disponíveis no terreno, com a possibilidade de serem incendiadas. ” - “Como forma de proteção ou para retardar o avanço das FS.”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.4 D.1.2.1 D.1.2.2
E6	- “A construção de barricadas é corrente de grandes dimensões e até de pequenas dimensões com mais profundidade. ” - “São usadas para retardar o avanço das FS ou para o Adv se protegerem da ação policial. ” - “Podem ser incendiadas. ”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.2 D.1.2.4
E7	- “A construção de barricadas é frequente de grandes ou pequenas dimensões como pedras ao longo da estrada , no caso de Timor-Leste.” - “Sob o ponto de vista tático a barricada serve para retardar o acesso das FS. ” - “O facto de puderem ser incendiadas é possível. ”	D.1.2 D.1.2.3 D.1.2.2 D.1.2.4
E8	- “A construção de barricadas não tem tanto a ver com modo de atuação , tem mais a ver com a aplicação prática em concreto daquela barricada e efeitos que vai provocar na população e em terceiros.”	D.1.2 D.1.2.5
E9	- “Sim, do que conseguir encontrar no local, grades, caixotes, carros. ”	D.1.2

	- “Para retardar o avanço das FS ou se protegerem da ação destas. ”	D.1.2.2 D.1.2.1 D.1.2.3
D1.3 – Utilizam ações de simulação e envolvimento?		
E1	- “Sim, para dividir as FS. ” - “Podem surgir situações de homens isolados. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E2	- “Sim, para dividir as forças da ordem que podem levar a situações de elementos isolados. ”	D.1.3 D.1.3.1
E3	- “É um modo de atuação bastante frequente e foi muito utilizado em França pelo Adv que provocou uma mudança na forma de operar das forças de ordem pública da gendarmérie francesa. ” - “Situações de homens isolados podem acontecer.”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E4	- “Sim, procurando dividir as FS e isolar elementos. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E5	- “Sim, para dividir as FS e tentar criar situações de homem isolado. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E6	- “Sim, aproveitando os acessos a ruas principais para tentar dividir a força da ordem , podendo acontecer situações de elementos isolados. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E7	- “Sim, como forma de dividir as FS que pode levar a situações de elementos isolados. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
E8	- “Um grupo de manifestantes para fazer simulação e flanqueamento necessita sempre de organização, ação de comando, meios de comunicação, treino. Em grupos de 10 pessoas não considero porque não vejo organização a esse nível. ”	D.1.3.3
E9	- “Sim, para dividir as FS. ”	D.1.3 D.1.3.1 D.1.3.2
D1.4 – Utilizam linguagem agressiva?		
E1	- “Sim é transversal a qualquer fase do distúrbio civil dirigido às FS ou não. ” - “ Provocações, comentários racistas que procuram incentivar à violência e destabilizar as FS.”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E2	- “Acontece sempre em qualquer distúrbio para criar instabilidade no local. ” - “ Provocações, seja para as FS ou para motivar para a violência. ”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E3	- “A linguagem mais agressiva é normal. ” - “Sobre as forças da ordem visa essencialmente provocar raiva. ” - “O incentivo à violência é comum.”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E4	- “Sim, verifica-se sempre para provocar as FS e motivar à violência. ” - “Gerar instabilidade. ”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E5	- “Linguagem agressiva mais explícita no sentido de provocar e destabilizar as forças da ordem.” - “Incentivar a manifestação à violência.”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E6	- “Está sempre presente. ” - “Forma de incentivo à violência. ”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E7	- “Linguagem agressiva está sempre presente. ” - “Para causar instabilidade e motivar para a violência. ”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
E8	- “ Ocorre naturalmente. ”	D.1.4.3
E9	- “ Sim , como incentivo à violência. ”	D.1.4 D.1.4.1 D.1.4.2
D1.5 – Recorrem a veículos e outros objetos?		
E1	- “ Sim , podendo empurrados contra as forças da ordem. ”	D.1.5

	- "O terreno ajuda a potenciar os efeitos."	D.1.5.1 D.1.5.2
E2	- " Sim , dependendo do que estiver no local para empurrarem contra as FS." - "Podem ser caixotes lixos , são mais comuns, podendo as descidas ser aproveitadas para aumentar a probabilidade de afetar as FS."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E3	- " Carros, pneus, caixotes do lixo , podem ser empurrados contra as FS." - "O terreno pode ser aproveitado ."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E4	- "A utilização de veículos e outros objetos como pneus, contentores , que são lançados contra as FS." - "Aproveitarem locais elevados ou janelas é possível."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E5	- "Sim, atirados contra as FS como pneus, contentores do lixo ." - "É possível aproveitarem o terreno ."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E6	- "A utilização de veículos e outros objetos como pneumáticos, mobília, carrinhos de mão, caixotes do lixo em descidas para potenciar os danos físicos no efetivo das FS e viaturas de apoio ." - " Eletrodomésticos das janelas chegaram a ser atirados contra as FS ."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E7	- "Sim, desde mobília, eletrodomésticos, carrinhos de mão, caixotes do lixo com aproveitamento do terreno para potenciar os danos físicos na força. Os pneumáticos e a mobília podem ser incendiados, também acontece."	D.1.5 D.1.5.1 D.1.5.2
E8	- "O que estiver disponível no momento e se o Adv estiver motivado ."	D.1.5.3
E9	- " Sim , o gradeamento por exemplo."	D.1.5 D.1.5.1
D1.6 – Utilizam incêndios?		
E	- "Deflagração de incêndios também são comuns quer para bloquear ou desviar os avanços das FS ou gerar confusão ." - "O dano de propriedade pode ser um objetivo do Adv." - "A disseminação de líquidos inflamáveis em pontos estratégicos como multibancos, entradas de bancos e montras de lojas também se verifica." - "São muitas vezes utilizados para o Adv se pôr em fuga ."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E2	- "São comuns para bloquear ou desviar os avanços das FS, gerar confusão e como finalidade ." - "Os incêndios podem também ser utilizados para provocar a dispersão das forças da ordem ou para cobrir a retirada do Adv de um local."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E3	- "O incêndio de estruturas e veículos causam um sentimento de instabilidade enorme tem um efeito retardador que requer poucos recursos e de pouca exposição dos incendiários ."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E4	- "Incêndios são frequentes para criar a confusão generalizada. Incendiar edifícios, veículos e outras estruturas para bloquear ou desviar avanços das FS ." - "Os danos de propriedade podem ser uma finalidade do Adv que incendeia desde bancos, lojas ou mesmo edifícios governamentais ." - "O Adv pode usar os incêndios para conseguir sair do local mais dissimuladamente ."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E5	- "Os incêndios são frequentes para criar a confusão ." - "Incendiar edifícios, veículos e outras estruturas para bloquear ou desviar avanços das FS e mesmo para cobrir a retirada do Adv ." - "Os danos de propriedade podem ser uma finalidade do Adv que pode incendiar desde bancos, lojas ou mesmo edifícios de uma forma geral ."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E6	- "Incendeiam edifícios para bloquear ou desviar o avanço das forças da ordem , dar tempo ao Adv para se coloca em fuga , criar confusão ou como finalidade em si."	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4
E7	- " Sim , a edifícios para bloquear/desviar o avanço das FS , criar confusão ou como finalidade em si, ou ainda para proceder a pilhagens posteriores."	D.1.6 D.1.6.1

	- “Estes também são usados para permitir a fuga do Adv. ”	D.1.6.2 D.1.6.3 D.1.6.4 D.1.6.5
E8	- “Como crime de oportunidade. ”	D.1.6.5
E9	- “ Sim. Em frente á AR por vezes acendem fogueiras com caixotes que estão por perto.” - “Criam instabilidade e transmitem a imagem de caos. ” - “Em muitas situações vê-se a manifestação a sair e pequenos grupos a destruírem tudo por onde passam, a criar pequenos focos de incêndio por onde passam. ”	D.1.6 D.1.6.1 D.1.6.2 D.1.6.3
D1.7 – Utilização de armamento e projéteis?		
E1	- “Utilizam meios que permitem atacar as FS como ferros, bastões. ” - “O Adv prepara-se através da aquisição de material como tubos galvanizados para os cortar e posteriormente utilizar.” - “O Adv reúne pedras , em locais estratégicos com possíveis consequências graves sobre o efetivo policial e viaturas.” - “A utilização de armas de fogo não é tão corrente ainda que seja uma possibilidade. ” - “ Todo o tipo de objetos são suscetíveis de ser arremessados desde pedras, garrafas, cocktails molotov , tudo o que possam ter disponível na zona onde se encontram.” - “ Petardos e granadas de fumos são muitas vezes aproveitados contra as FS.” - “As figas em Timor-Leste eram utilizadas pelo Adv tendo capacidade para afetar as viaturas da GNR de forma grave.”	D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E2	- “A utilização de armas de fogo dificilmente.” - “Para o confronto físico , são utilizados vários tipos de armamento, bastões, ferros, paus são exemplos.” - “ Pedras da calçada, garrafas, cocktails molotov, são suscetíveis de ser arremessados. ” - “ Petardos em algumas situações granadas de fumo são comuns. ” - “O efeito deste tipo de armamento passa por retardamento da ação das FS , ou ferimentos no seu efetivo.”	D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E3	- “Os cocktails molotov podem causar bastantes ferimentos nos elementos das FS.” - “Em distúrbios civis, todos os materiais são potenciais armas a utilizar contra as FS.” - “Desde machados, bastões de madeira facas, canos de metal a arremesso de pedras, tijolos, garrafas, paus, pedaços de madeira. ” - “As figas eram muito utilizadas em Timor Leste ao ponto de quase conseguirem inutilizar viaturas.” - “Pode acontecer também utilização de explosivos como granadas improvisadas para criar diversões, bloquear o avanço das FS. ” - “As granadas de fumo permitem o encobrimento dos movimentos que o Adv esteja a realizar.” - “Armas de fogo e, até rockets improvisados através de tubos galvanizados contra a linha de ordem pública foi um modo de atuação utilizado pelo Adv, em Espanha. ”	D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E4	- “O armamento utilizado pelo Adv é muito variado e depende da criatividade deste.” - “Na Ucrânia até mangueiras de emergência foram utilizados contra a linha. ” - “Alguns exemplos mais comuns são machados, bastões de madeira, facas, canos de metal. ” - “O arremesso de pedras, tijolos, garrafas, paus, cocktails molotov , e mesmo granadas improvisadas para criar diversões, bloquear o avanço das FS ou ferir o efetivo policial. ” - “ Armas de fogo, sim. ”	D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E5	- “O armamento utilizado pelo Adv é muito variado. ” - “O arremesso de pedras, tijolos, garrafas, paus, pedaços de madeira, cocktails molotov , tudo o que estiver disponível. ” - “ Retardar o avanço das FS e causar ferimentos na força.” - “ Armas de fogo são uma possibilidade.”	D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5

E6	<ul style="list-style-type: none"> - “As armas são várias desde machados, bastões de madeira, facas a canos de metal tudo que tiverem disponível até ao ponto de armas de fogo.” - “O arremesso de pedras, tijolos, garrafas, paus até cocktails molotov, são exemplos.” - “No caso da Bósnia-Herzegovina granadas chegaram a ser arremessadas contra a linha de ordem pública.” - “Fisgas podem ser utilizadas para aumentar o efeito de projéteis.” - “As granadas podem ser utilizadas para retardar ação das FS ou para cobrir a retirada do Adv.” - “Existe ainda a possibilidade de utilização dar armas de fogo numa manifestação embora seja menos frequente criam o pânico e confusão generalizada.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E7	<ul style="list-style-type: none"> - “O arremesso de pedras, tijolos, garrafas, paus até cocktails molotov bem como armas de fogo em situações limite, granadas, tudo o que esteja disponível. - “Fisgas podem ser utilizadas para aumentar o efeito deste material.” - “As armas são várias desde machados, bastões de madeira, facas a canos de metal tudo que houver no local.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
E8	<ul style="list-style-type: none"> - “Não é um modo de atuação, depende da motivação do Adv para a violência.” 	D.1.7.6
E9	<ul style="list-style-type: none"> - “Objetos contundentes, pedras, garrafas, objetos de arremesso que deixe a imagem de destruição.” - “Armas de fogo, granadas de fumo, petardos, cocktails molotov.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.7 D.1.7.1 D.1.7.2 D.1.7.3 D.1.7.4 D.1.7.5
D1.8 – Utilização de espetadores não violentos?		
E1	<ul style="list-style-type: none"> - “Pessoas pacíficas como mulheres crianças e idosos podem ser utilizadas pelo Adv como barreira ou “escudo” contra a ação das forças da ordem.” - “Uma manifestação pacífica pode ser motivada para a violência seja por uma situação que provoca essa reação ou por terceiros.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E2	<ul style="list-style-type: none"> - “Pessoas com comportamento pacífico podem ser utilizadas pelo Adv como barreira contra a ação das forças da ordem.” - “Motivar manifestantes pacíficos para a violência.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E3	<ul style="list-style-type: none"> - “Usar pessoas presentes que são pacíficas para criar uma barreira entre as FS acontece, por norma, junto de escolas, hospitais locais cuja os presentes possam impedir uma reação com patamares do uso da força mais elevados por parte das FS contra o Adv.” - “Pessoas com comportamento pacífico podem ser incentivadas para praticar atos violentos.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E4	<ul style="list-style-type: none"> - “Os grupos organizados utilizam os indivíduos com um comportamento não violento no decorrer de uma manifestação como uma espécie de “escudo” contra as forças da ordem.” - “É de ressaltar que estes manifestantes pacíficos podem estar coordenados com os indivíduos que causam os distúrbios.” - “Os manifestantes podem ser incitados para a violência pelo Adv.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E5	<ul style="list-style-type: none"> - “Indivíduos com intenções pacíficas podem ser utilizados como uma espécie de “escudo” contra as forças da ordem.” - “No entanto podem estar a cooperar com o Adv motivado para a violência ou adotar este comportamento.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E6	<ul style="list-style-type: none"> - “Grupos organizados podem recrutar terceiros com intenções pacíficas para praticarem atos violentos ou utiliza-los como proteção.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E7	<ul style="list-style-type: none"> - “Grupos organizados recorrem ao recrutamento de outros grupos ou indivíduos com intenções pacíficas para praticarem atos violentos ou utiliza-los como “escudos humanos.” - “Manifestantes pacíficos podem estar tão empenhados na causa dos distúrbios como o Adv.” 	<ul style="list-style-type: none"> D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2
E8	<ul style="list-style-type: none"> - “A utilização de pessoas, que não querem causar distúrbios, como que numa forma de barreira contra as FS, é espontâneo.” - “A prática de atos violentos pode derivar de uma situação que despoletou esta reação que nada se relacione com a ação do Adv violento.” 	D.1.8.3

E9	<ul style="list-style-type: none"> - “Espectadores pacíficos podem funcionar como barreira entre o Adv e as FS.” - “O que geralmente se vê na AR, são alguns grupos a provocar desacetos e o resto da manifestação não se envolvem. Mas são feitas várias tentativas de incentivar a multidão para se juntarem aos distúrbios.” 	<p>D.1.8 D.1.8.1 D.1.8.2</p>
D1.9 – E em relação a vestuário e materiais de proteção utilizados?		
E1	<ul style="list-style-type: none"> - “Quanto ao vestuário são normalmente passa montanhas para ocultar a identidade, roupas reforçadas como casacos de mota, máscaras de gás.” - “Em termos de proteção são usados capacetes de mota, caneleiras, cotoveleiras, escudos improvisados tudo que adicione uma proteção extra contra o contacto com as FS.” - “Muito usuais são as mochilas para transportar todo o tipo de material, roupa, projéteis, armas.” - “Material de primeiros socorros também é utilizado pelo Adv, nomeadamente, gases e águas em caso de utilização de gás pimenta pelas FS.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E2	<ul style="list-style-type: none"> - “Quanto ao vestuário são normalmente passa montanhas para não serem identificados, roupas reforçadas como casacos de mota, máscaras.” - “Em termos de proteção são usados capacetes de mota, caneleiras, cotoveleiras, escudos improvisados.” - “Muito usuais são as mochilas para transportar todo o tipo de material, roupa, projéteis, armas, material de primeiros socorros.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E3	<ul style="list-style-type: none"> - “É certa a utilização de materiais para esconder a identidade como passa-montanhas, lenços, máscaras variadas, capacetes.” - “As mochilas permitem transportar este material bem como projéteis, armas e máscaras de gás.” - “Recorrem ao uso de material de proteção como cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, casacos, camisolas e calças para motociclos com enchimento e proteções extra.” - “Escudos improvisados com tampas de saneamento, madeira, ou metal foram utilizados nas manifestações na Grécia.” - “O uso de material de primeiros socorros é utilizado como último recurso quando o tipo de vestuário e material de proteção não impediu o efeito das táticas e técnicas utilizadas pelas forças da ordem.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E4	<ul style="list-style-type: none"> - “Para não serem identificados ou como proteção, lenços, máscaras, capacetes.” - “Escudos improvisados e todo o tipo de material que confira proteção como joelheiras, caneleiras, cotoveleiras, casaco reforçados.” - “Mochilas com material extra são muito utilizadas.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E5	<ul style="list-style-type: none"> - “O Adv utiliza vários materiais para não ser identificado como passa-montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos, roupas escuras.” - “Mochila para transportar material extra como roupa, projéteis, máscaras de gás.” - “Recorrem a vários tipos de material para se protegerem, cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, casacos, camisolas e calças para motociclos com enchimento e proteções extra.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E6	<ul style="list-style-type: none"> - “Passa-montanhas, lenços, máscaras, capacetes para motociclos.” - “Utilizam frequentemente mochilas para transportar material extra como roupa, projéteis, armas, máscaras de gás, material de primeiros socorros nomeadamente para fraturas expostas ou não expostas e queimaduras que são as mais frequentes.” - “Usam material de proteção como cotoveleiras, joelheiras, caneleiras, ombreiras, casacos, camisolas e calças com enchimento e escudos improvisados.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E7	<ul style="list-style-type: none"> - “Lenços, passa-montanhas, máscaras, capacetes.” - “Mochilas com roupa extra, projéteis, armamento.” - “Escudos improvisados, cotoveleiras, joelheiras, caneleira, roupas com enchimento e proteções extra.” 	<p>D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.2 D.1.9.3 D.1.9.4</p>
E8	<ul style="list-style-type: none"> - “Na França, panos e óculos para se protegerem do gás, porque já sabem que é assim que as FS atuam.” - “Na Espanha, as FS privilegiam o uso de caçadeiras com munição de borracha por isso o Adv espanhol sabe que vai levar uns cartões, tampas de caixote do lixo, capacetes, para se protegerem.” 	<p>D.1.9.5</p>

E9	- “Grupos mais radicais vêm normalmente de caras tapadas. ” - “Nas mochilas trazem roupas para se trocarem e máscaras. ”	D.1.9 D.1.9.1 D.1.9.4
D1.10 – Que outros modos de atuação identifica?		
E1	- “Explora a comunicação social ou até com filmagem pelo telemóvel para expor nas redes sociais a ideia que a ação policial não está a ser adequada o que pode funcionar como incentivo à violência. ” - “Outra manobra muito frequente é a dissimulação. Inclui-se num deslocamento de uma manifestação pacífica e vai-se desmarcando para causar distúrbios regressando logo de seguida.” - “ Utilizam as redes sociais e os telemóveis para contactarem entre si. ”	D.1.11.1 D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3
E2	- “Podem explorar a vitimização como modo de atuação para dificultar a ação das forças da ordem. Ao assumir um papel de vítima o Adv pode conseguir incitar uma manifestação a reagir contra as FS. ” - “A comunicação social ou filmagem pelo telemóvel são usadas para descredibilizar as FS.” - “A dissimulação é um modo de atuação frequente. ” - “A utilização das novas tecnologias nos dias de hoje é o veículo para se organizarem. ”	D.1.11 D.1.11.1 D.1.12.3 D.1.12.2 D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.12.1
E3	- “ Em regra, na prática o que se vai verificando a nível internacional são pequenos grupos que se inserem na manifestação e vão incitando à violência. ” - “O Adv aproveita ainda estas situações com pessoas inocentes para explorar o efeito da comunicação social e tentar descredibilizar a ação das FS.” - “A vitimização como modo de atuação para explorar o potencial excesso de uso da força pelas FS, recorrendo à comunicação social ou até mesmo às redes sociais para aumentar esse efeito.” - “Por outro lado o Adv tenta mostrar que a força de segurança está a ser demasiado agressiva e pode provocar a violência na manifestação. ” - “A dissimulação é um modo de atuação que o Adv utiliza para causar distúrbios encobertos pelo movimento de uma manifestação pacífica. ” - “A utilização dos telemóveis e redes sociais nos distúrbios é uma realidade seja para comunicar ou para fazer filmagens para depois descredibilizar as FS. ”	D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.11 D.1.11.1 D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3
E4	- “A utilização do deslocamento de uma manifestação pacífica pode ser também utilizada pelo Adv como forma de ocultar os seus movimentos e praticar atos ilícitos pontuais por onde passam.” - “A exploração dos meios de comunicação social para tentar passar a ideia de uma atuação policial desadequada através do papel de vítima ou excesso do uso da força é muito frequente e pode conduzir a comportamentos violentos de terceiros. ” - “A utilização de novas tecnologias como o telemóvel ou mesmo drones são utilizados para identificar e ameaçar os elementos das forças da ordem com ameaças à sua integridade pessoal e de terceiros. ”	D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.11 D.1.11.1 D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3
E5	- “O movimento de uma manifestação pacífica é uma forma do Adv ocultar os seus movimentos e praticar atos ilícitos por onde passam. ” - “Acontece muito usar os meios de comunicação social para tentar passar a ideia de uma atuação policial desadequada pelo papel de vítima ou excesso de uso da força. ” - “A utilização do telemóvel para identificar e ameaçar os elementos das forças da ordem.”	D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.11 D.1.11.1 D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3
E6	- “O Adv aproveitar a movimentação da manifestação pacífica, para praticar atos ilícitos, usando muitas vezes casacos de duas faces para evitar ser identificado posteriormente.” - “O Adv explora o efeito da comunicação social para colocar em causa a ação das FS, numa tentativa de descredibilizar a sua ação e propósito para se encontrar no local a atuar para além de este quadro ser aproveitado para motivar outros para a	D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2 D.1.11 D.1.11.1

	<p>violência.” - “As redes sociais, telemóveis são passíveis de ser utilizados em distúrbios civis.”</p>	<p>D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3</p>
E7	<p>- “A dissimulação do Adv numa manifestação pacífica acontece.” - “Redes de comunicação como internet podem ser usadas como modo de atuação.” - “Espectadores pacíficos são usados não só para condicionar o uso da força, mas também para vitimizar o Adv perante a comunicação social.”</p>	<p>D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2</p> <p>D.1.11 D.1.11.1</p> <p>D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3</p>
E8	<p>- “Os modos de atuação variam consoante o que se estão a manifestar, onde e que tipo de manifestantes.” - “Cada caso é um caso.” - “As redes sociais são monitorizadas pelas FS.” - “Certos indivíduos podem aproveitar o deslocamento da manifestação para provocar crimes de oportunidade.” - “Podem utilizar os meios de comunicação social como televisões de forma a tentar descredibilizar as FS e tentar diminuir o uso da força.”</p>	
E9	<p>- “Por vezes indivíduos violentos vão na retaguarda de uma manifestação pacífica a causar estragos por onde passam.” - “Outra situação onde tinham meios informáticos num carro, para tirarem fotografias aos agentes para colocarem no Facebook da organização e a nível internacional.” - “Há comunicação através de sinais, telemóveis, rádios de banda pequena, Facebook, estando por isso organizados.”</p>	<p>D.1.10 D.1.10.1 D.1.10.2</p> <p>D.1.11 D.1.11.1</p> <p>D.1.12 D.1.12.1 D.1.12.2 D.1.12.3</p>

Apêndice F

Guia do manifestante no Egito

Ilustração n.º 5 – Guia do manifestante no Egito.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://www.businessinsider.com/egypt-activist-plan-2011-1?IR=T>

BUSINESS INSIDER

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

FACEBOOK LINKEDIN TWITTER EMAIL PRINT

1/10

كيف تثور بجدائة

معلومات وتكتيكات هامة

نرجو نشرها عن طريق البريد الإلكتروني والطباعة
(والتصوير) فقط.
مراقبان. حذاري وقوع هذه
المعلومات في أيدي الشرطة أو أمن الدولة.

How to Protest Intelligently

Important information and tactics

Please distribute through email
printing, and photocopies ONLY!

Twitter and facebook are being monitored. Be careful not
to let this fall into the hands of the police or state security.

BUSINESS INSIDER

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

FACEBOOK LINKEDIN TWITTER EMAIL PRINT

2/10

مطالب شعب مصر

- ١- إسقاط حكم مبارك ووزرائه.
- ٢- إلغاء قانون الطوارئ.
- ٣- حرية.
- ٤- عدالة.
- ٥- تكوين حكومة جديدة غير عسكرية
يكون قلبها على الشعب المصري.
- ٦- الإدارة السليمة لجميع الموارد المصرية.

The Demands of the Egyptian People

1. The downfall of the regime of Hosni Mubarak and his ministers.
2. The cessation of the Emergency Law
3. Freedom
4. Justice
5. The formation of a new, non-military government with the interests of the Egyptian people at heart.
6. The constructive administration of all of Egypt's resources.

Ilustração n.º 6 – Guia do manifestante no Egito.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://www.businessinsider.com/egypt-activist-plan-2011-1?IR=T>

BUSINESS INSIDER

f t in BI Intelligence Events
Sign-in Editor Q

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

FACEBOOK LINKEDIN TWITTER EMAIL PRINT

3/10

الأهداف التكتيكية للعصيان المدني

- 1- الإستيلاء على المباني الحكومية الهامة.
- 2- محاولة ضم أفراد الشرطة والجيش إلى صفوف الشعب.
- 3- حماية إخواننا وأخواتنا الثوار.

The Strategic Goals of Civil Disobedience

1. To take over important government buildings.
2. To attempt to win over members of the police and army to the side of the people.
3. To protect our brothers and sisters in revolution

BUSINESS INSIDER

f t in BI Intelligence Events
Sign-in Editor Q

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

FACEBOOK LINKEDIN TWITTER EMAIL PRINT

4/10

خطوات التنفيذ

- 1- التجمهر مع الأصدقاء والجيران في الشوارع السكنية البعيدة عن تواجد قوات الأمن.
- 2- الهتاف بإسم مصر وحرية الشعب (هتافات إيجابية).
- 3- تشجيع سكان العمارات للانضمام (بشكل إيجابي).
- 4- الخروج في مجموعات ضخمة إلى الشوارع الرئيسية لجمع أكبر حشد ممكن.
- 5- السير نحو المباني الحكومية الهامة (مع الهتاف الإيجابي) للإستيلاء عليها.



Steps for Carrying Out the Plan

1. Assemble with your friends and neighbors in residential streets far away from where the security forces are.
2. Shout slogans in the name of Egypt and the people's freedom (positive slogans).
3. Encourage other residents to join in (again with positive language)
4. Go out into the major streets in very large groups in order to form the biggest possible assembly
5. Head toward important government buildings while shouting positive slogans- in order to take them over.



Ilustração n.º 8 – Guia do manifestante no Egito.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://www.businessinsider.com/egypt-activist-plan-2011-1?IR=T>

BUSINESS INSIDER

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

2. Other uses for Spray paint: on the windows of armored vehicles and of security cameras

3. You can also put a wet towel in the vehicle's exhaust pipe

4. You can also throw plastic bottles filled with soapy water under the tires of armored vehicles to upset their balance and impair driving

كيفية استخدام الأدوات - تكملة
٢- إستخدامات أخرى للدوكو:
على زجاج العربة المدرعة وكاميرا المراقبة العليا.

٣- يمكنك أيضاً زرع فوطة مبللة داخل شاكمان العربة لإيقافها.

٤- يمكن أيضاً قذف الأكياس البلاستيكية المليئة بماء الصابون على طارات المدرعة ليختل توازنها وهي تسير.

BUSINESS INSIDER

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

Some Kinds of Niceties

بعض أشكال اللافطات

الشرطة والشعب
معاً ضد الظلم!
تحية مصر!

The police and the people
together against oppression!
Long Live Egypt!

Ilustração n.º 9 – Guia do manifestante no Egito.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://www.businessinsider.com/egypt-activist-plan-2011-1?IR=T>

BUSINESS INSIDER

f In BI Intelligence Events
Sign in Edition Q

Egyptian Activists Distributed This 26-Page Guide On How To Fight Riot Police

FACEBOOK LINKEDIN TWITTER EMAIL PRINT

9/10

كيفية نشر وتوزيع هذه المعلومات

١ - نرجو عدم استخدام ال (twitter) أو (facebook) أو المواقع الإلكترونية، فكله مراقب من قبل الداخلية.

٢ - إنشر عن طريق ال email أو الطباعة والتصوير، خصوصاً إن كنت صاحب أو مدير مكتب أو محل.

٣ - لا تخن أهل بلدك وأحرص على عدم وقوع هذه المعلومات في أيدي أي شخص يعمل بالجيش أو الشرطة.

اللهم بلغت، اللهم فاشهد.

تحية مصر.

How to Print and Distribute This Information

1. Please don't use facebook, twitter or websites, all of these are monitored.
2. Distribute by E-mail, street publication, or over the phone, especially if you are the manager or owner of a shop or office.
3. Don't betray the people of your country and take care not to let this information fall into the hands of anyone who works for the army or police.

God was, God can
Long live Egypt!

Apêndice G

Guia do manifestante no Reino Unido

Ilustração n.º 10 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.
Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

Demonstrations guide

Information on and guides to organising and participating in demonstrations, marches, pickets and other similar activities safely and effectively.

Guide to public order situations



A brief survival guide for when a demonstration turns into a riot or public order situation, and preventing the police from gaining the upper hand once a situation has occurred.

This article is focussed on the UK, but some points are universal.

Bear in mind that the police are probably much better equipped and trained for close combat than you or I. They have been psyching themselves up for hours, are likely to have plenty of reserves standing by and usually feel confident with the law behind them. Beating the police is about outwitting them, not necessarily hitting them over the head.

The aims and methods of the state

British Law has traditionally been concerned with keeping the peace and not necessarily preventing or solving crime.

The roots of such public order policing can be traced back to the common law offences introduced to control the havoc caused by mercenaries returning from the Hundred Years War. These laws evolved into the 1967 Riot Act, which established in law the concept of arresting anyone present at a riot, regardless of whether they are guilty of violent acts. The Riot Act no longer exists, replaced by the Public Order Act in 1986. The reality of the situation is that the police act as if it did.

The Public Order Manual of Tactical Operations and Related Matters provides the police with clear instructions for dealing with situations where public order is threatened. This manual has never been made public, has no legal standing and was never discussed by Parliament. It basically gives the police guidance in the use of pre-emptive acts of violence, to achieve the following:

1. To break the crowd up into manageable portions, keep them moving then eventually disperse them.

Ilustração n.º 11 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

2. To provoke violence as a way of justifying their actions and flushing out any ringleaders.
3. To contain the crowd and stop the trouble spreading.
4. To intimidate and break the spirit of the crowd.
5. To gather evidence for later.

The manual contains details of tactics which include the use of snatch squads, baton charges and the use of horses to disperse and intimidate large crowds. Make no mistake - the cops will be prepared to do whatever it takes to ensure that our actions and protests are ineffective.

So how do we make sure our actions are effective?

- Don't be tempted to stand around and fight – get to where you can cause disruption without the police around.
- Keep moving, as a group and individually. Fill gaps. Never stand still – chaos puts the police off.
- Nip police attempts to form lines or divide the crowd in the bud.
- Don't be intimidated.
- Do everything in small teams, prepare in advance.
- Think defensively. Protect each other and escape routes.
- Always face outwards, ie. away from us and towards them.
- Link arms as often as possible, form barriers, use your body.
- Move quickly and calmly, never giving the police time to react.

Preparations

Staying out of jail and hospital need not be hard work. Most people caught up in riots manage it. But with a bit of forethought you can turn surviving a public order situation into a living order situation!

The aims of the protestors

No one really 'wins' at the end of the day, but that doesn't matter. What matters is that you are un-hurt, still free and some egg is still stuck to the face of your original target after the police have been and gone.

With all that in mind, we suggest you stick to these three basic aims when you find yourself in a riot:

1. Get you and your mates away safely, rather than fighting.
2. Find a place to cause embarrassment and economic damage to your real target, rather than fighting.
3. Help others in trouble by administering first aid and de-arresting, rather than fighting.

Sticking together

Always try to form an affinity group before setting out and at least have a buddy system whereby everybody has one person to look out for, and to act with, when a situation arises.

Affinity groups are just a handful of people who work together as a unit, as and when circumstances arise. They can meet beforehand to discuss ideas and possible reactions, practice or role play scenarios. The more your group meets, the quicker your reaction times will get and your effectiveness will improve. Affinity groups can often act without the need for internal discussion, they naturally develop their own shorthand communications and can divide up skills and equipment amongst each oth-

Ilustração n.º 12 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

er. Water, D-locks, paint, first aid, food, banners and spare clothes is a lot for one person to carry, but divided up between five people it's nothing.

Do pay attention to what you're going to wear in advance. Consider precautions that are discrete, adaptable, easy to apply and discard. Thinking about these threats in advance will help:

1) Surveillance

Masking makes it difficult to identify individuals in a crowd and if everyone masks up no one will stand out. The cut off sleeve of a long sleeved t-shirt makes a good mask. Wear it casually around your neck. If you wear glasses use a cut off section of a stocking (hold-ups work best as they have thick elastic) instead of a t-shirt, this prevents glasses steaming up. You can use it as a hair-tie, if you're a hippy type, until you need it.

A hooded top will cover most of your face and a baseball cap on its own provides good protection from most static cameras, which are usually mounted high up. Sunglasses give good protection against harmful rays including UV and CCTV. Worth bearing in mind is that the Crime and Disorder Act 1998 made an Amendment to Section 60 of The Criminal Justice and Public Order Act 1994. It gives any uniformed police officer the power to insist on the removal of any item of clothing a person is wearing or may wear for the purpose of concealment of identity. The item can be seized and retained.

2) Truncheon blows

A placard makes a good temporary shield and light strips of plastic under your clothing or on the forearm could offer some protection. Unless you are intending to try and break police lines, the best protective clothing is probably a good pair of running shoes. More recently, the WOMBLES - inspired by Italy's Ya Basta group - have taken a more positive stance to protection by wearing thick layers of padding under their clothes, together with helmets. This enables them to keep police lines at bay, protecting themselves and the crowd behind them from truncheon blows. They are able to push through police lines and free demonstrators trapped by the use of a Section 60 (see later).

3) CS Spray

The best authorities suggest a solution of camden tablets (used to clean home brewing equipment), some say use lots of water, but its effectiveness is unclear. Whatever you do don't rub it in or take a hot shower. If in doubt get clear and let the wind blow it away from your skin. This will take 20 minutes.

4) Baton charges

If you want to take a banner, use long strips of plastic haulage tarps rather than a sheet. This can be used as a moveable barrier to stop charging police or for you to advance behind. Wrap the ends in on themselves so the police can't easily grab it. Hide behind and hold on tight.

Defending

If you aren't doing anything else you should always be defending.

Whether that means securing a building, strengthening your position on the street, barricading (see later) or protecting others. Here are some ideas:

Ilustração n.º 13 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

1. Keep looking outwards. For example, if someone is being given first aid, stand and face away from them.
2. Form cordons as much as possible. Anything the police want, including buildings and especially sound systems needs a strong outwardly facing cordon. Things may be quiet and you feel like a prick linking arms or holding hands with complete strangers, but do it. Repeat the mantra 'It's not a hippy peacenik thang, it's a rock hard revolutionary thang.' Take a leaf out of the police manual: stand like you're about to do 'the conga' and stick your right hand down the back of the trousers of the person in front, repeat along the line, asking permission first. It's virtually unbreakable.
3. Get into the habit of dancing with your back towards the sound system.
4. Someone needs to watch the police from a good vantage point, so that their next move can be pre-empted. On top of the sounds van is not a good place; no one can hear when you shout "Here come the dog handlers! Fucking run!" and any gestures you do will be interpreted as dancing...
5. Sitting down is good for dissuading the police from charging, but you should only do it in large numbers and the crowd needs to feel confident. We advise you to sit down as soon as the shout goes up, hesitating is not good, you can assess the situation once you're down there. Hopefully others will do the same. If it still looks viable five seconds later, link arms with your neighbours. There are times when sitting down is not really recommended – horses are maybe too unpredictable but the authors have never seen horses charge into a seated crowd, the way they do into a standing crowd. It's a good way to avoid the crowd getting split up. Some particularly violent gangs of police just aren't worth it either. Only experience will teach you when to sit down.
6. Barricades can be more hassle than they are worth. A solid impassable barricade can reduce your own options when you need to run. Bear in mind that anything you build now you are likely to get dragged over later - leave out the barbed wire. The best barricades are random matter strewn all over the place – horses can't easily charge over them, police find it hard to hold a line in among them, but individuals can easily pick their way through. If you know police are advancing from only one direction and you have clear escape routes behind, barricades can be sensible. The tactics the cops developed during the 1980's riots was to drive the van into crowds with TSG [Tactical Support Group] in the back, jump out and arrest everyone they caught. Barricades are an effective way of stopping this.
7. The best form of defence of all is CHAOS! A complicated hierarchy needs orders to act on and those orders come from individuals making informed decisions. If the situation changes constantly they simply cannot keep up. Keep moving all the time, weave in and out of the crowd. Change your appearance. Open up new directions and possibilities, be unpredictable. If you find yourself stood still and passive for more than a minute then you've stopped acting defensively.

Basic police choreography

With any crowd the police will be looking to break it up as soon as possible. Crowd dispersal is achieved with baton charges, horse charges and sometimes CS gas and vehicles. Some particularly nasty or out of control units may pile straight into the crowd, but there is usually a gap between the time they arrive and the start of the dispersal. This stalling time is often just dithering by the commanding officer, or psyching-tooling up time for the troops (the latter is easy to spot). This aside,

Ilustração n.º 14 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.
Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

there are three more reasons why they aren't wading straight in, see if you can spot them next time you're waiting for 'kick-off':

1. They haven't worked out where they're going to disperse you to.
2. They want to gather more evidence/flush out more ring leaders. This involves keeping you right where they can see you and provoking you like hell. They will film you and photograph you and send out snatch squads to pick off individuals.
3. They are waiting for back up because you outnumber them or are in danger of gaining the upper hand.

However, since Euston Station, November 30th 1999, the police have been using the tactic of coralling people and preventing them from leaving. Section 60 of the Criminal Justice Act 1994 gives police blanket powers to stop and search anyone in a certain area where they 'reasonably suspect' there will be incidents of serious violence. Often this tactic is used to gather information, but you're not obliged to help. They can't read anything of yours (address book, bank cards etc) and you don't have to give a name or address, but they can search you for weapons only. Being held for hours is dispiriting, you can't do much, and the police may push you about and provoke an opportunity to crack a few skulls. This is where the WOMBLES come into their own, you can take a more positive approach and not just wait around until the cops allow to let you leave. The old bill may also detain people to prevent a breach of the peace where they fear one is imminent. The legality of this is questionable, there will most likely be legal challenges in the near future.

The dance steps

OK, so they've stopped fucking around and now it's time to send you home, with a great story to tell your friends (let's face it, they won't see the truth on the news). The bulk of the action is shocking in its predictability. The following will be repeated over and over, in different combinations, until they win or get bored:

1. Officers in lines will pen you in (preferably on the pavement).
2. Officers in lines will push into a crowd to divide it in half.
3. Batons/horses/CS spray attack penned in crowds to lower morale.
4. Charges that slowly push you down a street (rush of cops > > strengthen line > repeat).
5. Crowds throwing missiles will be 'put to flight', as it's harder to throw stuff if you are running.
6. Shift changes. (Often look for the arrival of reinforcements. It is important to try and spot the difference for reasons of morale, and that they are vulnerable during shift changes).

Most of the above require the individual officers to be in tight lines, so it's important to stop those lines forming. Unfortunately we are quite bad at this. The first line drawn is the most crucial and most people don't see it coming. The police will try and form lines right in amongst you if they can, thus weakening your position at the same time as strengthening theirs.

Line dancing or stopping lines forming

If the crowd seems volatile, the police will hold right back and the first line drawn will be some distance away. But if you are all hanging around looking confused and passive they will sneak right in amongst you and the first lines will be dividing lines. This is how it works:

Ilustração n.º 15 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

The first divide the crowd up into 'actors' and 'viewers'. Small groups of officers will move into the crowd and start politely encouraging the timid ones onto the pavement. Once the crowd starts moving the way they want, those little groups of cops will get bigger and start joining up. Before you know it, there's two crowds on two pavements with two lines of cops penning them in. Let the head cracking commence. Or...

- Don't stand and watch them.
- Don't look like you'll let them get anywhere near you.
- Spot gaps in the crowd and fill them.
- Work out which space they want to take and get there with your mates first.
- Get long tarp banners to the front to stop them advancing and filming.
- Protect your escape routes by standing in them.
- Get those who have turned into spectators off the pavements, back in the crowd and moving around.

Of course, now having resisted being split up and penned in, they may just let fly with the baton charge. But at least you're now in a stronger position to deal with it and escape. Whatever happens next, don't just stand there waiting for it. If you've managed to get their line drawn far away, you've bought valuable time and space – so use it! Even if their line is right up against you, they still haven't broken down your numbers.

However, it's only a matter of time before the police try and get closer/break you up again. Use the time to get out of there slowly and in one block, this is the last thing they want – a large mob moving around freely. Whatever you do, don't stand there waiting for them to try again. You are now in control to go and do whatever you want, so do it. If they have blocked your only exit, try...

Counter advancing

This involves moving your lines forward into theirs, thus gaining more space and opening up more exits. Use the front line as a solid wall, linking arms and moving slowly forward. Use the long banner like a snowplough (this stops them grabbing you or breaking the line, they can still hit you with truncheons though). If there's enough of you WOMBLED up, your protective clothing will make that get-away that much safer and easier.

Snow plows

A line of crowd control barriers can also be carried by the front line like a snowplough to break into the police ranks. The front of the 'plough' can then be opened once their line is breached and the barriers pushed to the side to contain the cops. This all needs a lot of co-ordination and balls, the advantage gained will not last long, so push all your ranks forward through the gap straight away.

Using your body

Your body is your best and most adaptable tool. It is best used in concert with others. For instance it could take a long time for twenty to scale a wall, but stand two people against the wall, bowed together with their arms locked and you've got a set of human steps! (Those waiting to climb can link arms around the steps to protect them). Always look for ways to use your body to escape.

Re-forming

Keep looking for ways of increasing your numbers, by joining up with other groups and absorbing

Ilustração n.º 16 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

stragglers. Everyone has to get out and you'll stand a better chance of getting out unharmed, with all your belongings and equipment if you leave together at the same time.

Snatch squads

When the police want to isolate and arrest an individual in a crowd they will usually employ a snatch squad.

Watch for groups of ten or so fully dressed cops, rallying behind the police lines. They will be instructed by evidence gatherers and a superior (you can often spot them pointing out the person to be snatched). The lines will open temporarily to let the squad through. Half the officers will perform the snatch, the other half will surround them with batons, hitting anyone who gets in the way. Once they have their target he/she is bundled away, back behind police lines.

Try and beat the snatch squad by:

1. Keeping the crowd moving around.
2. Spot the squad preparing.
3. If possible warn the target to get the hell out of the area.
4. Linking arms in an impenetrable wall in the squad's path.
5. Surround the squad once they are in the crowd and intimidate them so much that they panic and give up.
6. If you are being grabbed or pressure pointed, keep your head and arms moving. Don't lash out if you can help it, or you will end up with an assault charge too.

De-arresting

The best time is to do this is as soon as the snatch has happened. You need a group who know how to break grips and some people to act as blockers. Once you've got your person back all link arms and move off into the crowd. The police may try and snatch back or arrest one of the de-arresters.

This guide is an ongoing project. Please send your comments and additions to us for the next version, to 'Public Order Guide' c/o Manchester Earth First! Dept. 29, 255 Wilmslow Road, Manchester M14 5LW

Edited by libcom.org, last reviewed 2006

Ilustração n.º 17 – Excerto do guia do manifestante no Reino Unido.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <https://libcom.org/files/Demonstrations%20guide.pdf>

An activist's guide to basic first aid



A short guide to health care and first aid to be used on demonstrations or during direct action when injuries are possible, such as large pickets, blockades or demonstrations.

Preparation

What to wear

- Comfortable, protective shoes that you can run in.
- Clothing covering all your skin to protect from sun and pepper spray exposure.
- Shatter-resistant eye protection (ie. Sunglasses, swim goggles, or gas mask)
- Bandana to cover nose and mouth soaked in water or vinegar, it can aid breathing during chemical exposure.
- Weather-related gear (ie. Rain gear or sun hat)
- Heavy duty gloves if you plan to handle hot tear gas canisters.
- Fresh clothes in plastic bag (in case yours get contaminated by chemical weapons)
- A cap or a hat to protect from the sun and from chemical weapons.

What to bring

- Lots of water in a plastic bottle with squirt or spray top, to drink and to wash your skin and eyes in need be.
- Energy snacks
- A small medi-kit with bandages, plasters, tape etc.
- Identification and/or emergency contact information ONLY if you want to be cited out of jail in the event of an arrest.
- Just enough money for pay-phone, food, transportation.
- Watch, paper, pen for accurate documentation of events, police brutality, injuries.
- Water or alcohol based sunscreen.
- Inhaler, epipen, insulin or other meds if applicable.
- Several days of prescription medication and doctor's note in case of arrest.
- Menstrual pads, if needed. Avoid using tampons; if you're arrested you may not have a chance to change it (tampons left in for more than six hours increase your risk of developing toxic shock syndrome)

What not to do

- Don't put Vaseline, mineral oil, oil-based sunscreen or moisturisers on skin as they can trap chemicals.
- Don't wear contact lenses, which can trap irritating chemicals underneath.
- Don't wear things that can easily be grabbed (ie. Dangly earrings or other jewellery, ties, loose hair)
- Don't go to the demo alone, if you can help it. It is best to go with an affinity group or some friends

Apêndice H

Guia do manifestante dos *Anonymous*

Ilustração n.º 18 – Excerto do guia do manifestante dos *Anonymous*.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://ulrikbrask.dk/Media/Anonymous%20-%20RiotGuide.pdf>

Protestors Guide to Organize Demonstrations Amidst Repression (Handbook)



A N O N Y M O U S

DRAFT VERSION

Due to the fact that there are countries starting to face their governments/regimes, a "Riot Guide" is needed as a how-to guide to demonstrations. So this guide exists to rectify that situation.

Tips:

Teargas (see How to deal with Tear gas chapter)

- * Check the wind and move against the wind
- * Spread the information to other demonstrators on the streets about where to go
- * Never go out without little masks. Cover your mouth and nose.
- * Synthetic fibers are better to wear (Ex. Nylon, Acrylic, Polyester). The teargas will not stay on clothing made from these.
- * Fabric doused with vinegar will help neutralize teargas.
- * If you have some, rinse your eyes with physiological saline or water.

Ilustração n.º 19 – Excerto do guia do manifestante dos *Anonymous*.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://ulrikbrask.dk/Media/Anonymous%20-%20RiotGuide.pdf>

Teams

(If Possible Organize Different Leaders)

BE PEACEFUL! DO NOT ENGAGE IN VIOLENCE IF POSSIBLE! WHEN POSSIBLE, DO NOT ANSWER VIOLENCE WITH VIOLENCE IF AT ALL POSSIBLE! TEAMS SHOULD, ACT LIKE PROS!

Different teams, different objectives

Every team needs a person in charge (if possible get Walkie Talkies, referred as WT).

All people that are subject to teams should be wearing cloth with colors, which corresponds with the team.

Important teams:

Runners (White)

Gives information from HQ to other teams and back!

(Need perfect knowing of the neighborhood, with mobile capabilities => bike or so.

If no bike is available, the fastest runner will have to do.)

May also serve as a support team if any other team is in need of backup.

(Used for secret message that can not be send by WT)

Medical Team (Red)

Is in charge of helping people that needs help

Be sure to act nice! **THIS TEAM NEEDS RESPECT!** In case of an emergency, you want as many people to help you as possible! It is very important that someone can take a leader position!

People in this team should carry scissors, Band-Aids, gauze, antiseptic, painkillers, Physiological Serum, a lot of water, protein bars and a lot of other stuff. Please check the FirstAidGuide.

Red teams need to very well marked so it is obvious to the people with the guns what they're doing. Examples: Big patch with red cross/red crescent, reflectors and red clothing.

Documenting Team (Green)

Very important - People taking pictures, filming and documenting

Using cell phones to create WiFi networks! Upload material as it happens!

Ilustração n.º 20 – Excerto do guia do manifestante dos *Anonymous*.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://ulrikbrask.dk/Media/Anonymous%20-%20RiotGuide.pdf>

Don't necessarily need to be in the riots. Can stay back to organize data from wireless communications, and other places where data about what is going on can be accessed. The more that gets out of the riots, the better, as this will draw media attention.

Protect yourself to upload data: <http://pastebin.com/ksw2Xzxd> | We do NOT propagate violence.

Use *Anonymous* contacts to support on editing and spreading the information; *Anonops.ru* will help you - leave the editing to people outside the riots, just keep recording, we'll do the rest.

Real footage and reports are important; cause the media might be not on side or report in a correct and expected behavior. In some cases your government may have blacked out all media from reporting. When this happens, ordinary citizens become reporters, so capturing video/images is very important to get your struggle into the world and gain international support.

Blur faces of people on pictures! Prevents oppression.

Green Team should be updating Google Maps if possible, letting rioters know in real time where police are moving. +1 (useless in presence of high-tech cops, with operator cars and videos monitoring (like EU and US zone).

Front Row Team (Black)

These people usually confronts authorities (Be non violent if possible)

The front row demonstrators are what the news and other media will focus on, they should be well prepared to relay their message effectively. (Signs, Banners, Megaphones, T-shirts, Effigy's, etc)

Protect yourself: wear cushions, helmets, ski goggles or even a gasmask.

Observation Team (Gray)

Equipped with Walkie-Talkies, Smartphones, etc.

Posting on Rooftop or someplace high, giving an overview on the streets. Being stationed up high allows you to see where there is police presence, how many the demonstrators can expect, which direction they're going, etc.

As much as you may want to show active support with t-shirts, banners

Ilustração n.º 21 – Excerto do guia do manifestante dos *Anonymous*.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de <http://ulrikbrask.dk/Media/Anonymous%20-%20RiotGuide.pdf>

(or possibly throwing some rocks from the rooftop you are looking from), you should refrain from doing so. You do not want any attention that can be avoided. Doing so should allow you to move throughout the city as needed, generally unmolested by the authorities.

Could be using cell phones to create WiFi networks too! Helping to upload material of what happens (as they observe, they're also in open space, what helps for wireless networks!

BASE Team:

Try to set HQs with link to the outside and relay for Crowd teams, (WTStation)

Could coordinate movement through maps, following teams and preventing them from falling in traps

A fast Internet connection is great here, as this team should both provide info to The Running team and fellow Anon's/NewsGroups far and wide.

Groups: Get yourself (and the group(s) you're working with) cheap

mobiles with spare sims (I've known cops nick the sim cards out of phones while searching before) so you can stay in constant touch if you get split up. You can also 'tweet' 'fb' etc info as and when it happens.

Make up group names! Just something short you all remember. This gets useful in unmanageable situations. If you lose the others of your group, you don't need to call their names (which could be written down by police).

Groups should not be bigger than 6 people. Small groups mean more mobility. Big groups are slow, especially in deciding what to do.

Talk about what you want to do before you go to a demonstration. Respect it if someone doesn't want to take risks. Think about getting together with people who want to do the same thing to avoid too much discussion.

Get to know the area before just turning up! It's no good turning up then the cops steam in and you've got nowhere to retreat to. Better to know where you are and where you're going so you retreat around a corner and turn up again behind them from another.

Spread maps of the area with important targets. See the 5-finger-tactic and out-of-control tactic <http://de.wikipedia.org/wiki/Fünf-Finger-Taktik> (German)

Anexos

Anexo A

Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012.

Ilustração n.º 22 – Número de ocorrências de alterações de ordem pública na Assembleia da República, no ano de 2012.

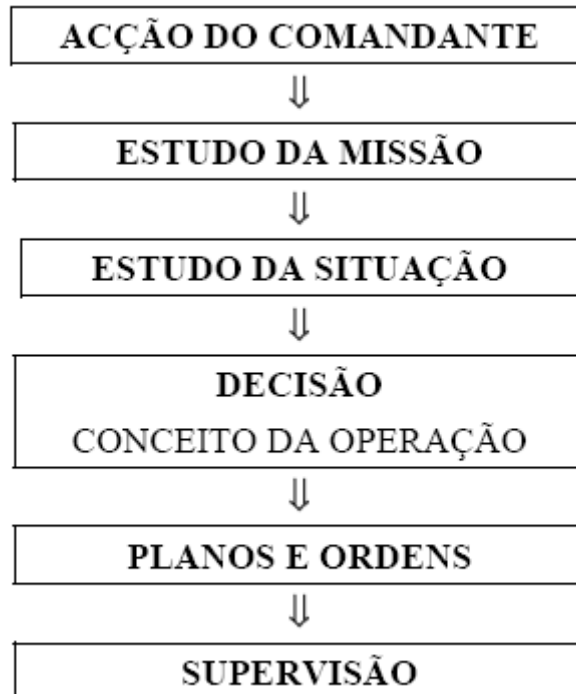
Fonte: Gabinete de Segurança da Assembleia da República

MANIFESTAÇÕES 2012				
MÊS	Nº MANIF.	SEM INCIDENTES	COM INCIDENTES	
JANEIRO	3	3	---	
FEVEREIRO	4	4	---	
MARÇO	4	4	---	
ABRIL	4	4	---	
MAIO	5	5	---	
JUNHO	2	2	---	
JULHO	11	11	---	
AGOSTO	4	4	---	
SETEMBRO	12	10	2	15SET (19H45/04H00) 29SET (18H15/23H00)
OUTUBRO	20	17	3	13OUT (17H55/19H30) 15OUT (17H15/02H30) 31OUT (13H55/23H00)
NOVEMBRO	20	19	1	14NOV (14H25/21H30)
DEZEMBRO	5	5		
TOTAL	94	88		6

Anexo B

Sequência simplificada das ações de comando

Ilustração n.º 23 - Sequência simplificada das ações de comando.
Fonte: Guarda Nacional Republicana



Anexo C

Enquadramento da GNR no Sistema de Forças Nacional

Ilustração n.º 24 – Enquadramento da GNR no Sistema de Forças Nacional.
Fonte: <http://www.gnr.pt/default.asp?do=t04/14tn0vCnpl/qrsv0vpn1EE>

